



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



ROGÉRIO ARAÚJO DE ALMEIDA

EXPRESSÕES POPULARES E PODCASTS: uma proposta para o ensino de história na Educação Básica (Santo Antônio do Tauá/Pa, 2019/2021).

ANANINDEUA-PA
2021

ROGÉRIO ARAÚJO DE ALMEIDA

EXPRESSÕES POPULARES E PODCASTS: uma proposta para o ensino de história na Educação Básica (Santo Antônio do Tauá/PA, 2019/2021).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA)/ Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará/ *Campus* Universitário de Ananindeua, como quesito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Conceição Maria Rocha de Almeida.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

A447e Almeida, Rogério Araújo de.
Expressões Populares e Podcasts: : uma proposta para
o ensino de história na educação básica (Santo Antônio do
Tauá/Pa, 2019/2021) / Rogério Araújo de Almeida. — 2021.
xiii, 132 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Conceição Maria Rocha de
Almeida
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional
em Ensino de História, Ananindeua, 2021.

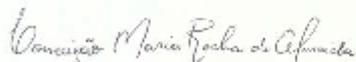
1. ensino de história. 2. linguagem. 3. expressões
populares. 4. sala de aula . 5. podcasts. I. Título.

CDD 370.71

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

ROGÉRIO ARAÚJO DE ALMEIDA

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pela orientadora Profa. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Carlos Leandro da Silva Esteves, Prof. Dr. Tony Leão da Costa e Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle reuniu-se no dia 28 de dezembro de 2021, às 09:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **ROGÉRIO ARAÚJO DE ALMEIDA** intitulada: “REFLEXÕES SOBRE EXPRESSÕES POPULARES E ENSINO DE HISTÓRIA NUMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL EM SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ (PA).” Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA** com conceito “BOM” pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.



Profa. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida
Orientadora



Prof. Dr. Carlos Leandro da Silva
Esteves
Membro da Banca - PPGEH – UFPA



Prof. Dr. Tony Leão da Costa
Membro Externo da Banca – DFCS – UEPA



Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Membro da Banca - PPGEH – UFPA

Vó – Francisca Almeida (In memoriam)
Christian Denys Martins Amorim (In
memoriam)

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato a minha família, em especial a Dona Marinalva minha Mãe, a Karina minha esposa e ao Heitor meu filho. E também aos meus irmãos: Raquel, Robby e Rick que sempre me apoiaram.

Agradeço infinitamente a minha orientadora a Professora Conceição Almeida por ter me guiado nos caminhos da pesquisa. E em muitos casos pegou em minhas mãos levando-me a uma escrita mais científica.

Agradeço também aos professores: Tony Leão, Wesley Kettle e Carlos Leandro Esteves pelas importantes contribuições dadas durante a qualificação. Ajudando-me, assim a desenvolver com mais proeza minha pesquisa.

A minha turma de mestrado 2019 do PROFHISTÓRIA, que me ajudaram a ampliar meus conhecimentos nos debates que nos envolvíamos. Em especial aos companheiros: Ademir Bittencourt, Antônio Jeferson, Marúcio Bezerra, Wilson Júnior e Christian Dennys (vítima da COVID-19).

Sou grato aos professores do PROFHISTÓRIA que proporcionaram maior entendimento sobre o ensino de história.

Agradeço à Coordenação e Secretaria do PROFHISTÓRIA pelo apoio dado em todos os momentos.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) meu muito obrigado pela bolsa de estudos.

Por fim, agradeço à Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto e aos alunos que participaram da pesquisa.

“Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro”

(Oswald de Andrade)

RESUMO

Este trabalho reflete teórica e metodologicamente acerca da comunicação dos estudantes, o que falam e o que ouvem, pormenorizando as expressões populares, além de analisar seu entendimento no ensino de História, considerando os embasamentos da História Social da Linguagem, Ensino de História, Literacia Histórica, Expressões Populares como ferramenta metodológica e a produção de podcasts, este último tem como objetivo levar os assuntos discutidos por alunos para além dos muros da escola, o que se mostrou bastante promissor, pois, em poucos dias nas plataformas de hospedagens deste tipo mídia os podcasts tiveram alguns acessos, vale ressaltar que não houve divulgação nem para os discentes coparticipantes dos podcasts. A priori, a conversa com a turma, explicando-lhes o que eram expressões populares e a natureza da pesquisa, foi o estopim deste projeto que foi realizado com discentes de uma turma do sétimo ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto, situada em Santo Antônio do Tauá – PA. Os dados sobre os educandos, coletados a partir de questionários serviram em partes para compreendê-los, além de auxiliar na análise sobre o que falam e o que ouvem, particularizando as expressões populares. Nesta peregrinação, várias conversas com os alunos foram realizadas, e a partir destas percebi que usavam expressões populares as quais eu não conhecia e que depois de algumas explicações dadas por eles pude entender que eram usadas somente pelos munícipes do Tauá. Com essa nota sobre, expressões populares locais, oportunizou-se também as discutir, motivando os estudantes a buscarem entender a historicidade delas em suas falas e suas relações com o ensino de história.

Palavras-chave: Ensino de História, Linguagem, Expressões Populares, Sala de Aula e Podcasts.

ABSTRACT

This work aims to reflect theoretically and methodologically about students' communication, what they say and what they hear, detailing popular expressions, in addition to analyzing their understanding in the teaching of History, considering the foundations of the Social History of Language, History Teaching, Literacy Historical, Popular Expressions as a methodological tool and the production of podcasts, the latter aims to take the subjects discussed by students beyond the walls of the school, proving to be quite promising since in a few days on the hosting platforms of this type of media the podcasts had some hits, it is worth mentioning that there was no disclosure even to the students who participated in the podcasts. A priori, the conversation with the class, explaining to them what popular expressions were and the nature of the research, was the trigger for this project, which was carried out with students from a seventh year class of the Municipal School of Elementary Education Major Cornélio Peixoto, located in Santo Antônio do Tauá - PA. The data on the students collected from questionnaires served in parts to understand them, in addition to assisting in the analysis of what they say and what they hear, particularizing popular expressions. On this pilgrimage, several conversations were held with the students, and from these I realized that they used popular expressions that I did not know and that after some explanations given by them I could understand that they were used only by the citizens of Tauá. With this note on local popular expressions, it was also possible to discuss them, motivating students to seek to understand their historicity in their speeches and their relationship with the teaching of history.

Keywords: Teaching History, Language, Popular Expressions, Classroom, Podcasts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa apresentando os Municípios que fazem fronteira com o Município de Santo Antônio do Tauá.....	48
Figura 2 - Gráfico apresentando a evolução do IDEB no Município de Santo Antônio do Tauá, do Estado do Pará e do Brasil, além de, exibir a meta do Município em questão.	50
Figura 3 – Apresentação de como é feito o calculo para definir a meta do IDEB.....	51
Figura 4 – Mostra a fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto.	54
Figura 5 – Mostra a fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto.	54
Figura 6 – O negro em algumas análises proposta pelo IBGE.....	79
Figura 7 – Daniel Alves come banana arremessada por torcedores do Villarreal...	103
Figura 8 – “celebridades” em apoio à campanha #somostodosmacacos.....	103
Figura 9 – Texto de uma aluna.....	107
Figura 10 – Escola MCP vista de cima.....	109
Figura 11 – Hábitos de consumo: Há quanto tempo ouvem	112
Figura 12 – Interesses e preferências: Ouvem com o objetivo de?.....	113
Figura 13 – Perfil socioeconômico demográfico: Escolaridade.	114
Figura 14 – Interesses e preferências: Top 5 agregadores mais usados.....	115
Figura 15 – Interesses e preferências: Top 10 assuntos mais consumidos.	117
Figura 16 – Interesses e preferências: Top 10 podcasts mais citados.....	119
Figura 17 – Capa do perfil criado para a divulgação dos podcasts, em modo de experiência.....	121
Figura 18 – Quais episódios foram mais escutados.....	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Foi perguntado aos estudantes se eles conseguiam relacionar as expressões populares com o componente curricular história.....	43
Gráfico 2 - Relação entre o IDEB alcançado pela Escola “MCP” com as metas estabelecidas pelo Município de Santo Antônio do Tauá. Percebemos que no ano de 2017, não há IDEB para referida escola.	56
Gráfico 3 – O gráfico abaixo mostra em porcentagem a divisão da sala tendo como definição os sexos masculino e feminino.	59
Gráfico 4 – O gráfico abaixo mostra em porcentagem o quantitativo de alunos por idade.	61
Gráfico 5 – Apresenta em porcentagem a quantitativo sobre o local de residência dos estudantes, a partir do que eles consideram sede e fora da sede.	62
Gráfico 6 - Expõe em porcentagem sobre se os estudantes consideram seu bairro periférico.....	63
Gráfico 7 – Foi perguntado aos estudantes quais componentes curriculares mais se identificavam.	70
Gráfico 8 – Quantitativo de com quem os estudantes residiam.	71
Gráfico 9 – Sobre a escolaridade dos pais e/ou responsáveis dos discentes temos os seguintes números no gráfico abaixo.....	72
Gráfico 10 – Respostas dadas pelos estudantes sobre: Você sabe o que são expressões populares? Costuma usar alguma expressão popular? Seus responsáveis fazem uso de expressão popular?	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Expressões populares que foram mencionadas no questionário, sendo elas de uso dos estudantes ou dos responsáveis.	41
Tabela 2 - Apresentar-se a relação entre idade série/ano.	59
Tabela 3 - Organização dos alunos e suas respectivas expressões populares.	96

LISTA DE SIGLAS

ABPOD	Associação Brasileira de Podcasters
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDENPA	Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará
Eis	Expressões Idiomáticas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP Teixeira	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
MCP	Major Cornélio Peixoto
PCD's	Pessoa Com Deficiência (S)
PPP	Projeto Politico Pedagógico
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
UFPA	Universidade Federal do Pará
UTE	Unidade Técnica Especializada

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E EXPRESSÕES POPULARES: DO ENTENDIMENTO DA HISTÓRIA SOCIAL DA LINGUAGEM A ANÁLISE DE EXPRESSÕES POPULARES NO BRASIL E EM SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ -----	20
1.1 A linguagem e suas contribuições históricas-----	20
1.2 Expressões populares-----	33
CAPÍTULO 2: NOVAS PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA ANALISE LOCAL: O MUNICÍPIO, A ESCOLA E A SALA DE AULA E AS RODAS DE CONVERSAS -----	44
2.1 O lugar da pesquisa -----	45
2.1.1 Sobre o Município -----	47
2.1.2 Sobre a Escola-----	52
2.1.3 Sobre a Turma -----	57
2.2 Sala de aula-----	65
2.2.1 As rodas de conversa -----	76
CAPÍTULO 3: PESQUISAS, PRODUÇÕES E AUDIÇÕES... O PODCAST. --	82
3.1 Caracterizando as pesquisas -----	83
3.1.1 “Os conteúdos históricos ou conceitos substantivos”-----	84
3.1.2 Sobre a Expressão Popular “Merma Merda”-----	89
3.1.3 Sobre a Expressão Popular “É verdade Noronha” -----	91
3.1.4 Sobre a expressão popular “bora lá na rua”-----	93
3.1.5 Outras expressões populares usadas-----	95
3.2 Organizando os textos -----	106
3.3 Audições -----	108
3.4 A mídia Podcast -----	110
3.5 Uma breve experiência -----	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	124
REFERÊNCIAS -----	128
FONTES ELETRÔNICAS -----	134

INTRODUÇÃO

As discussões realizadas em sala de aula, tanto na Universidade Federal do Pará (UFPA), na qual sou mestrando, quanto, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto (MCP)¹, na qual sou professor proporcionaram a materialização desta dissertação. Devo frisar que minha experiência como professor e as várias leituras que fiz durante a vida e principalmente nesta pós-graduação *stricto sensu* me proporcionaram crescimento profissional, pessoal, social e intelectual. Espero não estar esquecendo nenhum campo que tenha sido afetado, de forma positiva, com todas essas leituras e vivências.

O caminho que tracei, para ingressar neste mestrado profissional, partiu do interesse de melhorar as minhas aulas, principalmente as do componente curricular história, haja vista que ocupo as cadeiras dos componentes curriculares de história e estudos amazônicos na escola já citada. As discussões e leituras feitas neste Mestrado Profissional proporcionaram repensar minhas práticas de ensino e organiza-las, buscando melhorar minha metodologia. Ajudou-me também a pensar na minha pesquisa que está relacionada ao ensino de história.

Para escrever esta dissertação parti daquilo que já conhecia e já trabalhava em sala de aula: as expressões populares que são usadas como ferramentas metodológicas introdutórias e exploratórias nos conteúdos de história ministrados em sala de aula. As discussões sobre o ensino de história feitas nas disciplinas do curso de mestrado harmonizaram-se e me deixaram confortável na escolha de como escrever minha dissertação, pelo menos em teoria.

Pensar em como seria fácil escrever minha dissertação por já conhecer, obviamente, a minha metodologia de trabalho frustrou-me na hora de dar os primeiros passos da pesquisa. Os mecanismos que utilizei foram bem traçados, mas, ressalto que mesmo conhecendo e sabendo o que pesquisar não caminhou como o esquematizado, por isso foi só em teoria, pois, na prática os discentes mostraram-se pouco receptivos às ideias que apresentei muitos até se sentiram desconfortáveis. Já que a priori aquilo, que lhes foi explicado, parecia trabalho dobrado.

¹ O capítulo 2 trará a escola de forma mais esmiuçada.

Apesar disso, e iniciado o planejado, busquei discutir com a turma sobre suas linguagens e se havia o uso de expressões populares, além de buscar conhecer os ambientes que costumam vivenciar, podendo ser familiar, escolar, ciclos de amizades ou outros. Procurei desta forma entender o que os estudantes compreendem sobre expressões populares, e é importante lembrar que estas informações foram coletadas, em conversas na sala de aula e também através de questionário, aplicado aos discentes.

A conversa inicial que tive com a turma, na sala de aula, mostrou-me muitas coisas, entre elas a indiferença que eles tinham com processos educacionais promovidos para fora da sala de aula, como por exemplo, as pesquisas. Avalio que os mesmos viam pesquisas como um desafio ruim, e creio que isso estava relacionado também à falta de livros que abordem temas variados nas bibliotecas tanto da escola quanto na do município².

Para coletar informações propus também o preenchimento de um questionário que teve como finalidade obter dados para nortear os caminhos da pesquisa, procurou-se motivações para os estudantes em inúmeros âmbitos, lembrando que não receberam a notícia de fazer pesquisas como um desafio. Foram desde conversas onde se permitiu deixar os discentes mais a vontade para falar, até mudar a organização das cadeiras da sala de aula posicionando-as de forma circular.

Pude observar que com esta organização, das cadeiras em círculo, houve uma quebra não só da organização da sala, que tinha as cadeiras enfileiradas, mas também das atitudes dos estudantes que se mostraram mais abertos às atividades propostas, logo, ajuízo que a partir da quebra da “tradicional organização da sala” pude romper com as barreiras criadas por eles em relação à pesquisa.

² Há uma biblioteca na escola, porém, nela só há livros didáticos (são poucos livros didáticos que existem na escola, os professores levam para sala de aula e ao término de suas aulas devolvem para a biblioteca), há também uma biblioteca municipal, contudo, de acordo com os estudantes vive fechada, ela ficava em uma rua atrás da escola, pelo menos até início de 2020 (ela mudou de endereço com a nova administração municipal que assumiu no início de 2021, depois mudou de novo de endereço em agosto de 2021 quando houve mudança no executivo municipal), dava pra ver se a biblioteca estava fechada ou não de dentro da escola, toda vez que eu destinava pesquisas aos discentes eles questionavam dizendo que a biblioteca não abria eu olhava e realmente ela se encontrava fechada.

Para escrever esta dissertação ponderei junto à turma³ escolhida todos os procedimentos adotados por mim, sendo eles: as rodas de conversas, o questionário, as conversas em particular que tive que ter com alguns discentes, o comprometimento e claro a desevoltura na hora de produzir os textos e os podcasts, este último seria o produto final de toda essa pesquisa e também detalhado na escrita da dissertação.

A dissertação foi dividida em três capítulos, sendo que o capítulo 1 está denominado de: “Reflexões sobre ensino de história e expressões populares: do entendimento da historia social da linguagem a analise de expressões populares no Brasil e em Santo Antônio do Tauá”, busquei expor de forma ampla os percursos da história social da linguagem. Nessa perspectiva, foi importante a produção de Peter Burke, com as obras “Linguagens e comunidades: nos primórdios da Europa Moderna” e “A arte da Conversação”, bem como as obras deste autor em parceria com Roy Porter: “História Social da Linguagem”, “Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem” e “Linguagem, Indivíduo e Sociedade”.

Esses autores ajudaram a entender como os modos de falar perpetuam pela história, mostrando a forma que a sociedade se organiza a partir dos sujeitos falantes, explorando particularidades das classes elitizadas e populares. Trazendo essa discussão para o Brasil, explorou-se o folclorista Câmara Cascudo, com obras que vai de “Locuções tradicionais no Brasil”, “Rede de dormir”, “Coisas que o povo diz”, “Dicionário do folclore brasileiro”, entre outros. Letrólogos, como: Marco Bagno, Huéinton Riva e Hudinilson Urbano contribuíram no entendimento sobre como e por que a sociedade brasileira e particularizando os tauaenses fazem usos das expressões populares. Além de terem ajudado a conceituar o que são as expressões populares.

No capítulo 2, denominado “Novas perspectivas de aprendizagem no ensino de história a partir da análise local: O Município, a Escola, a Turma, a Sala de Aula e as Rodas de Conversas” pode-se trazer a luz das discussões a importância do lugar. De Certeau com o texto “A operação historiográfica” norteou o entendimento sobre o local de pesquisa, assim como Jörn Rüsen com o texto “Didática – funções do saber histórico” que ajudou e levantou também esse debate sobre o lugar de pesquisa e sua importância.

³ No capítulo 2 abordaremos as particularidades da turma.

Analisou-se nesse capítulo desde o Município, sendo ele denominado de Santo Antônio do Tauá, perpassando pela Escola Fundamental de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto e que recebe a alcunha de “MCP”, ponderou-se pela turma 7002 e a relação dos estudantes desta turma em sala de aula. Indagaremos e esquadriharemos como os estudantes entendem o processo educacional, pormenorizando o ensino de história, a partir do que eles falam⁴.

O lugar de pesquisa é também meu lugar de docência, haja vista que, leciono nesta escola desde o ano de 2014, a instituição a qual refiro é a Escola “MCP”, nesta sou professor dos componentes curriculares História e Estudos Amazônicos. Escolhi esta escola para desenvolver a pesquisa por motivos variados, entre eles temos: proximidade com minha casa, flexibilidade com a gestão escolar e conhecimento da própria dinâmica da instituição, a escolha da turma deu-se ao tempo que tenho com ela, já que nesta em específico leciono os componentes curriculares de história e estudos amazônicos, me dando assim mais tempo para desenvolver a pesquisa.

No capítulo 3, denominado de: “Pesquisas, produções e audições... O Podcast” abordarei sobre como se deu o processo de desenvolvimento das pesquisas, sobre as expressões populares, até a criação dos podcasts, embarcaremos nas questões de como foram algumas discussões nas rodas de conversas, a propósito das expressões populares pesquisadas pelos alunos e quais mecanismos foram usados para captar as falas dos alunos no ambiente escolar.

Mostraremos os percalços de se produzir podcasts na escola, que em sua natureza possui uma dinâmica própria, além de expormos os obstáculos que os estudantes têm e sentiremos o nervosismo deles frente à exposição de suas pesquisas, que tem como propósito ir além dos muros da escola tomando como carona os podcasts.

A pesquisa que proporcionou a composição da dissertação veio, portanto, acompanhada de discussões sobre as expressões populares, o ensino de história e pesquisas sobre podcasts⁵, haja vista que, o curso do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória), propõe a criação e o desenvolvimento de um

⁴ Análises sobre o município, escola, turma e sala de aula serão dadas no capítulo 2.

⁵ O capítulo 3 abordará sobre esses produtos que são podcasts.

material para divulgação de conhecimento, para que outros possam também usar, sendo eles: professores, alunos, curiosos, entre outros.

A nomenclatura adotada pelo “programa Profhistória” para esse material de divulgação do conhecimento histórico é produto⁶ que a priori me parece muito comercial. Em conversas com outros mestrandos da minha turma (ano 2019), percebemos que a ideia é essa mesma: comércio, expondo e distribuindo aquilo produzido, contribuindo com o ensino de história, harmonizando com ideias de ajuda ao crescimento intelectual e aprimoramento da consciência histórica. Desta forma é possível dizer que este material/produto poderá ser apreciado nos mais diversos ambientes e situações, tais como: escolas, lares, dentro dos ônibus, nas caminhadas ou corridas, durante os afazeres domésticos, dentre outras maneiras.

O produto que selecionei me auxiliou no desenvolvimento e conclusão da pesquisa e escrita da dissertação. Pois, o podcast, para Luiz e Assis (2010) e Freire (2013), nada mais é que um arquivo de multimídia em formato de áudio que tem basicamente o intuito de informar, divulgar e ensinar. Para a ABPod (Associação Brasileira de Podcasters) os podcast são democráticos e expõem uma gama de ideias dos mais variados assuntos, como: Cultura Pop, Humor e Comédia, Ciência, História, Política, etc.⁷.

Os podcasts, nessa era da informação rápida e do imediatismo, condizem com que Silva (2019, p. 18), afirma, sendo: “uma tecnologia que se aproxima fortemente de contextos educativos, pois possui o teor ativo inerente à Internet, mas que, até o momento, possui pouca bibliografia disponível no Brasil”. Em contrapartida, muitos programas de televisão estão adaptando o modo como levam as notícias aos telespectadores e, assim criaram seus próprios podcasts, é uma maneira de se reorganizar dentro dessas novas perspectivas de divulgação de informação⁸. Junto com os sujeitos históricos, em questão os discentes, que

⁶ Não sei se já chamavam em anos anteriores, mas, no ano de 2020 descobri que o nome “correto” era Dimensão propositiva. O termo correto está entre aspas porque a nomenclatura produto foi usada normalmente nas aulas presenciais, nas disciplinas do curso de mestrado no ano de 2019.

⁷ Disponível em: <https://abpod.org/>. Acesso em: 19 de mar. 2020.

⁸ Em uma pesquisa rápida pelo G1, é perceptível que muitos programas da emissora Rede Globo, já têm este tipo de mídia em suas plataformas. Disponível em <https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/04/25/o-que-sao-podcasts.ghtml>. Acesso em: 19 de mar. 2020. O destaque para emissora Rede Globo deve se ao fato da mesma possuir a maior audiência, como mostra as pesquisas encontradas em <https://www.maisoeste.com.br/2019/04/23/veja-o-ranking-das-emissoras-de-tv-mais-assistidas-no-brasil/>. <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2019/08/10/ibope-da-tv-em-2019-so-redetv-e-record->

ajudaram na construção dos podcasts, concluímos que o propósito, destes podcasts é levar conhecimento promovido pelas pesquisas realizadas, por eles, sobre as expressões populares buscando desta forma aprimorar o processo de ensino aprendizagem.

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E EXPRESSÕES POPULARES: DO ENTENDIMENTO DA HISTÓRIA SOCIAL DA LINGUAGEM A ANÁLISE DE EXPRESSÕES POPULARES NO BRASIL E EM SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ

Neste capítulo há uma discussão sobre a disposição de alguns historiadores que trabalham com a história social da linguagem, da comunicação e os mecanismos da linguagem, discutirei também sobre como o idioma e os dialetos se constituíram, além de mostrar que a padronização da língua inicialmente tem como objetivo o fortalecimento da identidade⁹.

As explicações sobre história da linguagem e suas contribuições para o ensino de história será nosso foco. Trarei uma discussão sobre a importância da história social da linguagem, do conceito de expressões populares e a relação dela com o ensino de história, as expressões populares expostas são pronunciadas dentro do cenário nacional, assim como serão trabalhadas expressões populares de uso exclusivo dos munícipes de Santo Antônio do Tauá.

1.1 A linguagem e suas contribuições históricas

“Professor, esse pincel tá apaguento”¹⁰

Em 2012, quando assumi efetivamente a cadeira de professor de História, no município de Santo Antônio do Tauá no Pará, deparei-me com uma realidade falada um pouco diferente da qual estava acostumado a ouvir e falar na Região Metropolitana de Belém (RMB). As particularidades nas falas dos munícipes de Santo Antônio do Tauá se mostravam singulares e chamou-me a atenção, já que a meu ver estariam erradas, todavia, Bagno (2005) explica em sua obra “*Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*”, que não há forma de comunicação errada se os interlocutores compreenderem o que esta sendo falado.

⁹ Há também a contribuição de estudiosos de outras áreas do conhecimento, como por exemplo: letrólogos e folcloristas.

¹⁰ Frase de um aluno para mim, enquanto professor, quando meu pincel estava com a tinta fraca.

A unidade escolar municipal para onde fui designado a ministrar minhas aulas de história era a Escola Municipal de Ensino Fundamental Gratulina Penha Alves Dias¹¹ que está localizada na comunidade de Santa Maria de Ubintuba, que dista 20 km em vias de ramais da sede do município, e é nesta escola que em 2012, ouvi de um aluno a frase citada na epígrafe deste capítulo.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Gratulina Penha Alves Dias, localiza-se na zona rural do município de Santo Antônio do Tauá, mas, especificamente na comunidade de Santa Maria de Ubintuba, esta escola, além de receber os alunos da comunidade na qual esta situada, atende também alunos de comunidades adjacentes a Santa Maria de Ubintuba, sendo elas: a comunidade Estância, a comunidade de Santo Amaro, a comunidade de São Tomé e a comunidade Trombetas. Nesta referida escola é ofertado o ensino fundamental maior (6º ao 9º ano), além da modalidade EJA (Educação para Jovens e Adultos) com as turmas de 3ª e 4ª etapas.

No decorrer do ano supracitado e já “familiarizado” com a comunidade de Santa Maria de Ubintuba e suas comunidades imediatas percebi que era corriqueiro o uso da palavra citada na epígrafe deste capítulo, “apaguento”¹².

Muitos moradores desta região englobada pela comunidade escolar falavam desta forma, ouvi por diversas vezes e pelos mais diversos sujeitos que integravam a escola, como: pais em meio a reuniões ou visitas esporádicas a escola, em conversas casuais com os moradores das comunidades atendidas pela escola, alunos dentro e fora da sala de aula, pessoal do apoio, tais como merendeiras, porteiros, vigia, etc. secretária e seus auxiliares, além do corpo técnico pedagógico e ou gestão escolar. Vale ressaltar que os falantes desta palavra apaguento, que me causara tanto estranhamento eram oriundos deste município e residiam nas comunidades atendidas pela Escola Gratulina, por isso expressavam-se desta forma. A partir de uma análise empírica percebi que deveria, enquanto partícipe daquela comunidade, incluir esta variação gramatical ao meu vocabulário.

¹¹ Foi a primeira escola ao qual trabalhei no município de Santo Antônio do Tauá, 2012 -2014, esta escola é chamada informalmente de Gratulina.

¹² De acordo com Urbano (2008, p. 35), “apaguento” pode ser “um descuido gramatical comum em diversas regiões do Brasil”. O autor coloca a palavra como sendo usada por “classes não cultas”, “linguagem popular”, “do povo”. Que costumeiramente também “simplificam” as palavras, por exemplo: “*tão* por *estão*”; “*pra* por *para*”; “*primero* por *primeiro*”; “*falá* por *falar*”; “*xícra* por *xícara*”; “*abobrinha* por *aboborazinha*”.

“Apaguento” significava dizer, na fala do estudante e dentro daquele momento na sala de aula, que a tinta do marcador para quadro branco que eu usava para escrever no quadro branco magnético estava fraca, ou na perspectiva do discente quando não conseguiam ler o que estava escrito na lousa branca. Ouvi dos discentes, em meios às conversas paralelas que acontecem em minhas aulas por diversas ocasiões, eles adjetivarem com a palavra “apaguento” a escrita deles no caderno (essa letra tá muito “apaguenta”), era comum escutar dos estudantes o termo “apaguento” quando escreviam a lápis, havia também o uso desta palavra quando a caneta estava com sua tinta fraca, fosse por falha da tinta deixando a escrita no caderno não muito visível ou porque a tinta da caneta estava próxima do fim, em muitos casos os discentes usavam esse “descuido gramatical” para reclamar das cópias dos textos ou assuntos que usávamos para desenvolver as aulas, essas vinham com a impressão fraca, logo, era comum ouvir os estudantes dizerem que o material estava muito “apaguento”. Os membros do corpo técnico pedagógicos, e muitas vezes componentes da secretaria também se apropriavam desta variação da língua vernácula, pois quando as impressões dos materiais, que normalmente eram usados na confecção de cartazes, estavam desbotadas, com a impressão fraca ou nos dizeres deles com a imagem “apaguenta”.

Em meados do ano de 2014, fui transferido para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto, localizada na sede do município. A sede é denominada de Santo Antônio do Tauá, esta escola, o “MCP”, se apresenta em condições mais urbanas, ou seja, localiza-se em um espaço geográfico que se encontram os prédios dos três poderes, sendo representados: pela Prefeitura, Câmara dos Vereadores e Fórum, além de ser o local onde o comércio se apresenta mais dinâmico, com lojas de confecções, de móveis e eletrônicos, loterias, farmácias, bancos, posto de gasolina, hospital, etc., apresenta também a maior densidade demográfica do Município de Santo Antônio do Tauá¹³.

Mesmo com essa nova realidade educacional, de escola urbana, eu percebi que a palavra “apaguento” continuava sendo proferida. Lembrando que “apaguento” somou ao meu vocabulário quando estive ministrando aulas na Escola Gratulina, zona rural. Na escola “MCP” me deparo com expressões populares corriqueiras, de

¹³ No capítulo 2 teremos uma discussão mais aprofundada sobre o Município de Santo Antônio do Tauá.

representação local, faladas pelos estudantes e comunidade escolar, chamando a minha atenção assim como a frase da epígrafe.

A epígrafe é de fundamental importância para idealizar os passos da pesquisa investigativa, científica e experimental que me propus a desenvolver em parceria com os alunos da Escola Major Cornélio Peixoto, ela e as novas expressões populares faladas pelos tauaenses colocadas no dia-a-dia me levaram a pensar em como os estudantes refletem sobre o que falam e o que escutam.

Com base em análises de materiais de pesquisas empíricas, estes, a priori sendo os preenchimentos dos questionários, além dos diálogos nas rodas de conversas, constituíram no desenvolvimento desta dissertação no programa de pós-graduação mestrado profissional em ensino de história – PROFHISTÓRIA.

Esta dissertação faz uma reflexão sobre expressões populares e seus usos metodológicos nas aulas de história buscando a construção de podcasts, as expressões populares discutidas junto aos discentes perpassava pelas de cunho local e as que julgo serem de repercussão nacional. Busquei a partir da análise, dentro da sala de aula, mostrar a importância das expressões populares no ensino de história, observando a consciência histórica dos estudantes que para Certeau (1982, p. 65) “é feita a cada momento bastando analisar cientificamente”.

Ressalto que a frase da epígrafe é basilar para o desenvolvimento desta dissertação, já que me disponho a interpretar a relação dos estudantes com as expressões populares, colocando em evidência a comunicação verbal deles. Burke (2002, p. 135) faz a seguinte ressalva “A linguagem é, como o consumo, um meio utilizado por alguns grupos sociais para se distinguirem dos outros”. A partir desta observação podemos refletir sobre a autoridade da linguagem na construção da sociedade.

Na segunda metade do século XIX, as cidades inglesas, normalmente afastadas dos grandes centros urbanos como: Londres, Liverpool e Manchester, e que atravessavam a chamada “segunda revolução industrial”, percebida a partir do século XIX, também experimentavam obstáculos quando nos retratamos aos modos de falar. Para Patrick Joyce (1993, p. 207-258), muitos dos moradores destas cidades industriais, voltadas para a produção têxtil e que originalmente tinham um

modo de falar particular¹⁴, depararam-se com um modo de falar, o inglês, diferente e que foi trazido pelos, e principalmente, pelos sujeitos oriundos dos grandes centros urbanos.

E este “novo” modo de falar, na perspectiva de Patrick Joyce (1993), chegava com uma classe social “melhor” financeiramente, e que para esses, o seu modo de falar era o correto, e, portanto, deveria ser adotado sugerindo assim uma padronização da língua. Joyce (1993) relata que:

“Nos lugares em que a alfabetização era menos pronunciada, e onde a distancia social entre as classes era maior, como nas vilas próximas as minas de carvão de Durham e de Cumberland, dizia-se que – a língua dos livros é um idioma desconhecido para os filhos dos analfabetos, especialmente em situações estranhas. É completamente diferente de seu dialeto vernacular, tanto em vocabulário quanto em construção, e, talvez, não mais compreensível do que o Latim eram para o vulgo na Idade Média”. (JOYCE, 1993, p. 211).

Para Burke (1995) a padronização da língua é uma maneira de estabelecer a importância cultural e linguística da classe dominante, esse afirma que:

“Não há nada de novo na idéia de que a linguagem é um instrumento em potencial nas mãos da classe dominante, um instrumento que pode ser empregado tanto para mistificar ou controlar quanto para comunicar. O uso do latim no início da Europa moderna é um exemplo obvio”. (BURKE, 1995, p. 13).

Burke ao analisar “romances do século XIX de Jane Austen e George Eliot a Leon Tolstoi e Theodor Fontane” ressalva os modos de comunicação entre os personagens dos romances que em momentos oportunos mostram alguns personagens, destes romances, se expressando de forma coloquial, e, desta forma sendo “vulgarizado” pela classe rica. Burke, analisa, aborda e “faz observações sobre o significado social das diferenças na fala” dos personagens, adverte que o “chamado inglês correto” também é chamado de “jargão dos pedantes” (BURKE, 1995, p. 12).

Na segunda metade do século XIX e início do século XX, a busca era pela padronização do inglês, como referido anteriormente, o modelo de padronização proposto vinha aparelhada a elite inglesa que normalmente chegava dos grandes

¹⁴ “A língua do povo era o dialeto” (JOYCE, 1993, p. 207).

centros urbanos: Londres, Liverpool e Manchester, essa elite burguesa que crescia nas cidades fabris almejava padronizar a língua inglesa com o objetivo de formar uma “identidade coletiva”, e seria, de acordo com Joyce (1993, p. 208), menos complexo de alcançar esse êxito a partir da padronização da língua. Pode-se entender que esse processo não tem o interesse de respeitar as particularidades existentes nas cidades mais afastadas, que já vivem uma gama de cultura diferente das que migrava dos grandes centros urbanos.

As modificações na língua, tanto falada quanto escrita, dos moradores de cidades mais afastada dos grandes centros urbanos eram impostas, pela elite local e recém-chegada a essa região, Patrick Joyce descreve as fronteiras que poderiam ser rompidas ou alargadas pelos diferentes modos de falar, era percebido nas rodas de conversas formais e informais, além de interferir, como já descrito, na escrita dos veículos de comunicação ou nas literaturas de dialeto¹⁵, muito comum nas cidades fabris deste período em questão, “essas mudanças na linguagem vêm refletindo, o processo de modernidade que essas cidades estavam vivenciando” (JOYCE, 1993, p. 212).

A linguagem é objeto de pesquisa para historiadores e linguistas, para historiadores este campo de investigação é denominado de “história social da linguagem” (BURKE e PORTER, 1991, 1995). Para Burke (2010, p. 19) “esse termo tem a vantagem de destacar as funções sociais da língua”, vale ressaltar que “a linguagem é o que nos difere dos animais irracionais” como afirma o psicanalista Dunker¹⁶, logo a “língua tem a função de construir uma abundância de relações sociais” (JOYCE, 1993, p. 208), “incluindo dominância e subordinação, amizade e fraternidade, tolerância e preconceito, a manutenção e a subversão de uma ordem social, e assim por diante” (BURKE, 2010, p. 19).

A linguagem sendo um campo de socialização e desenvolvimento da história alinha-se com costumes de diversos espaços e tempos. Analisando desta forma entendo que o lugar definirá o objeto de pesquisa ao qual me dedico. Certeau (1982) fala do lugar e assim guia a minha pesquisa, além de ressaltar que:

¹⁵ “A literatura de dialeto, era escrita principalmente por operários e lidas pela grande massa de trabalhadores, surgindo ao longo dos anos de 1840 na região industrial de Lancashire e Yorkshire” (JOYCE, 1993, p. 217).

¹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vBXOCV1jQus>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

“É em função deste lugar que se instaura os métodos que se delineia uma topografia de interesses, em que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”. (CERTEAU, 1982, p. 67)

Entendendo essa relevância do local na minha pesquisa, pondero que o modo como os moradores da comunidade Santa Maria de Ubintuba e demais comunidades adjacentes, incluindo vários moradores da sede colocam a frase epígrafe, que abre este capítulo, podendo essa ser interpretada como uma regionalização da língua vernácula. Não está necessariamente errada, trata-se de uma variação da língua portuguesa, a qual, os moradores do município do Tauá, aceitam como certa. Ou seja, os sujeitos históricos desenvolvem suas vidas, construindo e desconstruindo também a partir da história social da linguagem¹⁷.

Marcos Bagno em uma carta direcionada ao editorial da revista *Veja*¹⁸, explica a importância de analisar, de forma mais democrática, as particularidades e regionalizações da língua portuguesa no Brasil, levando em consideração as modificações da escrita ao longo dos anos que tornam viva a língua vernácula, ele afirma que a língua falada no dia-a-dia e do seio familiar é considerada a língua materna das pessoas e que é na escola que as pessoas têm o primeiro contato com a norma-padrão da língua portuguesa, e o prof. Ataliba T. de Castilho¹⁹ afirma que a escola é o primeiro contato “do cidadão com o Estado” pontuando dessa forma o ensino da norma-padrão nas escolas.

Não necessariamente a norma-padrão, vista por Bagno, em diversos momentos do seu texto “Carta de Marcos Bagno à revista *Veja*”, como elitizada e conservadora, seja algo danoso ao aprendizado ao contrário a maioria dos estudiosos da linguagem que são discutidos dentro deste texto se mostram receptivos com a ideia de que a norma-padrão é essencial ao processo de ensino

¹⁷ Elza de Fátima Gabaldi em sua dissertação de mestrado, intitulada “Léxico e identidade: as expressões idiomáticas do povo brasileiro” discorre sobre a questão da língua vernácula.

¹⁸ “Em seu número 1725 (novembro de 2001), a revista *Veja* publicou uma extensa reportagem, anunciada na capa, com o título “Falar bem, eis a questão”. O texto assinado por João Gabriel de Lima deixou a comunidade dos educadores e linguistas, estarecida por causa da quantidade de absurdos, distorções e acusações grosseiras que continha. Em reação a isso, Marcos Bagno escreveu e enviou uma longa carta ao editor da revista, não para ser publicada, mas para marcar posição dos pesquisadores comprometidos com o avanço da ciência brasileira diante de atitudes tão assumidamente obscurantistas e retrogradadas”. Prefácio copiado na íntegra.

¹⁹ Bagno diz em sua carta que o Prof. Ataliba T. de Castilho é “o nome mais importante da pesquisa científica sobre o português brasileiro contemporâneo, atual presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina e coordenador do grande Projeto da Gramática do Português Falado” escrevendo o livro “A língua falada e o ensino de português” (Ed. Contexto, 1998).

aprendizagem. Contudo, mostram-se abertas as formas de falar trazidas pelos estudantes de seus seios familiares. Logo, considerando-se esta observação sobre o que se fala, o que se ouve e o que se aprende entendemos a cultura histórica do discente.

Rüsen (2007, p. 121), ressalta que “a cultura histórica nada mais é, de início, do que o campo da interpretação do mundo e de si mesmo, pelo ser humano”. O modo como Rüsen conceitua cultura histórica converge com a maneira que Rebeca Gontijo (2019, p. 66) às observa, dizendo que, a cultura histórica “corresponde às formas pelas quais elaboramos experiências situando-as no tempo e no espaço”. Logo, entender qual tipo de conhecimento os estudantes têm sobre o pesquisado, no caso as expressões populares, foi importante para o processo ensino-aprendizagem em história. Em outras palavras, refletir sobre o entendimento dos discentes acerca das expressões populares, e considerando a análise sobre a cultura histórica do aluno, me ajudou a transformá-la em ferramenta pedagógica de aprendizagem no ensino de história. Dessa forma, pude harmonizar para a sala de aula conforme a relevância, principalmente, para os estudantes.

Desta forma, busquei modificar o processo de ensino-aprendizagem em história, que, segundo Libâneo (1994, p. 82) “se concretiza na interligação de dois momentos indissociáveis – transmissão/assimilação ativa de conhecimentos e habilidades, dentro de condições específicas de cada situação didática” busca-se aprimorar com novas metodologias o ensino de história e assim sair do que se considera tradicional, Libâneo (1994, p. 83) diz que o ensino tradicional é pobre e peculiar e que ainda existe na maioria das escolas no Brasil. O ensino tradicional que de acordo com Libâneo é:

“A atividade de ensinar é vista, comumente, como transmissão da matéria aos alunos, realização de exercícios repetitivos, memorização de definições e formulas. O professor “passa” a matéria, os alunos escutam, respondem o “interrogatório” do professor para reproduzir o que esta no livro didático, praticam o que foi transmitido em exercícios de classe ou tarefas de casa e decoram tudo para a prova”. (LIBÂNEO, 1994. p. 83)

Por em prática metodologias que fogem do ensino tradicional, comprova que se pode difundir de maneiras diversas em sala de aula, os conteúdos apresentados aos estudantes dentro do componente curricular história. Combinando, estas novas

formas de levar os conteúdos com o que os estudantes trazem de suas vivências, ou como já citado a cultura histórica, temos uma aprendizagem significativa, é quando os conteúdos escolares somam com as vivências dos estudantes (AUSUBEL, texto digital).

A partir do entendimento sobre a cultura histórica dos estudantes trabalhei a formação histórica deles, que pode ser apresentada, de acordo com Jörn Rüsen como:

“O conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário”. (RÜSEN, 2007, p. 95)

É nas instituições de ensino que os discentes têm desenvolvimento de sua formação histórica. Acredita-se que a formação histórica, analisada por Rüsen (2007, p. 95), deve ser sobreposta somente por professores de história, “para que não se banalizem o pensar historicamente e acabe transformando-a em uma narrativa sem créditos científicos”. Certeau (1982, p. 67), fala que estes, sem a competência devida para ministrar aulas de história, “se vestem de historiadores” relativizando assim o conhecimento histórico.

O processo de formação histórica é constituído dentro de sala de aula Rüsen (2007, p. 95), contudo pode-se personalizar este espaço de ensino-aprendizagem, fazendo com que o discente se aproprie do que Erikson (2011) chama de “palco/podium”, assim, podem-se destacar as vivências do aluno, enquanto personagens falantes do cotidiano, particularizando as expressões populares, além de, reforçar o entendimento ao aluno, de que ele é um sujeito histórico.

O historiador Paulo Knauss, em seu artigo sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa, destaca que:

“Cabe indicar que o fenômeno do conhecimento ocorre a partir da experiência dos homens na relação com o mundo em que vivem. É a partir de sua existência, portanto, que os homens constroem sua visão e compreensão de mundo. Isto representa a sua tomada de posição como sujeitos da própria existência, resultado do seu processo de *hominização* demarcando a historicidade da razão”. (Vieira Pinto 1979. apud KNAUSS, 1996, p. 27)

Ecléa Bosi, em sua obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, fala sobre memória e relações, o seguinte:

“Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação”. (BOSI, 1994, p. 408-411).

Trazer para as discussões, em sala de aula, a cultura histórica dos discentes e pedagogicamente utilizar o que já conhecem se apropriando do que os autores, Rüsen (2007) e Certeau (1982), denominam de formação histórica, busca-se ampliar a absorção do conhecimento no ensino de história, proporcionando aos alunos, uma ampliação no desenvolvimento histórico, além de, promover e manifestar consciência histórica dos estudantes seja ampliando-a ou construindo-a.

Há uma grande contenda entre os historiadores sobre o conceito de consciência histórica, pois alguns historiadores defendem que todos têm consciência histórica, enquanto que outros historiadores afirmam que ela só é alcançada com a formação no ensino superior, graduação em história.

Para Cardoso (2019, p. 81) o conceito de consciência histórica na academia alemã é diferente do difundido em outras tradições europeias como a francesa e a inglesa, esse equívoco de relacionar as academias europeias, analisando os estudos sobre consciência histórica, e colocá-las em um mesmo sentido é originado da tradução errônea para o português destas definições de campo de pesquisa em história. Como afirma Cardoso:

“Ainda que as traduções de *Geschichtsbewußtsein*, *historical consciousness* e *conscience historique* sejam igualmente “consciência histórica” em língua portuguesa, os autores de língua alemã, inglesa e francesa não estão dizendo a mesma coisa quando usam esses três conceitos, pelo contrário, estão tratando de problemas absolutamente distintos e muitas vezes díspares. Por exemplo, a definição de *Geschichtsbewußtsein* como uma característica que diferencia todos os seres humanos dos outros animais não é compartilhada pela maioria dos autores de língua francesa, que definem a *conscience historique* como ensinável, mas não obrigatoriamente inata. Num outro exemplo dessas diferenças significativas, muitos dos autores de língua inglesa definem *historical consciousness* como sentimento de pertencimento a uma cultura ou nação, enquanto para a *Geschichtsbewußtsein* esse sentimento de pertencimento diz respeito à humanidade como um todo, sem recalques nacionalistas”. (CARDOSO, 2019, p. 81-82)

Ao observar que Oldimar Cardoso discute as diferenças conceituais que a Alemanha, França e Inglaterra trazem sobre consciência histórica, e há uma análise explicativa, por parte deste historiador, sobre consciência histórica nestes países e em suas academias, compreende-se que a academia francesa (*conscience historique*) vê a possibilidade de construção da consciência histórica, mostrando que a mesma não é própria do ser humano. Agora, a academia inglesa (*historical consciousness*), ainda de acordo com Cardoso, remete consciência histórica a um sentimento de pertencimento a um meio cultural, tangenciando o nacionalismo. Quando focamos na consciência histórica da academia alemã (*Geschichtsbewußtsein*) percebemos que “todos os seres humanos possuem consciência histórica” o que o “diferencia dos outros animais” (CARDOSO, 2019, p. 81).

Contudo, a discussão sobre consciência histórica no Brasil tende a ser analisada com um pouco mais de ênfase pelo prisma da escola alemã, haja vista que, até os autores da *historical consciousness*, autores ingleses, citam-nos com frequência, como observa Cardoso:

“É comum que autores da *Historical consciousness* cite autores da *Geschichtsbewußtsein* para beneficiar-se de seu prestígio, mesmo que estejam afirmando algo absolutamente distinto”. (CARDOSO, 2019, p. 82).

No Brasil os principais expoentes que debatem sobre a consciência histórica, de acordo com Gontijo (2019, p. 68-69) “são Maria Auxiliadora Schmidt e Luís Fernando Cerri” destaque também nesse panteão brasileiro de estudiosos da consciência histórica Estevão de Rezende Martins. Agora, vale ressaltar que estes historiadores e estudiosos do campo da consciência histórica, quando tratam, especificamente, de discutir sobre consciência histórica se referem com veemência a Rüsen, que é alemão e contribuiu significativamente para difusão do conceito de consciência histórica.

Para Cerri (2011, p. 24) podemos entender que “a consciência histórica é um fenômeno inerente à existência humana ou se é uma característica específica de uma parcela da humanidade, uma meta ou estado a ser alcançado”. Essa afirmação entra em consonância com o objetivo deste trabalho, pois ele defende a ideia de que o educando tem consciência histórica e que também pode engrandecê-la. Pois, a

consciência histórica para Cerri (2007, p. 48) não “é definida aqui como conquista particular, mas como aquisição cultural elementar e geral, na qual os sujeitos fazem suas sínteses entre objetivo e subjetivo, empírico e normativo”.

Estevão de Rezende Martins em seu texto “Consciência Histórica” (2019) diz que: “a consciência histórica inclui a consciência da historicidade intrínseca a toda existência humana, inserida no conjunto da cultura, das instituições e das ações das pessoas”. (MARTINS, 2019, p. 55).

Procurar entender como os estudantes vivem, falam, sabem, principalmente sobre as expressões populares, estas que foram o estopim para os debates, ou, sobre as particularidades de suas expressões populares trazerem discussões para dentro da sala de aula, que por sua vez são inseridas dentro de um componente curricular, que para a maioria dos discentes olha somente para o passado, é de fundamental importância, pois, saber sobre como é a relação dos alunos com outros sujeitos, inseridos ou não no convívio deles, e fora do ambiente escolar, analisando de certa forma o lugar dele, nesta perspectiva percebe-se e proporciona ampliação das expectativas do processo de ensino aprendizagem a partir das discussões sobre expressões populares.

Certeau (1982, p. 66-67), que se debruçou para explicar a importância do lugar para pesquisa, afirmando que “o lugar ao qual estará à pesquisa é de fundamental importância para o desenvolvimento dela”, mostra relevância de entender os estudantes e sua historicidade. Nesse sentido, existe diálogo entre o pesquisador e o meio ao qual está inserido o objeto de pesquisa. Já Rüsen (2007, p. 121) quando analisa as experiências dos discentes entra em consonância com o que ele chama de cultura histórica falando que é “o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática”.

Sabe-se que todos têm cultura histórica, pois a mesma deriva de um conjunto de socializações realizadas desde os primeiros momentos de vida ou a partir do surgimento da própria noção de entendimento, ou como diz Rüsen (2007):

“A cultura histórica nada mais é, de início, do que o campo da interpretação do mundo e de si mesmo, pelo ser humano no qual devem efetivar-se as operações de constituição do sentido da experiência do tempo, determinantes da consciência histórica humana”. (RÜSEN, 2007, p.121).

A afirmação de Rüsen (2007), de que os alunos trazem consigo a cultura histórica, pois é desenvolvida na socialização do dia a dia, também é defendida pelos outros autores abordados neste trabalho. Certeau (1982, p. 82), por exemplo, registrou que “(...) não há trabalho que não tenha que utilizar de outra maneira os recursos conhecidos (...)”, entende-se como recursos conhecidos, os conhecimentos prévios dos alunos, conhecimentos agraciados no decorrer de sua vida. Já o autor Cerri, (2011, p. 30-31) explana que cultura histórica é inerente ao indivíduo, reconhecendo também que ele tem consciência histórica.

Aproveitando dessa cultura histórica, que para os autores citados todos os estudantes apresentam, acredita-se que a consciência histórica anda de mãos dadas com a cultura histórica e estas são adquiridas a partir do momento em que os estudantes se relacionam de forma consciente com o tempo, ou seja, serão as vivências que ele terá ou até mesmo será submetida – a cultura histórica – que fará com que alargue a consciência histórica.

Paulo Freire observa o debatido supracitado da seguinte forma:

“Outro saber fundamental à experiência educativa é o saber que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizavam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho”. (FREIRE, 1996, p. 76)

Ao considerar a cultura histórica dos discentes, para um bom andamento do processo de ensino aprendizagem em história, busquei conhecer as formas como eles se comunicavam com quem proseavam e se em suas residências havia conversas com os pais, responsáveis ou parentes, e, em meio a essas indagações percebi que costumavam falar expressões populares, sejam de forma costumeira ou esporádica; sejam expressões populares conhecidas nacionalmente ou conhecidas somente por eles do município de Santo Antônio do Tauá²⁰.

²⁰ Os meios usados para fazerem com que, os estudantes, falem vão desde a organização da sala, onde aprecio a organização da sala em forma de círculo, a iniciar conversas a partir daquilo que julgo que eles gostem. Por exemplo: inicio a conversa comentando sobre futebol, sobre jogos on-line, normalmente Free Fire (Free Fire - É um jogo de tiro e sobrevivência disponível no celular. Cada partida dura cerca de 10 minutos e te coloca em uma ilha para enfrentar 49 jogadores na luta pela sobrevivência. Os jogadores chegam ao mapa de avião e podem escolher quando saltar de paraquedas, o objetivo é um só: sobreviver até o último instante. Disponível em <https://ff.garena.com/index/pt/> acesso em 11 de out. 2021.), sobre séries, costume comentar sobre a

1.2 Expressões populares

As expressões populares, “mais comuns, de fácil compreensão, sendo apresentada às vezes de forma mais vulgar e menos severa que os provérbios²¹” (CARMO, 2019), foram definidas a partir das pesquisas feitas até aqui e são oriundas do que os discentes da turma 7001²² pensaram e pesquisaram. Tomamos como proposta de definição para expressões populares a realidade dos estudantes levando em consideração que o Município de Santo Antônio do Tauá se apresenta como um município de pequeno porte a julgar pela população com menos de 30 mil habitantes²³. As expressões populares expostas pelos estudantes, e isso foi dito por eles mesmos, são de uso comum talvez não por todos, mas pela maioria dos moradores do Tauá.

Mikhail Bakhtin (1987) em sua obra “*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*” expõem o conceito de “circularidade cultural”²⁴, expondo que não há uma separação de “cultura erudita” e de “cultura popular”, mas sim que elas circulam juntas proporcionando movimentação conjunta das “classes altas e baixas”, no entanto, deve ser esclarecido que, para o autor, as tensões e conflitos entre classes não desaparecem. Em relação ao Município de Santo Antônio do Tauá vale lembrar que não há o propósito de enquadrar o conceito discriminado por Bakhtin, dentro do analisado nesta dissertação, mas, de mostrar que as expressões populares apresentadas pelos alunos também são usadas por outros grupos tauaenses nos levando assim a entender o conceito de “circularidade cultural” dentro do contexto da cidade do Tauá. Logo, essa demarcação, por partes dos estudantes, de que é usada

série “Eveybody Hates Chris” conhecida no Brasil como “Todo mundo odeia o Chris” ou novelas, quando comento sobre é sempre as que estão em exibição no momento, sobre os igarapés da cidade (são muitos: Santo Antônio do Tauá é conhecido como cidade dos igarapés), entre outros.

²¹ Para Urbano (2008), “os provérbios têm intenção é didático e moralizante”.

²² Nomenclatura fictícia.

²³ Para definir que é de pequeno porte me apropriei do site “Senado notícias”, onde o mesmo afirma que municípios com menos de 50 mil habitantes são considerados de pequeno porte. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2009/10/06/criados-criterios-de-classificacao-do-espaco-urbano-e-rural>. Acesso em 06 de nov. 2021.

²⁴ Mikhail Bakhtin analisa a “circularidade cultural” na sociedade da Idade Média e Renascença, pormenoriza a relação da sociedade com o carnaval (carnavalização) que para ele perpassa por todas as camadas sociais, fazendo com que tenhamos uma mesclagem nas culturas definida pelo autor, como sendo: populares e eruditas. Para maiores informações acerca de “circularidade cultural”, ver também a obra de Peter Burke “Hibridismo cultural” e “O que é história cultural? ”.

por vários grupos nos faz entender que essas expressões populares, organizadas pelos sujeitos históricos que são os alunos, pertencem tanto a “classe alta” quanto para a “classe baixa”, desta forma, não determina cor, credo ou classe social.

As expressões populares costumam ter grande participação na vida dos brasileiros, a comunicação através das diversas expressões populares encontradas na língua portuguesa torna a conversação informal mais dinâmica. Haja vista que, as expressões populares trazem sentidos significativos em meio aos diálogos.

Contudo, não devemos achar que o modo de se comunicar através das expressões populares seja especificidade dos brasileiros, Luís da Câmara Cascudo fala que as “expressões populares sempre estiveram presentes ao longo de toda a História da humanidade”. Logo, no Brasil isso não é nenhuma novidade. Os portugueses²⁵, ao virem para o Brasil, trouxeram expressões populares que eram usuais em Portugal e que fazia muito mais sentido por lá. Entre estas expressões populares que atravessaram o atlântico, temos: “a ver navios”, “de mão beijada” e “com unhas e dentes”²⁶.

Das três expressões populares supracitadas, destacamos a última, pois, de acordo com Câmara Cascudo (1969, p. 155) é a mais “recorrente” e a mais “expressiva”. Cascudo, nota que no Auto da barca do Purgatório, de 1518, a uma menção a esta expressão popular, dizendo que essas são as primeiras armas dos homens, Cascudo ainda completa dizendo que “lembra uma clássica luta feminina”.

As outras duas expressões, já citadas: “a ver navios” e “de mão beijada” são explicadas por Cascudo da seguinte forma: “a ver navios” (1969, p. 143), traz alusão a uma lenda portuguesa conhecida como “lenda do rico Pedro Sem²⁷”, contudo,

²⁵ Referir-me, especificamente, aos portugueses devido ao fato de termos sido colonizados por eles e apresentamos heranças significativas, entre estas a língua portuguesa.

²⁶ Burke trata das expressões atravessando o Atlântico no livro “Hibridismo cultural” (2003, pág. 32).

²⁷ Sobre esta lenda: “E foi assim que ouvi a história de Pedro Sem: Era um agiota muito rico, que vivia naquela torre, lá ao fundo da rua, com a filha de um senhor que lhe tinha pedido dinheiro emprestado e, quando não pôde pagar, ele ficou-lhe com a filha que, coitada, tinha de pagar pela dívida do pai. Tinha o avarento muitos barcos, que iam à Índia e aos Brasis, e ele ia ao alto da torre para, por um óculo, os ver chegar à Foz do Douro. E, em certa tarde de sol, viu chegar a sua frota, carregadinha, e, muito contente, exclamou, enquanto os barcos demandavam o canal do rio:

“– Agora nem Deus!”

Só que, naquele tempo, Deus ouvia tudo o que se dizia cá em baixo e despencou uma terrível tempestade que fez naufragar todos os barcos, ao mesmo tempo que um raio veio incendiar o recheio da torre, só dando tempo a que a jovem fugisse para casa de seus pais; e o avaro mai-los criados vieram para a rua tentar debelar o incêndio, o que não conseguiram. Só ficaram com as roupas no corpo. Dinheiro, papéis de dívida, de crédito, joias, enfim, nada ficou para testemunhar o prestígio de outrora e o velho, sem nunca ter dado nada a ninguém, olhava para as paredes da torre

também faz referencia ao “sebastianismo²⁸” trazendo como significado “demitido, desempregado, vivendo a esmo”. Já a expressão popular “de mão beijada”, para Cascudo (1969, p. 153), significa “gratuitamente, sem encargos e retribuições”. Presente “desde o século XV, referia-se as doações do Rei”.

No livro de Burke e Porter, *Historia social da linguagem* (1997)²⁹, podemos destacar o ensaio de James Obelkevich, “Provérbios e história social” (p. 44), que “trata as expressões populares como provérbios³⁰”, ele analisa que os provérbios tinham relação estreita com as classes menos escolarizadas, pois as “classes escolarizadas” diziam que os provérbios “são antiquados, contraditórios, impossíveis de ser levados a sério”, julgo que, devido a esse menosprezo pela fala dos mais humildes, serem, em muitos casos por causa dos excessivos usos de expressões populares, ou como o próprio Obelkevich denomina, de provérbios. Houve um descuido, pondero, por parte dos estudiosos/historiadores, pois temos pouquíssimos trabalhos pesquisados sobre a linguagem informal. Essa reduzida produção historiográfica sobre a linguagem informal mostra-se prejudicial aos estudos históricos da historia social da linguagem, já visto que se tivéssemos mais pesquisas sobre essa temática teríamos avanços significativos sobre o entendimento da sociedade através da linguagem³¹.

e via-se obrigado a esmolar, dizendo: “Dai alguma coisa ao Pedro Sem, que teve muito e agora não tem!” Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2371-1.pdf>. Acesso em: 11 de out. 2021.

²⁸ Lucio Emilio do Espirito Santo Júnior, no seu texto “O sebastianismo em Portugal e o Messianismo no Brasil” diz que “Dom Sebastião era o rei de Portugal que sumiu na batalha de alcácer Quibir” e criou-se o mito de que “o Rei voltaria para restaurar o Reino de Portugal e suas glórias”.

²⁹ Peter Burke e Roy Porter são os organizadores deste livro que “traz ensaios de trabalhos recentes de historiadores da Grã-Bretanha, França e Itália, sobre o período compreendido entre os séculos XVI e XX. Os autores se debruçam tanto sobre a política como sobre a sociologia da linguagem; sobre o dialeto, assim como sobre a linguagem-padrão; sobre a linguagem das mulheres, bem como a dos homens; a linguagem da deferência e a linguagem da revolta; a linguagem de subculturas e contraculturas, assim como aquelas das elites e do “povo”. Os colaboradores levam em consideração o trabalho de linguistas e etnógrafos da comunicação, embora também possuam interesses próprios” (orelha do livro).

³⁰ Obelkevich (p. 44) diz que “provérbios são ditos populares, tomando como impressão o consenso geral”. Para este autor (p. 45) ditos populares são “antigos, arcaicos e sem vocabulários ou construções”, declinando para vulgarização, assim assemelhando com o já citado, sobre expressões populares, no começo deste capítulo, e que “podem acabar se tornando provérbios”, Obelkevich (p. 45) ainda anota que provérbios “são não só do conhecimento moral mais também do prático” e que durante algum tempo na Inglaterra eram também vistos como vulgares e enquadrados como ditos populares.

³¹ Mesmo eu afirmando que há uma reduzida produção historiográfica, deparei-me com dissertações e teses que abordaram sobre esse campo da linguagem informal, trabalhos como os de: Alan Augusto Moraes Ribeiro, que em sua tese intitulada “Jogos de Ofensas: Epítetos verbais entre estudantes de uma escola na Amazônia” (USP, 2016) e em sua dissertação intitulada “Entre o “Zaca”

Ainda que os “historiadores” só se debruçaram sobre esta temática há pouco tempo é evidente que os provérbios são de fundamental importância para a análise da história, pois, segundo Obelkevich não se considera somente os “provérbios e os usuários, mas também as relações daqueles que os rejeitaram e no significado dessa rejeição”.

Obelkevich descreve a definição de provérbios, dizendo que:

“O que define, porém, o provérbio não é sua forma interna, mas sua função externa, e esta, comumente, é moral e didática: as pessoas usam os provérbios para dizer a outras o que fazer ou que atitude tomar em relação a uma determinada situação. Assim, os provérbios são “estratégias para situações”, mas estratégias com autoridade, que formulam uma parte do bom senso de uma sociedade, seus valores e a maneira de fazer as coisas”. (OBELKEVICH, 1997, p. 45)

As expressões populares e os provérbios que são comumente usados e falados, principalmente, pelas pessoas com mais tempo de vida, ou a conhecida terceira idade³², deve-se ao fato de acumularem experiências e assim terem uma gama de conhecimento significativa, logo, em suas falas externam em poucas palavras, um sentido amplo ao falarem as expressões populares e os provérbios que de acordo com o historiador James Obelkevich (1997, p. 48) vem acrescida de uma moral, e ensinamentos denominando essa maneira como a terceira idade se expressa de “ideologia de velhos”.

Buscar entender como as expressões populares são colocadas na comunicação e qual a relação delas com a história da humanidade é uma busca desses ensaístas autores do livro “História Social da Linguagem”. Onde encontramos o autor James Obelkevich, nesta pesquisa na qual disserto busquei entender o modo como estudante da educação básica, ensino fundamental maior, nível 7º ano, propõem juízos sobre expressões populares, e a partir destas observações desenvolvo explicações correlacionando com os conteúdos

e o “*Madre*”: ofensas raciais, processos identitário e discursos de mestiçagem em duas escolas de Belém” (UFPA, 2011), temos também a dissertação da professora Conceição Maria Rocha de Almeida, intitulada “O Termo Insultuoso: ofensas verbais, história e sensibilidade na Belém do Grão Pará (1850 – 1900)” (UFPA), 2006) e a dissertação de Ernesto Padovani Netto, intitulada “Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de história” (UFPA, 2018).

³² Sobre a terceira idade a “Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica o envelhecimento em quatro estágios: meia-idade: 45 a 59 anos; idoso (a): 60 a 74 anos; ancião: 75 a 90 anos; velhice extrema: 90 anos em diante” disponível em: <http://www.medsenior.com.br/artigos/quando-comeca-a-terceira-idade>. Acesso em: 04 mar. 2022.

programáticos³³. Os provérbios ou as expressões populares podem ajudar no processo ensino-aprendizagem. Pois:

“Os provérbios podem ser usados em qualquer estado de espírito, em qualquer situação, eles atravessam as fronteiras normais da linguagem e representam um registro polivalente e multifuncional com existência própria”. (OBELKEVICH,1997. p. 48)

Já Hudinilson Urbano³⁴ (2018), no livro “Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares – desatando nós” aborda as expressões populares como sendo expressões idiomáticas classificando as expressões populares como formulas coletivas, portadora de vivências muitas vezes imemoriais de uma coletividade. Quando esclarece sobre expressões idiomáticas, diz que: “são sequências de palavras, que apenas em conjunto e combinadas, expressam um sentido global, não traduzindo, pois, a soma dos seus diversos sentidos literais individuais”. (URBANO, 2018, p. 19).

Huélinton Cassiano Riva³⁵ traz uma discussão sobre fraseologia, onde discute que há vários termos para nomear as expressões populares, este autor denomina em sua tese de expressões idiomáticas, mesmo com diversas nomenclaturas nota-se a importância dela. Riva diz que:

“Uma vez que encontramos autores que consideram que os estudos fraseológicos abarcam provérbios (Quando a esmola é demais o santo desconfia ou devagar com o andor que o santo é de barro), locuções (posto que ou desde que), gírias (na boa ou de boa) e aforismos (Seria cômico, se não fosse trágico), enquanto outros limitam-na às Leis, sem que seja estabelecida, com clareza, nenhuma diferenciação entre esses termos”. (RIVA, 2009, p. 17-18).

³³ O capítulo 2 terá mais aprofundamento sobre essa análise.

³⁴ Hudinilson Urbano (2018, p. 509) “É graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco e doutor em Letras (Área de Filologia e Língua Portuguesa) pela Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ambas da Universidade de São Paulo (USP)”.

³⁵ Huélinton Cassiano Riva é bacharel em Letras com habilitação de Tradutor pela Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho (UNESP), concluído em 2001. É licenciado em Letras - Língua Portuguesa, concluído em 2014. É licenciado em Pedagogia, concluído em 2016. Possui mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho (UNESP), concluídos em 2004 e em 2009, respectivamente. É pós-doutor em Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP), concluído em 2013, e professor-efetivo, na Universidade Estadual de Goiás (UEG), na unidade de Itumbiara (GO). Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/6336580/huelinton-cassiano-riva>. Acesso em 11 de out. 2021.

Os modos como às expressões populares são denominados difere de uma análise para outra, o folclorista Câmara Cascudo escreveu um livro intitulado “locuções tradicionais no Brasil” que discute a origem e os significados das expressões populares. Cascudo vem, nesta obra, mostrando toda a importância de um trabalho que traz análises sobre as falações regionais e as de âmbito nacional.

Assim, debruço-me sobre a importância das expressões populares, que para alguns estudiosos são classificadas de provérbios e ou ditos populares, dependendo do período abordado, como analisou Obelkevich (1997), para outros de expressões idiomáticas como coloca Urbano (2019) e Riva (2009). Busquei considerar as particularidades regionais para o entendimento, principalmente, da história local, pormenorizando o município no qual se desenvolveu esta pesquisa, pois as observações a partir das expressões populares, pronunciadas pelos discentes tornaram-se primordiais, sejam expressões populares proferidas somente pelos sujeitos locais e/ou expressões populares que avalio como sendo de cunho nacional.

Os estudantes com suas expressões populares nortearam a pesquisa e conseqüentemente esta dissertação, foram conhecendo historicamente as expressões populares, que usavam no dia-a-dia, e mostrando também que tinham suas próprias expressões populares, que avalio sendo locais e que são carregadas de historicidade, desta forma mostro na prática o processo de ensino-aprendizagem.

Para Kalina Vanderlei e Silva e Maciel Henrique Silva (2009) que discute também dentro desta análise, do local expandindo, mesmo que aparentemente de modo informal, os modos de falar especificamente as expressões populares, ver a discussão sobre a regionalização das expressões populares, colocando as mesmas como:

“À valorização do saber popular, do conhecimento daquelas camadas sociais que, mesmo em uma sociedade que mantém o conhecimento erudito restrito às elites e sendo excluídas deste conhecimento, elaboram sua própria forma de conhecimento, democrática, criativa e dinâmica”. (SILVA, 2009, p. 155).

Esta análise de observação, para a dissertação em questão, deve ser compreendida não só como regionalização das expressões populares, mas, como modo de entender historicamente o município de Santo Antônio do Tauá, neste sentido refiro o historiador e filosofo alemão Jörn Rüsen (2007, p. 121) ao discutir

“Cultura histórica”. Para esse estudioso, a cultura histórica é “o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática”.

Levantar este debate sobre a ideia de cultura histórica a partir do que é defendido por Rüsen (2007), tornou o modo pelo qual desenvolvi esta pesquisa mais transparente, haja vista que, principiei das peculiaridades informais e formais ditas pelos estudantes da turma 7002, como: pincel “apaguento”, “bora lá na rua”, “merma merda” e “é verdade Noronha”³⁶. Pois a partir do que os estudantes falam, foi ponderado o que cada aluno possui, como conhecimento de expressões populares, e assim pude explorar o conhecimento prévio deles, desta forma consegui alinhar as expressões populares com o ensino de história.

As expressões populares tão conhecidas pela população, principalmente pelos mais idosos, como já citado, e reproduzido por muitos da sociedade, inclusive pelos alunos da turma 7002, da escola MCP onde foi desenvolvida esta pesquisa constituiu-se como objeto de investigação dos discentes. Perpetrando desta forma a formação histórica no ensino de história.

Logo, este trabalho teve como caminho o que os discentes já reproduzem oralmente no seu dia-a-dia, sendo assim, busquei cientificar as falas dos estudantes, a falada no seio familiar, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem em história fosse facilitado, desta forma, foi apresentado possibilidades para que o discente tenha oportunidades de crescimento intelectual contribuindo assim para o “desenvolvimento”³⁷ da consciência histórica, Cerri (2011, p. 27-28) ver essa questão sobre consciência histórica como algo nato do ser humano e analisa que tanto Agnes Heller quanto para Jörn Rüsen “a consciência histórica não é meta, mas uma das condições da existência do pensamento”.

Nos dizeres de Knauss: “o processo de construção de conhecimento requer pesquisa – neste caso, científica –, rompendo com as obviedades comuns e instaurado níveis de aprofundamento racional da consciência”. (KNAUSS, 1996. p. 29).

³⁶ “Bora lá na rua”: Quando se ouve esta frase entende-se que deveram ir ao centro da cidade. “Merma Merda”: Significa “a mesma coisa”, porém, depreciando o comunicador. “É verdade Noronha”: Noronha é o nome de um ex-prefeito do município de Santo Antônio do Tauá, usada normalmente para dizer que alguém está mentindo.

³⁷ As várias discussões sobre a consciência histórica podem ser refletidas no livro Ensino de história e consciência histórica de Luís Fernando Cerri. Logo, denotar adjetivos a ela não é interessante.

Gontijo coloca que “a história deixou de ser compreendida apenas como resultado de uma atividade intelectual, passando a ser investigada como prática social, cujo principal componente seria a consciência histórica”. (GONTIJO, 2019, p. 69).

Algumas expressões populares, de repercussão nacional, foram abordadas e analisadas para compreender a história e auxiliar o ensino de história³⁸, além de ter dado o pontapé inicial em muitas das minhas aulas foi o estopim também para iniciar minha pesquisa, as expressões populares de âmbito nacionais trabalhadas foram: “pé rapado”, “sem eira nem beira”, “santo do pau oco” e “lavar a égua”³⁹.

Para entender como eles receberiam ou relacionariam as expressões populares com os conteúdos dados em sala de aula, recomendei que preenchessem um questionário, assim pude levantar dados para a pesquisa. Percebi a

³⁸ Acredito que historicizar as expressões populares, junto à turma, facilitam o processo de ensino-aprendizagem.

³⁹ Pé rapado – No período colonial brasileiro as pessoas de mais condições financeiras andavam em cavalos, enquanto as mais pobres geralmente andavam a pé. Como o chão não era pavimentado era comum haver lama, fazendo com que as pessoas mais humildes daquela época sujassem seus pés. Para diminuir a sujeira de lama nos pisos dos prédios públicos e igrejas, geralmente eram colocados na frente desses imóveis um objeto de ferro que servia para que as pessoas esfregassem a sola de seus calçados a fim de retirar a lama antes de entrarem. Como os mais ricos andavam a cavalo, eles não sujavam seus sapatos, mas os mais pobres acabavam andando pisando na lama e eram exatamente eles quem acabavam tendo que “rapar os pés” nesses objetos antes de entrar nesses lugares. Daí a expressão pé rapado ser usada para se referir a uma pessoa pobre. Disponível em: (<https://curiosidadesinteressantes.com.br/qual-a-origem-da-expressao-pe-rapado/>). Acesso em 17 de jan. 2020. Urbano (2018, p. 238) também comunga desta mesma ideia.

- Sem eira nem beira: Eira é o terreno ao ar livre onde fazendeiros colocam grãos para secar. A beira é a extremidade da eira. Portanto, numa fazenda sem eira nem beira, o vento leva os grãos e deixa o proprietário sem nada. Na região Nordeste, a explicação é outra: antigamente as casas das pessoas abastadas tinham um telhado triplo – a eira, a beira e a tribeira -, enquanto os mais pobres construíam as casas apenas com uma fileira de telhas, ficando sem eira nem beira. Disponível em: (<https://super.abril.com.br/especiais/nao-marque-touca-a-origem-de-35-expressoes-populares/>). Acesso em 17 de jan. 2020. Urbano (2018, p. 139) também comungar desta mesma ideia.
- Santo do pau-oco: No Brasil colonial, os impostos sobre o ouro e pedras preciosas eram altíssimos. Para enganar a coroa portuguesa, os mineradores recheavam o interior de santas ocas, feitas de madeira, com a maior quantidade desses bens que conseguissem. Com essa artimanha, podiam passar pelas Casas de Fundação sem pagar os impostos abusivos. Assim nasceu a expressão que hoje virou sinônimo de falsidade e hipocrisia. Disponível em: (<https://super.abril.com.br/especiais/nao-marque-touca-a-origem-de-35-expressoes-populares/>). Acesso em 17 de jan. 2020. Urbano (2018, p. 276) também comunga desta mesma ideia.
- Lavar a égua: Por fim, a expressão “lavar a égua”, que quer dizer aproveitar, se dar bem, se redimir em algo, vem também da exploração do ouro, quando os escravos mais corajosos tentavam esconder algumas pepitas debaixo da crina do animal, ou esfregavam ouro em pó em sua pele. Depois pediam para lavar o animal e, com isso, recuperar o ouro escondido para quem sabe, comprar sua própria liberdade. Os que eram descobertos, porém, poderiam ser açoitados até a morte. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-escravidao-e-voce-nem-imaginava/>. Acesso em 17 de jan. 2020. Para Urbano (2018, p.138) esta expressão tem o seguinte significado “Quando os proprietários de cavalos ganhavam muito dinheiro num páreo, em regozijo pela vitória, davam na égua um banho de champagne”.

multiplicidade como os discentes conceituam as expressões populares, além de observar quais eram as, expressões populares, mais recorrentes na comunicação verbal dos estudantes.

A tabela abaixo mostra a quantidade de vezes que algumas expressões populares foram citadas pelos discentes no questionário, essas expressões populares foram mencionadas como sendo pronunciadas por eles e/ou por seus responsáveis.

Tabela 1 - Expressões populares que foram mencionadas no questionário, sendo elas de uso dos estudantes ou dos responsáveis.

Expressões populares (mencionadas no questionário)	Expressões populares usadas por alunos	Expressões populares usadas pelos responsáveis dos alunos
Bora lá na rua	5	5
Merma merda	10	4
É verdade Noronha	2	2
Apaguento	-	-
Santo do pau oco	3	3
Grande merda	1	-
Não, tu é a santinha	-	1
Né isso que eu te falo e né isso que eu te digo	1	1
Olho por olho dente por dente	1	-
Pé rapado	1	-
De novo	1	-
Filha duma égua	-	1
É verdade Noronha	2	2
Tedoido é	1	1
Teu olho	1	-
Nada a ver cara de cu	-	1
Diga com quem andas que eu te direi quem é	1	1

Faz o que mando não o que faço	-	1
Sem eira nem beira	-	1
Égua	15	10
Vai te catar	1	-
Vai tomar banho	-	1

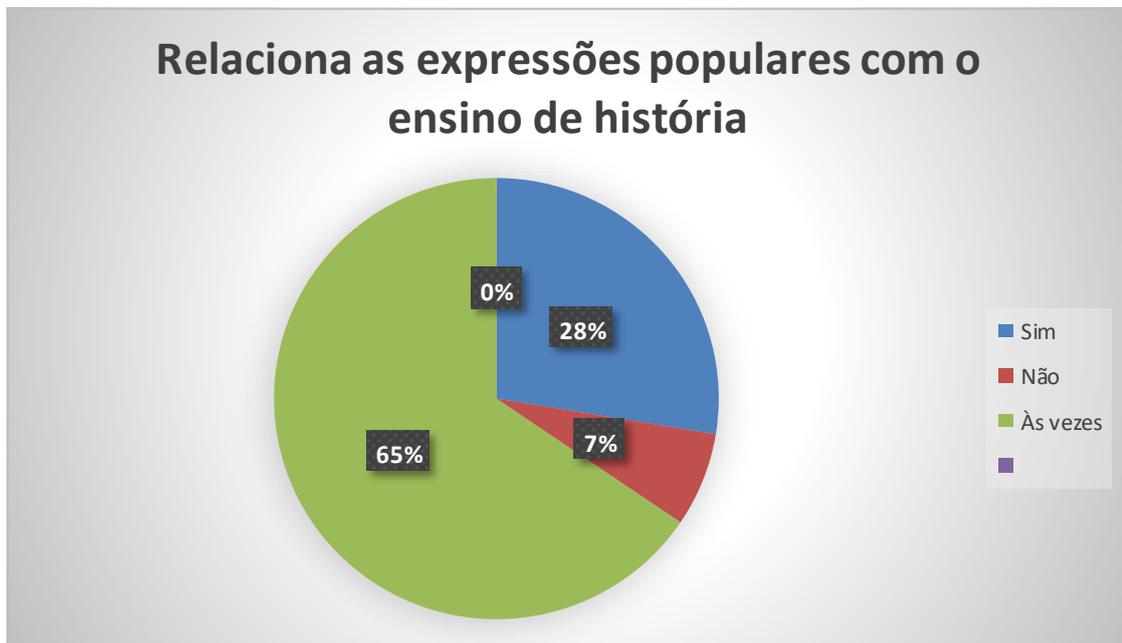
Informações coletadas do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

As expressões populares mencionadas na tabela acima foram encontradas no questionário, que por sua vez foi preenchido pelos estudantes. O questionário foi dividido em duas partes: a primeira buscava informações sobre os discentes e a segunda parte direcionava perguntas para a pesquisa⁴⁰. Foram nove perguntas colocadas na segunda parte do questionário, que buscavam compreender o que os alunos sabiam sobre expressões populares. Por exemplo: a pergunta que inicia a segunda parte é a 11 que questiona se eles sabem o que são expressões populares? As respostas poderiam ser “sim”; “sim, mas não sei explicar” e “não”. Houve perguntas que buscavam saber se usavam expressões populares no dia-a-dia e se conheciam os significados das expressões populares que usavam, além de questioná-los se conseguiam relacionar as expressões populares com o ensino do componente curricular história.

⁴⁰ O modelo usado para o questionário está no apêndice.

Gráfico 1 – Foi perguntado aos estudantes se eles conseguiam relacionar as expressões populares com o componente curricular história.



Dados obtidos através do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Para concluir este primeiro capítulo preciso lembrá-los caros leitores, que as expressões populares e as discussões sobre a comunicação dos estudantes, proporcionam aprendizado. Isso se dá em grande parte devido ao uso das vivências dos discentes, logo podemos dizer que a junção do conhecimento dos professores com o dos estudantes promove uma aprendizagem significativa.

Mesmo que os discentes não tenham o conhecimento adequado para entender o porquê de usarem expressões populares na comunicação e como as usam, eles vivenciam as expressões populares cotidianamente. As expressões populares tornam-se importantes porque aproximam os estudantes do aprendizado, tangenciado aqui o meu componente curricular história, pois, as expressões populares podem ser aproveitadas como objeto de estudo ou ponte para os conteúdos expostos aos alunos em sala de aula.

CAPÍTULO 2: NOVAS PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA ANÁLISE LOCAL: O MUNICÍPIO, A ESCOLA E A SALA DE AULA E AS RODAS DE CONVERSAS

A partir do entendimento elucidado no capítulo 1, focarei a partir do capítulo 2 sobre esclarecimentos relacionados ao município de Santo Antônio do Tauá, local onde se realizou a pesquisa, além de relacioná-lo com nossos sujeitos históricos. Buscarei objetivar e cientificar a pesquisa, que gira em torno das expressões populares locais, além das conhecidas, julgo eu que em várias regiões do Brasil, e, seus usos pelos sujeitos oriundos do 7º ano. Buscar-se-á entender como o município e a escola se comportam em meio à educação tauaense, além de, fazermos um paralelo com as metas estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC).

Além das análises sobre a educação do município tauaense, se esquadrinhará a escola em que ocorreu a pesquisa, assim como houve uma ponderação sobre o município, também se ponderará sobre a escola e como ela intervém na educação formal dos estudantes. Buscarei entender qual a importância da escola para os estudantes e como ela se comporta quando analisada a partir das metas estabelecidas pelo MEC. E principalmente como a sala de aula se ajusta as minhas expectativas.

Ao direcionar a investigação para a sala de aula em si, aplainando cada vez mais a sala de aula e seus sujeitos históricos, percebo que estes podem e são um importante campo de pesquisa, e sem esses componentes a edificação desta dissertação não seria possível, logo a sala de aula e seus sujeitos são de suma importância.

A turma na qual se desenvolveu a pesquisa apresentou várias particularidades, entre essas peculiaridades temos, por exemplo, a disparidade de idade entre os alunos que variavam entre 12 e 16 anos se mostrando uma sala de aula heterogênea, quando observado por uma régua cognitiva⁴¹.

⁴¹De acordo com a teoria piagetiana, a partir dos 12 anos temos o estágio de “inteligência operatório formal” (FERRACIOLI, 1999, p. 08). Porém, vejo na prática que os adolescentes nunca estão no mesmo nível de desenvolvimento, e, quando se analisa uma sala de aula cheias de particularidades, tendo alunos com suas idades variando dos 12 aos 16 anos percebo que as teorias de Jean Piaget

Portanto, conhecer esses componentes: Município, Escola e Sala de Aula, e, analisar a diversidade cognitiva dos estudantes, me ajudou a entender como o processo de ensino aprendizagem em história pode ser trabalhado com eles. Nas apresentações dos estudantes, sobre as expressões populares pesquisadas por eles, foi notado que algumas expressões populares, tiveram um impacto maior para alguns alunos, já que para eles haviam preconceito de cunho racial⁴², os discentes sentiram-se incomodados com a escravidão que ocorrera no Brasil, este conteúdo já tinha sido abordado em sala de aula⁴³, porém percebi que a partir da fala dos “pesquisadores” os “ouvintes” sentiram se mais sensíveis.

2.1 O lugar da pesquisa

A partir das análises das fontes primárias e secundárias, além das discussões feitas até aqui, tanto nas aulas presenciais das disciplinas do mestrado profissional, quanto das conversas com minha orientadora, perpassando pelas rodas de conversa com os estudantes, que alicerçaram os caminhos desta pesquisa, é possível analisar a multiplicidade do idioma português brasileiro e suas variações, que estão sendo verbalmente manifestadas pelo Brasil e em particular no município de Santo Antônio do Tauá, no Estado do Pará.

As variantes da língua vernácula pelos quatros cantos do Brasil são perceptíveis e cada região brasileira apresenta particularidades notáveis, tomando como referência os grandes centros urbanos, pois é possível que locais distantes ou não destes grandes centros urbanos apresentem, também, modos e particularidades

costumam não se encaixar, já que os mesmos vivenciam realidades diferentes, tais como: familiar, financeira, cultural, local de residência entre outros.

⁴² Expressões populares como: “não sou tuas negas”, “tem caroço nesse angu”, “meia tigela” e “a dar com o pau”. Sensibilizaram os discentes, pois, mostravam como os negros escravizados sofriam nas mãos dos escravocratas. Vale ressaltar que o conteúdo programático lecionado em sala de aula neste período tem como tema o Brasil colônia. E um dos assuntos abordados em sala de aula era a escravidão no Brasil.

⁴³ O livro didático usado na escola era: Projeto Araribá: **História / organizadora Editora Moderna**; obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Maria Raquel Apolinário. – 4. Ed. – São Paulo: Moderna 2014. Estávamos trabalhando a Unidade 8, denominada O Nordeste colonial. Esta unidade apresenta 4 temas sendo eles:

- Tema 1 – A economia açucareira;
- Tema 2 – escravidão, resistência e trocas culturais;
- Tema 3 – os holandeses no Nordeste;
- Tema 4 – nem de açúcar vivia a colônia.

na comunicação falada, percebemos isso a partir do momento em que ouvimos estes sujeitos.

Mesmo com todas as particularidades possíveis de análise⁴⁴, percebe-se, e é presumível acreditar que a comunicação entre os brasileiros é plausível, ou seja, a um entendimento entre o emissor e o receptor, mesmo os falantes e ouvintes apresentando muitas diferenças regionais, principalmente quando nos remetemos aos sotaques.

Tomando como partida as variadas formas de se falar no Brasil, tangenciando as expressões populares, observei que o local no qual realizei minha pesquisa o Município de Santo Antônio do Tauá, também se mostrou rico em expressões populares, pude avizinhar-se de algumas expressões populares locais, como: “é verdade Noronha”, “bora lá na rua” e “merma merda”.

Estas expressões populares puderam ser introduzidas como ferramentas metodológicas no ensino de história, já que se podem trabalhar os sujeitos históricos que falam essas expressões populares, desde quando elas são faladas e quais as condições que o Tauá se encontrava quando essas expressões populares começaram a ser faladas.

As expressões populares locais e as que são conhecidas em âmbito nacional apresentadas até aqui serviram como mecanismos pedagógicos que encontrei para facilitar o processo de ensino aprendizagem no componente curricular história⁴⁵.

Sobre essa afirmação, de que se pode usar o que é discorrido pelos estudantes para entender e explicar o processo de ensino aprendizagem o autor Marcos Bagno (2002), diz que:

“O papel do linguista é descrever a língua em suas múltiplas manifestações e oferecer hipóteses e teorias consistentes para explicar os fenômenos linguísticos, de modo que os educadores possam se servir dessas descrições e explicações para empreender uma prática pedagógica que leve em conta à pluralidade de realizações empíricas da língua”. (BAGNO, 2002, p. 32).

⁴⁴ Caros leitores não será esmiuçado peculiaridades de sotaques e sim as expressões populares que se enraizaram na comunicação, pois, julgo que muitas expressões populares, principalmente as mais antigas são compreendidas em vários locais do território brasileiro.

⁴⁵ No capítulo 1, há menções as expressões populares trabalhadas com os estudantes e as que eles citaram como sendo conhecida por eles.

É certo que as contendas sugeridas até aqui possuem alusões abarcantes do ponto de vista teórico, mas não podem meramente ser generalizadas quanto aos locais onde as pesquisas são realizadas. Pensar as relações da história com a linguagem e as expressões populares, mas especificamente, não constitui que as mesmas se produzirão, essencialmente, da mesma forma em qualquer temporalidade ou espacialidade.

É necessário que haja uma consideração das especificidades de cada local onde essas relações têm sido analisadas é importante conhecer não só os sujeitos históricos, mas também o meio no qual ele está inserido. Nesse sentido, definiremos nosso local de pesquisa para que tais questões não sejam ignoradas.

2.1.1 Sobre o Município

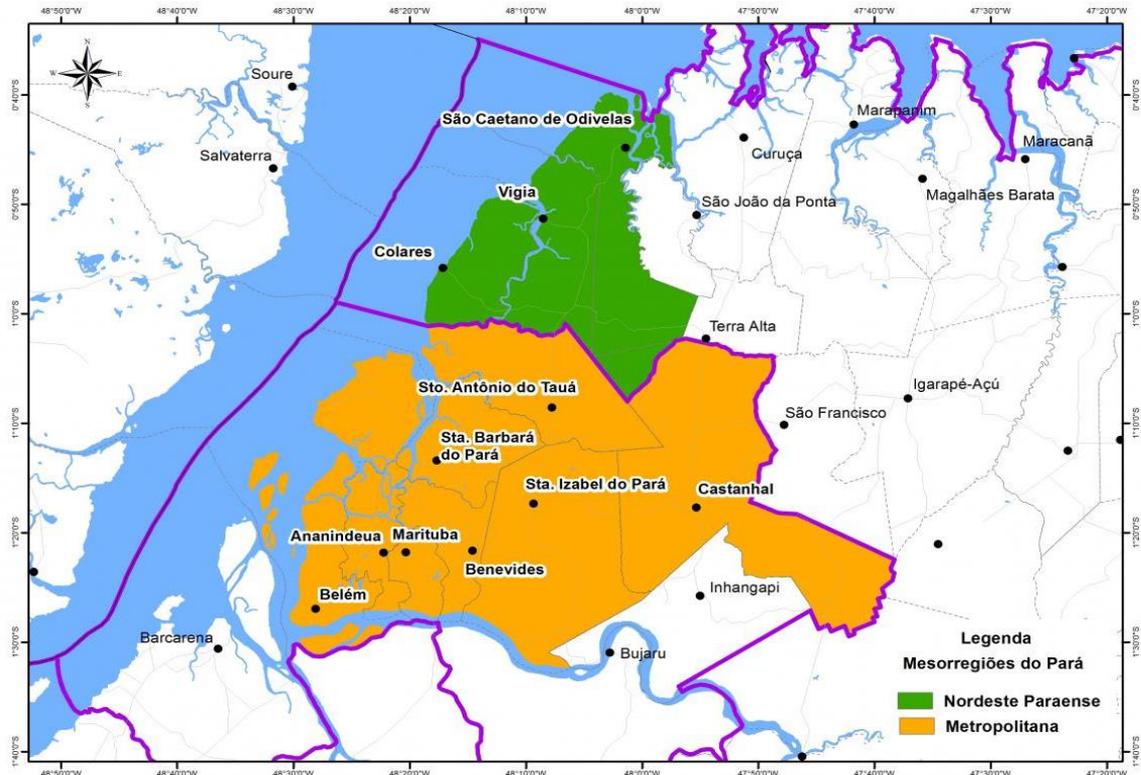
O Município de Santo Antônio do Tauá⁴⁶, no nordeste do Estado do Pará, é a cidade onde se encontra a Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto (MCP). O lócus da minha pesquisa me fornecendo e possibilitando contato com os sujeitos históricos, em questão os estudantes, além de coletar os dados e dar subsídios para que esta dissertação fosse construída.

O Tauá está distante 56 km da capital paraense, situado na PA 140, entre os municípios de Santa Isabel do Pará e Vigia de Nazaré o município pertence à mesorregião metropolitana de Belém e a microrregião de Castanhal, tendo como baliza os municípios de Belém, Santa Bárbara do Pará, Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Caetano de Odivelas, Vigia de Nazaré e Colares⁴⁷.

⁴⁶ É comum chamarmos o município somente de Tauá. O gentílico é tauaense. Com uma população estimada para 2020 de 31.918 pessoas, de acordo com o último censo de 2010, o ano de 2010 registrou-se uma população de 26.674 pessoas, apresentando assim uma densidade demográfica de 49,61 hab./km² para um território de 537.618 km². Ainda no censo de 2010, 48,1% da população tinha como renda um salário e meio, já em 2018 6,8% da população tinha ocupação formal e ganhavam até 2,1 salários mínimos. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 98,9%. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em 2010 é de 0,632. Dados extraídos do Site oficial do IBGE. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santo-antonio-do-taua/panorama>. Acessado em: 28 de out. 2020.

⁴⁷ Documento curricular municipal de Santo Antônio do Tauá, ano 2019 e PPP.

Figura 1 - Mapa apresentando os Municípios que fazem fronteira com o Município de Santo Antônio do Tauá.



Extraído da página do Governo do Estado do Pará - SEDAP.

Fonte: <http://www.sedap.pa.gov.br/par%C3%A1-productivo>.

Devido sua relativa proximidade com a capital, é comum encontrarmos profissionais da educação, tais como: professores (as), secretários (as), coordenadores (as) pedagógicos, entre outros, trabalhando no Tauá e que moram em Belém ou na Região Metropolitana de Belém (RMB)⁴⁸, além de encontramos, também, estes profissionais da educação que residem nas cidades vizinhas ao Tauá, como: Vigia de Nazaré, Colares e São Caetano de Odivelas, há docentes que moram em municípios que considero bem mais afastado do Tauá, como São Miguel do Guamá e Barcarena⁴⁹. Também é muito comum o percurso inverso, tauaenses trabalhando em Belém ou RMB, além de também se deslocarem-se para as cidades vizinhas para trabalharem.

⁴⁸ A Região Metropolitana de Belém é composta pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Barbara do Pará, Santa Isabel do Pará e Castanhal. Fonte: SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E OBRAS PÚBLICAS. Estudo de delimitação da região metropolitana de Belém./ Organizadores: Helena Lúcia Zagury Tourinho; Andréa de Cássia Lopes Lopes Pinheiro; Leonardo Augusto Lobato Bello.—Belém: SEDOP, 2018.

⁴⁹ Estas duas últimas cidades estão a mais de 100 km do município do Tauá, sendo que Barcarena está a 133 km e São Miguel do Guamá a 115 km. Informações retiradas do aplicativo Google maps. Acesso em: 26 de jan. 2021.

De acordo com o livro “História de Santo Antônio do Tauá” de 1976, do memorialista e professor Evandro Brioso, o território de Santo Antônio do Tauá passou a categoria de município no dia 29 de dezembro de 1961, mas, foi somente por intermédio da Lei Nº 2460/61 sancionada no dia 04 de abril de 1962, pelo então governador do Estado do Pará, Sr. Dr. Aurélio Corrêa do Carmo, que o município do Tauá se emancipou do município de Vigia.

No município do Tauá existem escolas públicas e privadas. As ofertas de vagas são para: Educação Infantil (creche e pré-escola), Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, Educação Especial e Educação no Campo. A educação no Tauá é municipalizada desde o ano de 2002 e hoje é regulamentado pela Lei nº 582/2011, sendo de inteira responsabilidade do município a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, além da Educação Especial e Educação no Campo. Enquanto que o Ensino Médio fica a cargo do Estado, existindo três escolas estaduais no município⁵⁰, há instituições privadas que ofertam vagas para todos os níveis de ensino, sendo eles: Educação Infantil, Ensino Fundamental Menor e Maior e Ensino Médio.

As escolas privadas tendem a concentrar seu público na educação infantil e no ensino fundamental menor, porém existe somente uma escola privada que atende a todos os níveis do ensino: Educação Infantil, Fundamental menor e maior, além do ensino médio, atua também como curso preparatório para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e funciona um polo Ead (educação à distância) de uma Universidade Privada do Pará.

São 56 escolas de responsabilidade do Município, sendo 7 escolas polos (duas urbana e cinco rurais) que ofertam o ensino fundamental maior (6º ao 9º ano) e modalidade EJA, além de 49 escolas que são direcionadas para a educação infantil e ensino fundamental menor (1º ao 5º ano), o município contabiliza 5780 alunos matriculados e 350 docentes⁵¹.

A educação no Tauá, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem uma taxa de escolarização de 06 a 14 anos de idade e é de

⁵⁰ São duas escolas que ofertam o Ensino Médio, Regular e modalidade EJA, sendo elas: Escola Estadual de Ensino Médio Inácio Moura e Escola Estadual de Ensino Médio Celso Rodrigues, a terceira escola estadual sob a administração do Estado é a Escola Prof.^a Marli Almeida Fontenelle de Castro que tem como objetivo atender alunos PCD's. É denominada também como Unidade Técnica Especializada (UTE).

⁵¹ Dados retirados do Documento curricular municipal de Santo Antônio do Tauá, ano 2019 e PPP.

98,9%. E o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do município de Santo Antônio do Tauá foi de 3,0 em 2017, segundo o gráfico abaixo.

Figura 2 - Gráfico apresentando a evolução do IDEB no Município de Santo Antônio do Tauá, do Estado do Pará e do Brasil, além de, exibir a meta do Município em questão.



Dados obtidos a partir da plataforma QEduc.org.br.

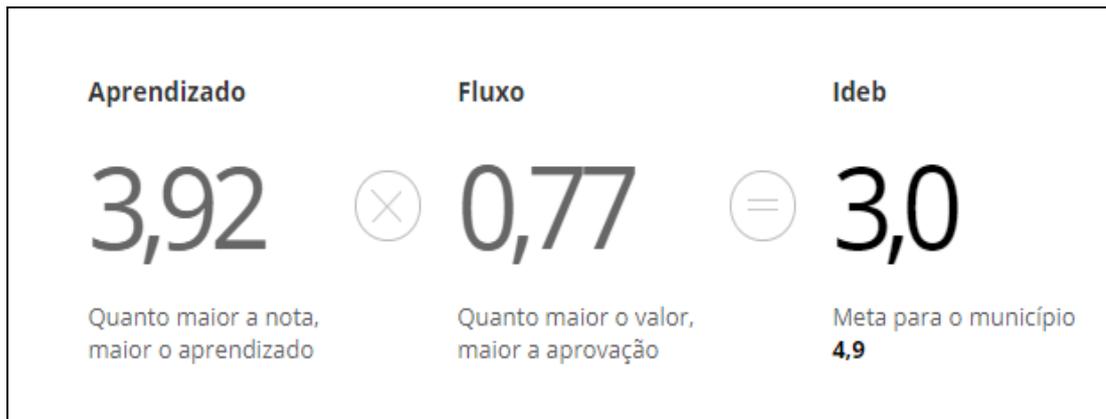
Fonte: Ideb/Inep (2017).

Os índices apresentados no gráfico acima correspondem ao cálculo realizado a partir das notas da Saeb⁵² e o fluxo escolar (taxa de aprovação), o Ideb serve como um indicador de qualidade educacional medindo o aprendizado dos alunos,

⁵² “O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Por meio de testes e questionários, aplicados a cada dois anos na rede pública e em uma amostra da rede privada, o Saeb reflete os níveis de aprendizagem demonstrados pelos estudantes avaliados, explicando esses resultados a partir de uma série de informações contextuais. O Saeb permite que as escolas e as redes municipais e estaduais de ensino avaliem a qualidade da educação oferecida aos estudantes. O resultado da avaliação é um indicativo da qualidade do ensino brasileiro e oferece subsídios para a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas educacionais com base em evidências. As médias de desempenho dos estudantes, apuradas no Saeb, juntamente com as taxas de aprovação, reprovação e abandono, apuradas no Censo Escolar, compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Realizado desde 1990, o Saeb passou por várias estruturas até chegar ao formato atual. A partir de 2019, a avaliação contempla também a educação infantil, ao lado do ensino fundamental e do ensino médio”. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

nos municípios do Brasil, entre eles o do Tauá. Essa análise quantitativa leva em consideração as notas dos discentes nos componentes curriculares de português e matemática (as únicas que aparecem no Saeb) com o indicador de fluxo, têm o Ideb.

Figura 3 – Apresentação de como é feito o calculo para definir a meta do IDEB.



Plataforma QEdU. Santo Antônio do Tauá:
Fonte: Ideb 2017.

Seguramente têm-se vários problemas na forma como a educação é mensurada no país. Para Costa Almeida; Dalben e De Freitas:

“A pretensão de sumarizar a qualidade de ensino oferecida a partir desses dois fatores não parece viável já que é incapaz de refletir a realidade das instituições não apenas pelo que índice deixar de considerar [...], mas também pela forma como mede esses aspectos”. (COSTA ALMEIDA; DALBEN e DE FREITAS, 2013, p. 1156)

José Francisco Soares⁵³, diz que:

“[...] o IDEB tem alta correlação com o nível socioeconômico do alunado. Assim, ao atribuir a esse indicador o status de síntese da qualidade da educação, assume-se que a escola pode superar toda a exclusão promovida pela sociedade. Há uma farta literatura que mostra que isso é impossível. Todos os alunos têm direito de aprender, e os conhecimentos e habilidades especificados para educação básica devem ser os mesmos para todos. No entanto, obter este aprendizado em escolas que atendem

⁵³ 2002 – 2003 Pós-Doutorado. University of Michigan, UMICH, Estados Unidos. Bolsista do (a): Fulbright Foundation, FULBRIGHT, Estados Unidos. Grande área: Ciências Humanas e 1991 – 1992. Pós-Doutorado. University of Waterloo, U.WATERLOO, Canadá. Bolsista do (a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil. Grande área: Ciências Exatas e da Terra. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

alunos que trazem menos de suas famílias é muito mais difícil fato que deve ser considerado quando se usa o indicador de aprendizagem para comparar escolas e identificar sucessos” (texto digital “Ideb na Lei? ”, 2011. Disponível em: <https://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=2352>. Acesso 01 de fev. 2021).

É possível observar que os dados obtidos dos sites: INEP, Ministério da Educação, QEDu e IBGE, mostram que o município de Santo Antônio do Tauá está com o IDEB abaixo da média nacional. Enquanto que a média do IDEB nacional vai de 3,2 em 2007 para 4,4 em 2017, o do Tauá neste período fica de 3,2 em 2007 para 3,0 em 2017. O IDEB do município não só baixou nesse período analisado como em nenhum outro ano teve a própria meta alcançada, em 2009 foi o momento onde o município ficou mais próximo de alcançar a própria meta e em todos os anos do período em questão não alcançou a média nacional.

O fato do Município não ter alcançado as próprias metas, quando analisadas a partir dos métodos estabelecidos pelo IDEB, não impede que tenhamos, ele e a escola como campo de pesquisa. Essa colocação, para o Município vinda do órgão competente por analisar o nível educacional no Brasil, só motiva-nos mais ainda, pois, busca-se entender como os estudantes veem a educação municipal e a escola, além de poderem aprender a partir de suas falas, suas expressões populares, foi possível também desenvolver um produto. Foi desenvolvido podcasts com os discentes⁵⁴, com o intuito de levar conhecimento para além das paredes da escola e/ou da jurisdição do município de Santo Antônio do Tauá.

2.1.2 Sobre a Escola

“A escola pode e deve fazer pelo educando o que talvez nenhuma outra instituição possa fazer por ele, que é apresentá-lo aos modos de, mesmo que provisoriamente, representar e compreender o mundo. É preciso ter em conta que, ao longo da história, a humanidade foi desenvolvendo formas de convívio social consideradas mais adequadas justamente por permitirem a participação e a influência dos cidadãos na tomada de decisão política sobre questões que dizem respeito à coletividade. Portanto, são modos de criar, criticar e agir em conjunto que merecem ser estimulados e compreendidos, até mesmo para questionar a sua pertinência em novos tempos. A escola, então, afirma-se como um ambiente de contínua reconstrução de experiências, orientadas para privilegiar o acolhimento à diversidade, o compartilhamento, a colaboração e também a crítica, a comparação, a criação e a iniciativa. Legitima-se, assim, em sua função

⁵⁴ O processo de construção e suas dificuldades serão relatados no capítulo 3.

social, cuja razão de ser está além dos seus muros e só se justifica quando analisada em relação com o contexto em que está inserida”. (GIL e ALMEIDA, 2012, p. 16-17).

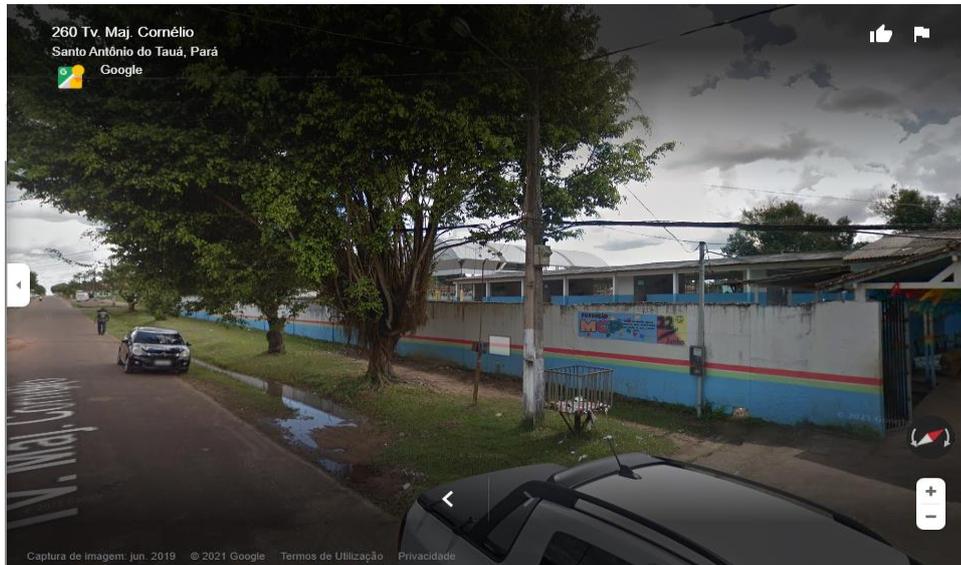
A escola na qual se desenvolveu o trabalho de pesquisa localiza-se no centro da sede⁵⁵ do município de Santo Antônio do Tauá, na travessa de mesmo nome Major Cornélio Peixoto⁵⁶, assim como muitas outras escolas, que recebem pseudônimos ou abreviações de seus nomes, esta não foge à regra, sendo chamada pela comunidade tauaense pela sigla MCP que faz referência direta as iniciais do nome da escola ou pela patente do homenageado “Major”.

O “MCP” ou “Major” é uma das escolas mais antigas do município, sendo também a maior escola destinada somente ao Ensino Fundamental Maior e sendo de responsabilidade do Município, ela é grande tanto em estrutura predial quanto em número de alunos, com 32 dependências administrativas entre: salas de aulas, biblioteca, secretaria, sala dos professores, sala da direção, copa, quadra coberta, banheiros para os alunos e banheiro para os professores, despensa, depósito, arquivo, sala do AEE/sala de informática, área de recreação coberta e duas áreas abertas, sendo uma de chão de concreto e a outra de chão de terra e arborizada.

⁵⁵ Local onde está inserido o centro político-administrativo do município, como: Prefeitura e Câmara Legislativa e Fórum.

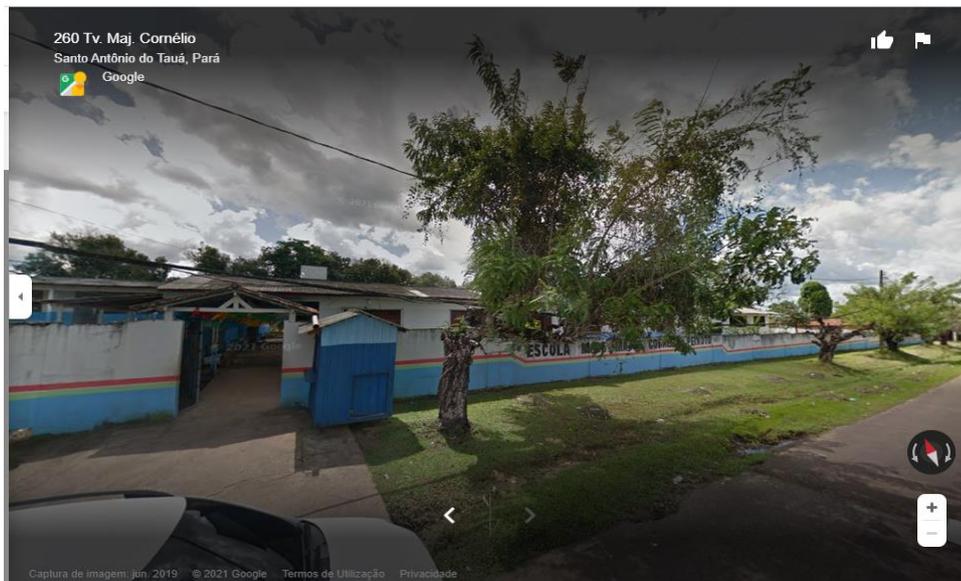
⁵⁶ Fundada no dia 27 de setembro de 1972, na gestão de Sr. Fernando José de Leão Guilhon então governador do Pará tendo como secretário de educação e cultura o Sr. Jonatas Pontes Athias, a Escola esteve sob a administração do governo estadual da fundação até o ano de 2001, somando desta forma 29 anos de gerência estadual, até ser municipalizado pelo prefeito do município Celso Cruz (PPP- Projeto Político Pedagógico). O nome é em homenagem a um veterano da Guerra do Paraguai, o Major Manoel Cornélio Barbosa Cordeiro Peixoto, natural do Rio Grande do Norte, chefiou um grupo de famílias que migraram para a região amazônica fugindo da seca que castigava parte do nordeste brasileiro no final do séc. XIX e início do século XX, devido sua forte influência política conseguiu terras com o então governador do Pará Dr. Augusto Montenegro (1901-1909) para ele e seus companheiros (FERREIRA, 2003, p. 621-623).

Figura 4 – Mostra a fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto.



Fonte: Google Maps⁵⁷.

Figura 5 – Mostra a fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto.



Fonte: Google Maps⁵⁸.

57

Disponível

em:

https://www.google.com/maps/uv?pb=!1s0x92a44bb0518c028f%3A0x723f8dad1cca99e0!3m1!7e115!4s%2Fmaps%2Fplace%2Fescola%2Bmunicipal%2Bde%2Bensino%2Bfundamental%2Bmajor%2Bcornelio%2Bpeixoto%2F%40-1.1513703%2C-48.1326793%2C3a%2C75y%2C8.39h%2C90t%2Fdata%3D*213m4*211e1*213m2*211sTf1pm1LHW hNehVDULXXUog*212e0*214m2*213m1*211s0x92a44bb0518c028f%3A0x723f8dad1cca99e0%3Fsa%3DX!5sescola%20municipal%20de%20ensino%20fundamental%20major%20cornelio%20peixoto%20-%20Pesquisa%20Google!15sCglgAQ&imagekey=!1e2!2sTf1pm1LHW hNehVDULXXUog&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiy39Tu2O3zAhUXp5UCHZVGBIYQpx96BAg2EAM. Acesso em: 28 de out. 2021.

⁵⁸ Idem.

De acordo com o site do INEP, a escola “MCP” não alcançou os requisitos necessários para que os resultados do ano de 2017 fossem divulgados, conforme as diretrizes na página do INEP o número de participantes foi insuficiente.

A escola, como já citado, sendo municipal, abarca somente o Ensino Fundamental Maior, concentrando desta forma as modalidades: regular - fundamental maior, do 6º ao 9º - e a educação para jovens e adultos (EJA), com as 4 etapas do ensino fundamental. São aproximadamente 1000 alunos, esse número varia de um ano para o outro, haja vista que, há outra escola na sede que oferta o Ensino Fundamental Maior, que é menor em estrutura predial, porém apresenta-se como uma alternativa para os estudantes que ingressam no fundamental maior, logo, o número de alunos oscila de um ano para o outro.

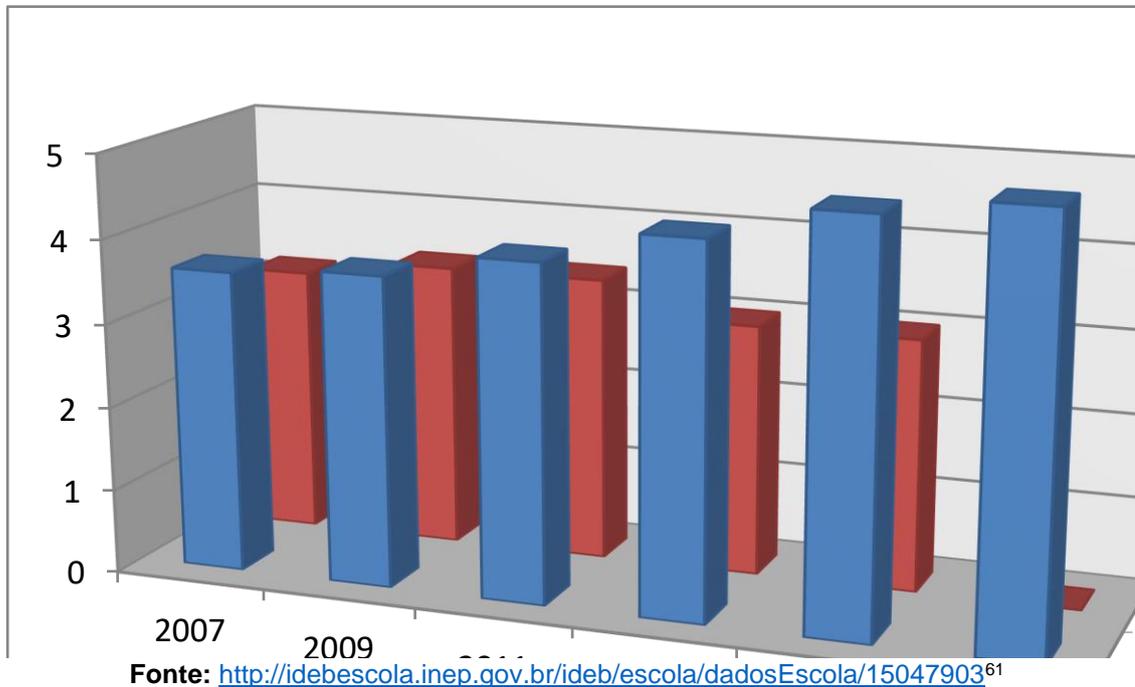
De acordo com o INEP, dados referentes ao ano de 2020, são 826 alunos matriculados⁵⁹, em pesquisa pelo site QEdu no ano de 2017 a escola “MCP” tinha 907 discentes e por este mesmo site, porém analisando o ano de 2015 o número de alunos matriculados era de 1070⁶⁰.

Os números do IDEB para essa instituição são os seguintes:

⁵⁹ Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/15047903>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/25765-emef-major-cornelio-peixoto/sobre?year=2015>. Acesso em: 01 de fev.2021.

Gráfico 2 - Relação entre o IDEB alcançado pela Escola “MCP” com as metas estabelecidas pelo Município de Santo Antônio do Tauá. Percebemos que no ano de 2017, não há IDEB para referida escola.



Considerada uma escola de grande porte no Tauá. O “MCP” é a escola, como já citado, com a maior estrutura predial e tem a maior quantidade de alunos matriculados, a escola “MCP” recebe estudantes da sede e de localidades próximas à sede. Os alunos que moram fora da sede fazem uso do transporte escolar para se locomoverem das suas casas para a escola e da escola para suas casas, em muitas ocasiões os ônibus que fazem esse transporte atrasam fazendo com que o início das aulas também atrase, em outras ocasiões o transporte escolar apresenta problemas mecânicos ou falta de combustível, desta forma não possibilita a chegada dos discentes à escola.

A diversidade e heterogeneidade dos alunos que se apresentam com diferentes cores, crenças, gênero, níveis cognitivos e diferentes faixas etárias, torna a escola plural. Ela abrange discentes com distintas condições sociais, desde alunos com vulnerabilidade social até os que possuem um alto poder aquisitivo ou um poder

⁶¹ Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/15047903>. Acesso em 01 de fev. 2021.

aquisitivo confortável⁶². É importante lembrar que existe uma escola privada no município que oferta o Ensino Fundamental Maior, e é uma das saídas para pais com condição financeira um pouco mais confortável colocarem seus filhos.

A escolha desta escola deve-se ao fato, primeiramente, de ser a que tenho maior carga horária, estou na escola o dia inteiro por três dias diferentes. Minhas turmas estão distribuídas pelos turnos: manhã, tarde e noite. Avalio que essa constância na escola facilitou minha pesquisa, pois proporcionou mais tempo com os sujeitos históricos e com a própria instituição, além de ser, a escola na qual leciono há mais tempo (aproximadamente 6 anos), pois, conhecendo e entendendo a dinâmica da escola alcancei êxito nas propostas de trabalho que realizei com a turma escolhida.

2.1.3 Sobre a Turma

Nessa instituição, na turma 7002⁶³ (sétimo ano) de 2019, do turno matutino, desenvolvi as análises sobre como os discentes compreendem as expressões populares e como elas são colocadas no cotidiano deles. A escolha desta turma deu-se pelo motivo de eu ser o professor dos componentes curriculares de história e estudos amazônicos, logo, coloquei em evidência a necessidade de estar mais tempo com os sujeitos históricos, cada uma dessas disciplinas compete dois tempos de aula por semana, cada tempo de aula corresponde a 50 minutos, totalizando assim 100 minutos por semana.

A turma se mostrou bastante heterogênea, na lista de frequência constam 41 alunos, porém 9 alunos não frequentavam, pois, foram transferidos para outras salas, outros turnos, outras escolas dentro do município ou para escolas de outros municípios, também há alunos que desistiram dos estudos. Logo, havia 32 alunos “frequentando”. Vale esclarecer que um dos alunos, o Elias⁶⁴, é diagnosticado com “deficiência intelectual associado à surdo-mudez”, segundo documentação da Escola “MCP”. Elias, assim como outros estudantes considerados “com deficiência”,

⁶² Mesmo com uma escola privada no Município, muitos pais e/ou mães, com empreendimentos lucrativos no município optam por matricularem seus filhos na escola pública. São pais donos de supermercados, de açougues, de lojas de confecção, filhos de políticos, etc.

⁶³ A nomenclatura da turma é fictícia.

⁶⁴ Os nomes dos alunos exposto são fictícios.

são denominados pela escola como “PCD”⁶⁵. Esse aluno frequentou raramente minhas aulas, pois seus familiares buscavam-no na escola em determinado horário, normalmente no meu horário de aula, para fazer a medicação controlada em sua residência.

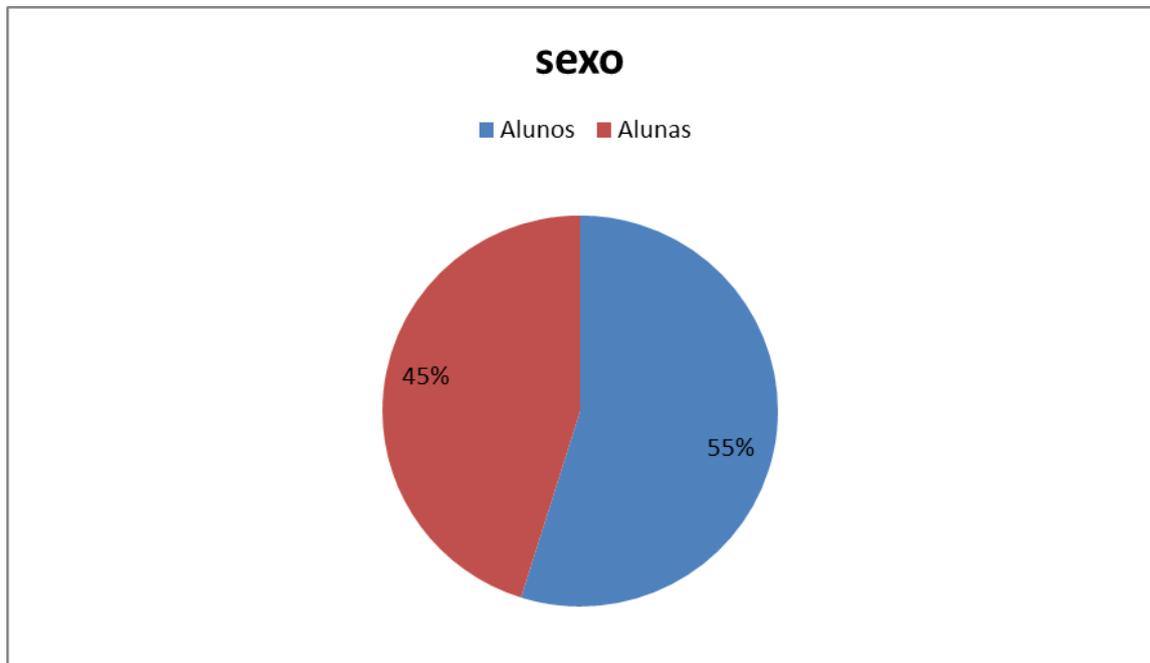
Com 31 alunos iniciamos a discussão, no dia 20 de setembro de 2019, sobre expressões populares e ensino de história, como são analisadas no dia a dia. Pôde-se determinar nesta discussão inicial o conceito sobre expressões populares, além de possibilitar uma historicização de algumas expressões populares, que estavam se conectando com o conteúdo substantivo⁶⁶.

Os 31 alunos se mostraram inicialmente dispostos a participar e realizar a pesquisa e isso é de fundamental importância, pois sem eles como sujeitos históricos e objetos da minha análise, a dissertação não poderia tomar corpo. Conforme se afirmou anteriormente a turma 7002 é heterogênea, e, quando concentramos nossas análises para a questão do sexo dos estudantes, limitando esta análise somente a classificação de alunos e alunas, temos os seguintes números: 17 alunos e 14 alunas.

⁶⁵ A escola denomina de PCD (pessoa com “deficiência”) todos os alunos com alguma “deficiência” seja física ou mental. Para Netto (2018, p. 50), a nomenclatura mais apropriada seria alunos com necessidades educacionais especiais.

⁶⁶ A discussão sobre conteúdos substantivos e quais conteúdos foram será uma discussão feita adiante.

Gráfico 3 – O gráfico abaixo mostra em porcentagem a divisão da sala tendo como definição os sexos masculino e feminino.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A turma 7002 de acordo com os dados obtidos a partir de um questionário aplicado em sala de aula⁶⁷ mostrou-se “fora da faixa etária” como pode se ver na Lei 11.274 de 06 de fevereiro de 2006, pois, a partir desta Lei o Ensino Fundamental passou a iniciar aos 06 anos de idade e não mais aos 8 anos, como esta redigido na Lei 9.394/96⁶⁸. Contudo, ambas as Leis, a 11.274/06 e a 9394/96, consideram a idade de 12 anos certa para o sétimo ano. A tabela abaixo mostra como deveria ser a relação idade série.

Tabela 2 - Apresentar-se a relação entre idade série/ano.

Relação entre idade e série/ano	
IDADE	Série/ano (Fundamental Maior)
11 anos	6º ano
12 anos	7º ano
13 anos	8º ano

⁶⁷ Será explicado mais adiante sobre esse questionário.

⁶⁸ Dados disponíveis em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/L11274.htm. Acesso em: 02 de fev. 2021.

14 anos	9º ano
----------------	---------------

Dados coletados do site do planalto.

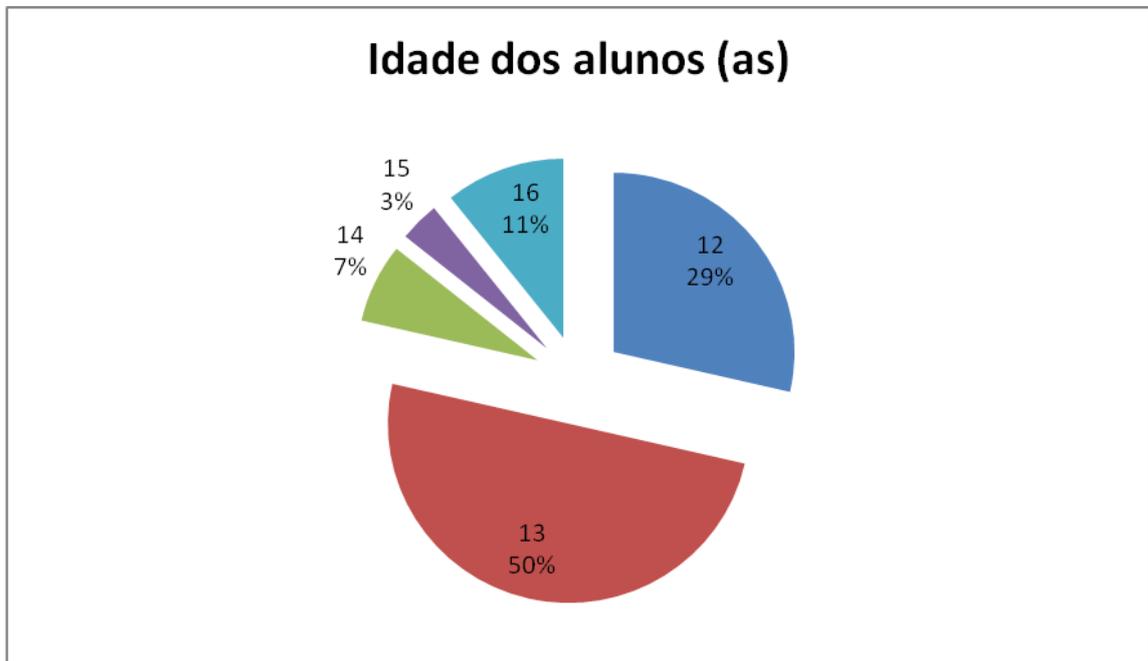
Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/L11274.htm.

Nesta turma, é notado que somente 8 alunos tem a idade de 12 anos, idade considerada certa para o ano em questão, levando em consideração as leis supracitadas, 14 alunos têm 13 anos, 2 alunos têm 14 anos, 1 aluno tem 15 anos e 3 alunos têm 16 anos. É importante frisar que 3 dos 31 alunos não quiseram responder ao questionário, os estudantes que não participaram desta não quiseram explicar o porquê de não quererem preencher o questionário só disseram que não fariam.

Logo após o primeiro debate onde apresentei a proposta de trabalho para a turma (havia empolgação por parte dos estudantes), alguns alunos declinaram, deram justificativas diversas, como: perderam o momento de ter preenchido o questionário, não tendo mais interesse de continuar, mesmo eu dando total suporte para que eles continuassem. Percebe-se também que a falta de transporte escolar⁶⁹ que fossem busca-los em suas comunidades pode ter sido um dos motivos que os desanimassem.

⁶⁹ Alguns estudantes moram em comunidades afastadas da sede onde a escola esta localizada. E eram costumeiros os ônibus não irem buscar os alunos. As explicações que tínhamos para a falta dos ônibus, normalmente era a falta de combustível, mas também davam a justificativa de que o ônibus estava com problemas mecânicos o famoso “tá no prego”. Os ônibus escolares no município em análise, normalmente eram ônibus que faziam itinerários de linha de ônibus coletivo em Belém e que ao ficarem velhos para rodarem nas ruas da capital eram vendidos para “empresários” tauaenses que depois alugavam para prefeitura para servirem como transporte escolar.

Gráfico 4 – O gráfico abaixo mostra em porcentagem o quantitativo de alunos por idade.



Dados coletados a partir da análise do questionário aplicado em sala de aula.

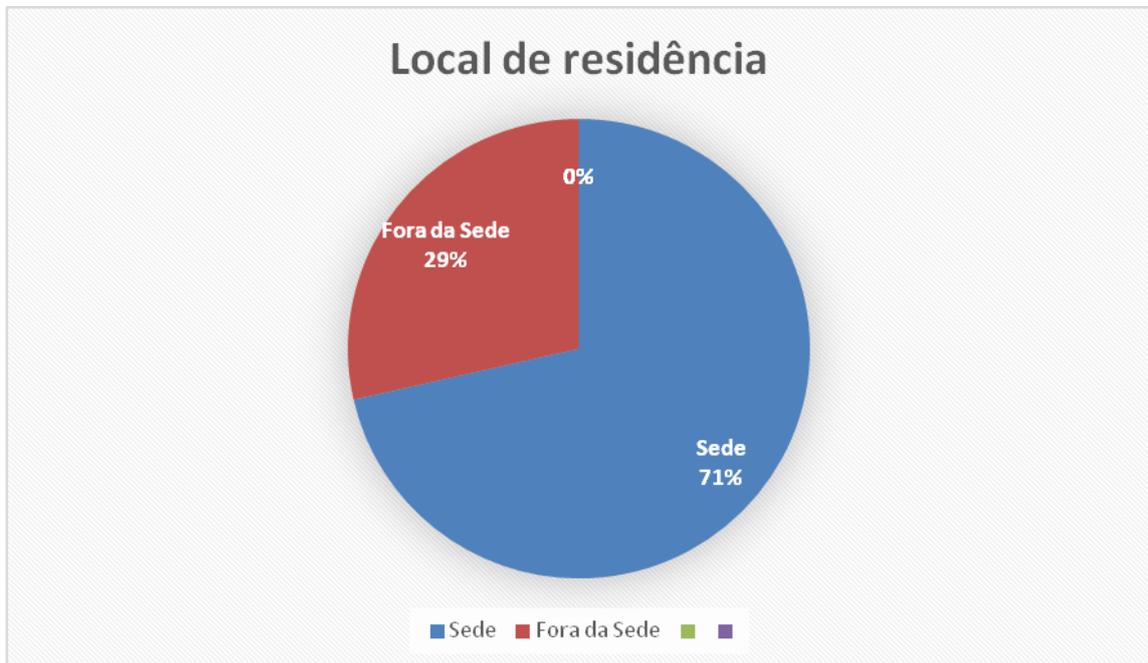
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O gráfico acima revela que metade da turma 7002 tem 13 anos, acomodando-se no que conhecemos como distorção idade/série. De acordo com site QEd⁷⁰ nas turmas do 7º em específico e na escola em questão, de cada 100 alunos 45 estão em distorção idade série de pelo menos 2 anos. Então, pondero que os dados retirados do site QEd aproximam-se dos dados coletados do questionário aplicado em sala de aula.

Quando analisamos a distância do local de residência dos estudantes e conseqüentemente a locomoção deles para escola, percebemos que a maioria situa sua moradia na sede. São 71% dos estudantes que moram na sede e o restante, ou seja, 29% dos alunos assinalam que sua residência fica em localidades afastadas da sede. Os discentes que moram na sede não precisam, teoricamente, do transporte escolar, enquanto que os que moram em localidades afastadas só conseguem chegar à escola via transporte escolar.

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/cidade/3408-santo-antonio-do-taua/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageld=7&year=2017>>. Acesso em: 02 de fev. 2021.

Gráfico 5 – Apresenta em porcentagem a quantitativo sobre o local de residência dos estudantes, a partir do que eles consideram sede e fora da sede.

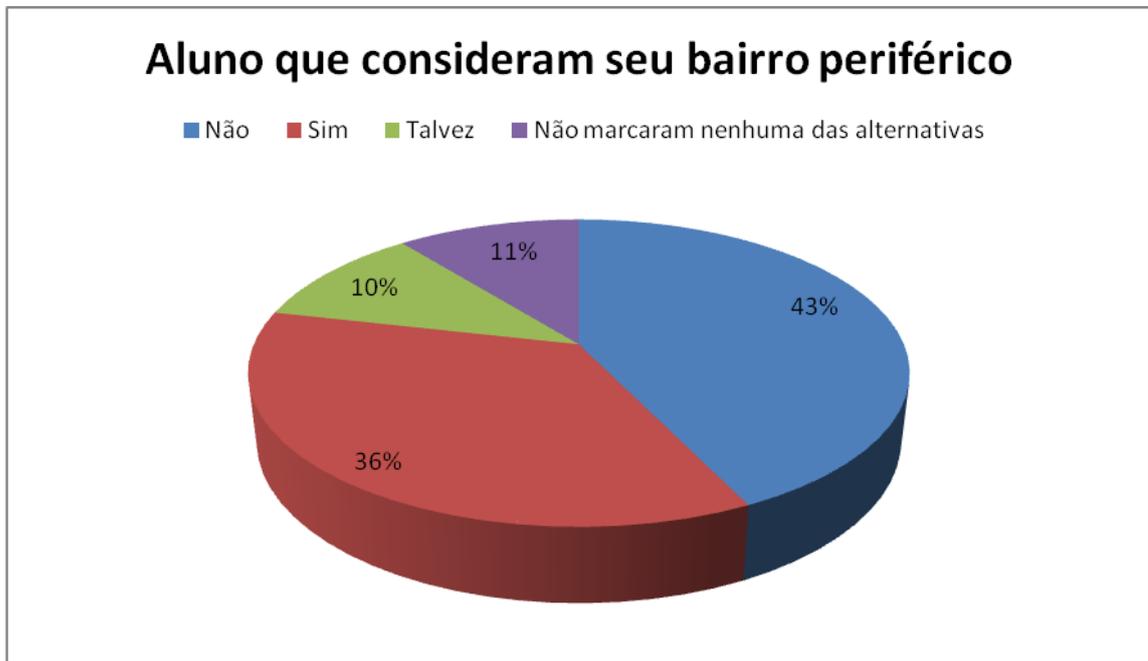


Dados obtidos através do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Foi perguntado também no questionário se eles enxergam seus bairros ou localidades como sendo periféricos, dando possibilidade de responderem: sim, não ou talvez. Assim, obtivemos as seguintes respostas: 12 alunos marcaram a opção de que não consideram seu bairro periférico, 10 alunos marcaram que consideram seu bairro periférico, 3 alunos marcaram a opção talvez e 3 alunos não marcaram nenhuma das opções dadas.

Gráfico 6 - Expõe em porcentagem sobre se os estudantes consideram seu bairro periférico.



Dados obtidos através do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Essas discriminações sobre o lócus da pesquisa e seus sujeitos históricos se faz importante por que nos ajuda a compreender o universo ao qual a pesquisa foi realizada. Porém, é necessário ter cuidado, pois uma apresentação simplória dos dados sobre o local e seus sujeitos históricos pode fazer com que tenhamos a impressão de que não há relação com o discutido na dissertação.

A pesquisa tem por objetivo por em discussão as falas dos discentes, pormenorizando as expressões populares, procura-se compreender como os discentes percebem a história dentro das expressões populares faladas ou ouvidas por eles.

A priori buscaram-se entender o quanto os discentes, da turma 7002, conhecem por expressões populares, para assim iniciar e desenvolver minha pesquisa, a autora Bittencourt (2009) explica que:

“O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudos escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação”. (BITTENCOURT, 2009, p. 168).

A pesquisa foi dividida em etapas, buscou-se trabalhar desta forma para melhor apresentarmos os dados coletados, se aproveitando daquilo que estávamos pesquisando. Logo, dividir a pesquisa em passos ou procedimentos também foi importante, pois além de sistematizar a pesquisa e a escrita, deu condições para que a dissertação tomasse corpo.

A priori mediei uma discussão com a turma 7002 sobre o que eles conheciam ou entendiam sobre expressão popular, terminada esta primeira etapa e julgo ter alcançado um entendimento unilateral sobre o conceito de expressão popular, partimos para o segundo momento o preenchimento de um questionário que objetivava a coleta de dados e que me ajudou a entender os sujeitos históricos e a relação deles com minha proposta de pesquisa, que são as expressões populares como ferramentas metodológicas no processo de ensino aprendizagem do componente curricular história.

Após essa etapa passamos a pesquisar as expressões populares e seus significados históricos, buscando a historicidade delas, além de sua compreensão nos dias de hoje. Foram direcionadas expressões populares aos estudantes para que estes pesquisassem.

No primeiro momento permiti que eles escolhessem o que queriam pesquisar, porém tive que interferir em algumas ocasiões, pois as expressões populares que eles traziam como propostas de pesquisa estavam desalinhadas com os conteúdos substantivos explanados em sala de aula, vale frisar que tenho uma grade curricular a cumprir e a dissertação não pode ser trabalhada separada dos conteúdos dados em sala.

Com as pesquisas dos alunos realizadas permitimos a socialização das mesmas em rodas de conversas, os discentes explanaram sobre suas pesquisas para a turma e ouviram da turma comentários interessantes, o formato de roda de conversas se mostrou atraente para o processo de ensino-aprendizagem.

Com todas essas etapas concluídas começamos a captar os áudios dos discentes explicando suas respectivas pesquisas que são as expressões populares, a captação dos áudios tem como propósito a produção de podcasts⁷¹.

⁷¹ Podcasts são conteúdos em áudio divididos em múltiplos episódios que são disponibilizados em plataformas online. Geralmente esses episódios são em formato de entrevista, bate-papo ou gravações individuais em que se discutem temas específicos. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/podcasts/>. Acesso em: 12 de jan. 2020.

2.2 Sala de aula

As expressões populares⁷² expostas em sala de aula junto aos conteúdos substantivos, sempre foram sinônimas de espanto por parte de muitos alunos, pois, algo não convencional, como as expressões populares, dentro das aulas que na visão de muitos estudantes “só fala de passado” era novidade.

Desta forma percebo a importância de as aulas de História precisarem sair do comodismo das quatro paredes e das estáticas páginas dos livros didáticos e ir ao encontro da realidade vivida dos discentes, neste caso em específico à realidade falada.

É perceptível a empolgação dos educandos quando há uma quebra em relação às tradicionais aulas, que se resumem em copiar no quadro o conteúdo, esperar os alunos copiarem o conteúdo do quadro e depois explicar o conteúdo posto no quadro. Nesta síntese o quadro branco ocupa um espaço, do tempo de aula, substancial, e faz com que pensemos esse modelo pedagógico dentro de uma *transposição didática*⁷³. Yves Chevallard no livro “La transposición didáctica: Del Saber Sabio al Saber Enseñado” descreve sobre o conceito de transposição didática.

“El concepto de transposición didáctica, en tanto remite al paso del saber sabio al saber enseñada, y por lo tanto a la distancia eventual, obligatoria que los separa, da testimonio de ese cuestionamiento necesario, al tiempo que se convierte en su primera herramienta”⁷⁴. (CHEVALLARD, 1997, p. 16).

Começar as aulas partindo do cotidiano falado dos estudantes deixa-os estarecidos, mostrar que o que eles falam e ouvem, pormenorizando as expressões populares, tem ligação com o componente curricular de história, é de fundamental importância para o que David Ausubel chama de Aprendizagem significativa.

⁷² As anotações sobre expressões populares foram dadas no capítulo 1, que afirmava ser “sequências de palavras, que apenas em conjunto e combinadas, expressam um sentido global, não traduzindo, pois, a soma dos seus diversos sentidos literais individuais”. (URBANO, 2018, p. 19).

⁷³ Cf. SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. Ensinar História (coleção pensamento e ação na sala de aula). São Paulo: Scipione, 2009, p. 35-36.

⁷⁴ *Tradução nossa* – O conceito de transposição didática, na medida em que se refere à passagem do saber sábio ao saber ensinado e, portanto, à distância eventual e obrigatória que os separa, testemunha aquele questionamento necessário, ao mesmo tempo em que se torna seu primeiro instrumento.

Para Moreira que discute Ausubel a:

“Aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, ou seja, este processo envolve a interação da nova informação com uma estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel define como *conceito subsunçor*, ou simplesmente *subsunçor*, existente na estrutura cognitiva do indivíduo. A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em *conceitos ou proposições relevantes*, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz”. (MOREIRA, 1995. p. 153.)

A relação das expressões populares com o ensino de história, e, a historicização destas expressões populares presentes na comunicação dos estudantes torna o processo de ensino aprendizagem mais sólido, além de configura-lo como aprendizagem significativa. No questionário aplicado aos alunos com o intuito de coletar dados tivemos uma pergunta que associava os modos de falar com os estudos de história⁷⁵. Dentre as respostas dos discentes destaco:

“Não sei, mas é bem divertido porque algumas coisas são das nossas vidas e é nossas histórias. Enfim é por isso!” (TERESA, 13 anos).

“Sim, porque trabalhamos na sala de aula, nos conteúdos de história”. (DANIELE, 13 anos).

“Sim, porque cada expressão popular tem sua história”. (LUCIANO, 13 anos). Grifos nosso.

Muitas respostas, dadas pelos discentes, para a última pergunta se repetem, acredito que seja por que os estudantes conversavam entre si na hora de responderem o questionário, com as conversas eles chegaram a um consenso para dar uma resposta⁷⁶. Então, selecionei somente as destacadas acima para evidenciar a disparidade de respostas feitas por eles.

⁷⁵ A última pergunta feita no questionário era “Você acha que os modos de falar têm a ver com os estudos de história? por quê?”. Dos 28 alunos que responderam o questionário 20 alunos disseram que sim para essa pergunta, alguns justificaram outros não, 6 disseram que não, também houve alunos que não justificaram colocaram apenas não e 2 não responderam.

⁷⁶ Na hora de responderem o questionário, os estudantes estavam conversando buscando entender como responder às perguntas do questionário, logo, os diálogos entre eles aconteceu e com minha permissão.

A discente Teresa, apesar de dizer que não sabe se o componente curricular de história tem a ver com os modos de falar, afirma que algumas coisas são da nossa vida, julgo que a mesma se refere às expressões populares que estavam sendo discutidas em sala de aula como sendo relacionadas às nossas vidas. Os estudantes Luciano e Daniele, afirmam respectivamente que as expressões populares têm suas histórias porque trabalhamos-las em sala de aula no componente curricular história.

Neste primeiro contato que tive com os alunos, levando em consideração minha pesquisa, pude através de uma roda de conversa dentro da sala de aula procurar apreender o que eles entendiam de expressões populares e quais conceitos traziam sobre as expressões populares, essa conversa foi importante, pois a partir das discussões mediadas por mim tive oportunidade de dar o próximo passo da pesquisa.

Na sala de aula, e em um tempo de aula⁷⁷, foi explicado o significado histórico de algumas expressões populares, como: “erro Crasso” (totalmente desconhecida por eles), “lavar a burra ou lavar a égua”, “pé rapado”, “sem eira nem beira” e “santo do pau-oco”. Esta última chamou a atenção deles porque eles conhecem e alguns até utilizam no dia-a-dia, houve um pequeno alvoroço dos alunos, onde um gritava para o outro “seu santo do pau-oco ou santinha do pau-oco” em tom de “zoeira”⁷⁸.

As explicações dessas expressões populares tiveram como finalidade fazer com que, os discentes, entendessem ou alinhem-se seus conhecimentos prévios ao conceito de expressões populares explanado em sala de aula. Muitos alunos externaram que expressão popular é algo que só “gente velha” fala, eles referiam-se aos idosos desta forma. Na explicação sobre “erro Crasso” muitos afirmaram que era tão antiga que não se ouvia mais, e, mais uma vez apreendi que muitos estudantes relacionavam o ensinado no componente curricular história com “coisas velhas”.

As outras expressões populares explicadas em sala de aula, como: “lavar a burra ou lavar a égua”, “pé rapado”, “sem eira nem beira” e “santo do pau-oco”

⁷⁷ O componente curricular de História no 7º ano tem dois tempos de aula por semana, cada tempo de aula corresponde a 50 minutos, totalizando 100 minutos por semana. Além de ocupar a cadeira de história na turma 7002 também ocupo a do componente curricular de Estudos Amazônicos, que possui a mesma carga horária de história. Desta forma consigo ter mais tempo com a turma.

⁷⁸ Expressão popular derivada de zoar. Significado de Zoar (verbo bitransitivo e intransitivo). Falar algo para fazer rir; caçoar de algo ou de alguém: o professor estava zoando os alunos da sala; meu irmão vive me zoando! Disponível em: <https://www.dicio.com.br/zoar/>. Acesso em 14 de fev. 2021.

fizeram mais sentido para os estudantes, julgo que seja porque já ouviram ou leram de algum lugar. Talvez tenham ouvido de pessoas próximas, ou lido em livros didáticos ou não, ou em outros materiais impressos, podem ter tido contato através de programas de televisão, etc.

As explicações sobre o conceito das expressões populares feita, aos discentes, no primeiro momento de realização deste trabalho de pesquisa mostraram-me que, além destas expressões populares explicadas e que estimo serem de cunho nacional o município de Santo Antônio do Tauá também tem suas expressões populares usadas no dia-a-dia.

Expressões populares, como: “bora lá na rua”; “merma merda” e “é verdade Noronha”. São usadas cotidianamente pelos estudantes e foram ditas por eles na roda de conversa, são expressões populares particulares dos munícipes. Saber a existência destas expressões populares locais me deixou contente, pois daria para trazer a luz da discussão sobre as expressões populares e o ensino de história em um âmbito também local.

Depois de ouvi-las dos alunos na roda de conversa, entender a história por trás de tais expressões populares locais era um compromisso que assumi junto com a turma. Logo, procurar historicizar passou a ser minha preocupação, buscando desta forma aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem em história.

Na primeira roda de conversa, que tinha como propósito alinhar os conceitos sobre expressão popular, pude observar e apreciar a explicação, dada pelos alunos, sobre a expressão popular “bora lá na rua”.

A expressão popular “bora lá na rua” significa ir à feira, ao centro comercial do município, ir à feira. “Bora lá na rua” se remete a um Tauá antigo, pelo menos em relação à idade dos alunos, estes em suas falas e pesquisas não conseguiram datar o período ao qual ela começou a ser falada, porém, muitos afirmaram que seus avós falavam assim e conseqüentemente seus pais também e muitos confessaram, em sala de aula, que ainda falam assim, vale ressaltar que os alunos têm entre 12 e 16 anos de idade.

Não obstante, se levarmos em consideração que o município de Santo Antônio do Tauá tem como ano de fundação, 1901, e a data de emancipação esta

para o dia 04 de abril de 1962⁷⁹, esta expressão popular pode ser centenária⁸⁰, todavia em conversa com os próprios estudantes pude entender que era num momento onde o Tauá ainda se apresentava como um pequeno município e com uma população que tinha realmente o centro da cidade como único local de compras⁸¹.

Após a conceituação sobre expressões populares, apliquei um questionário sociocultural, com o objetivo de colher o máximo possível de informações que me fizesse entender, como a comunicação está sendo feita e com quem se comunicavam com frequência, para assim estabelecer limites a minha pesquisa ou até mesmo ampliá-la.

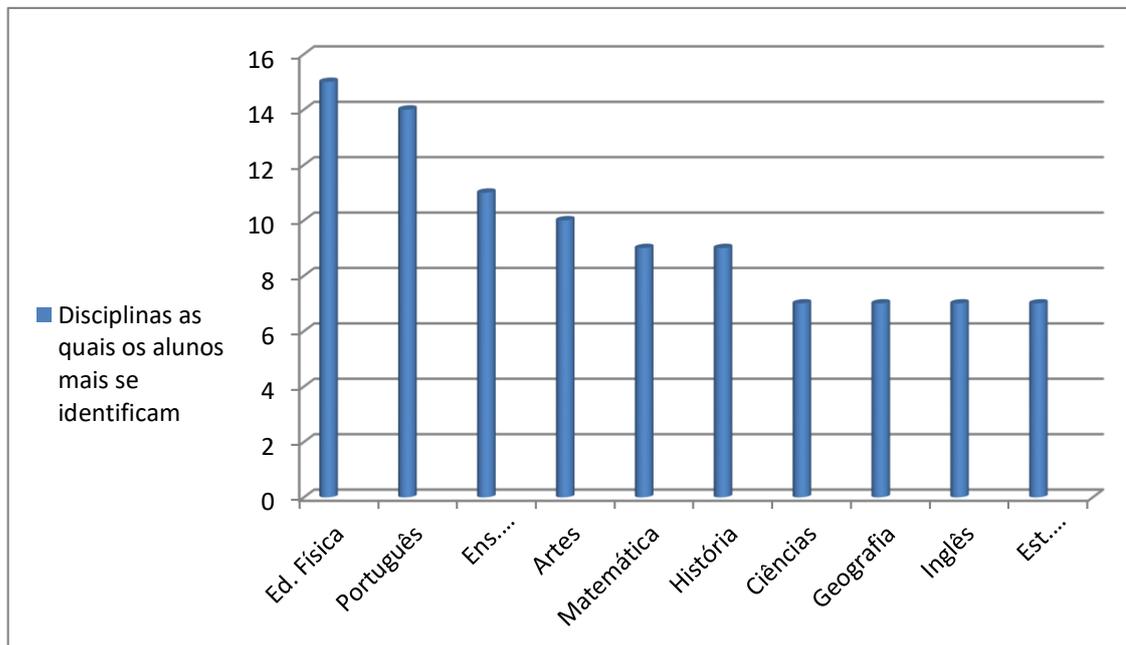
O questionário foi dividido em duas partes: a primeira parte colhia informações exclusivamente dos alunos, buscando saber a idade, o local em que residem, quais disciplinas escolares mais se identificam e com quem moram e quais as escolaridades dos pais e/ou responsáveis.

⁷⁹ BRIOSO, 1976.

⁸⁰ Fazendo uma comparação com as expressões populares explicadas em sala de aula que ora são seculares ora são milenares, como nos casos das expressões populares “erro Crasso” que remete ao conteúdo de “Roma Antiga”, ou que fazem referencia direta ao Brasil Colonial, como: “pé rapado”, “sem eira nem beira”, “santo do pau oco”.

⁸¹ Em conversas com professores da instituição, Major Cornélio Peixoto, sobre esta expressão popular, tive as seguintes respostas: Professora “C” de 43 anos e residente no município desde o nascimento, afirma que escuta essa expressão desde a infância. Professor “B” de 37 anos, residente no município desde o nascimento, contou que ouviu essa expressão popular de seus avós maternos.

Gráfico 7 – Foi perguntado aos estudantes quais componentes curriculares mais se identificavam.



Dados obtidos através do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os dados colhidos no questionário mostram de que Educação Física é o componente com maior indicação por parte dos estudantes são 15 no total, seguido de língua portuguesa com 14. O componente curricular história, aparece empatado com o componente curricular matemática com 9. A pergunta sobre qual componente curricular o aluno mais se identifica foi colocada no questionário para saber quantos discentes tinham aptidão pelo meu componente curricular. Estimo que se eles apontassem história com mais intensidade ajudaria na efetivação do trabalho.

Saber com quem moram e qual a escolaridade destes pais e/ou responsáveis, também era uma pergunta do questionário. Logo temos o gráfico abaixo trazendo os números desta pergunta:

Gráfico 8 – Quantitativo de com quem os estudantes residiam.

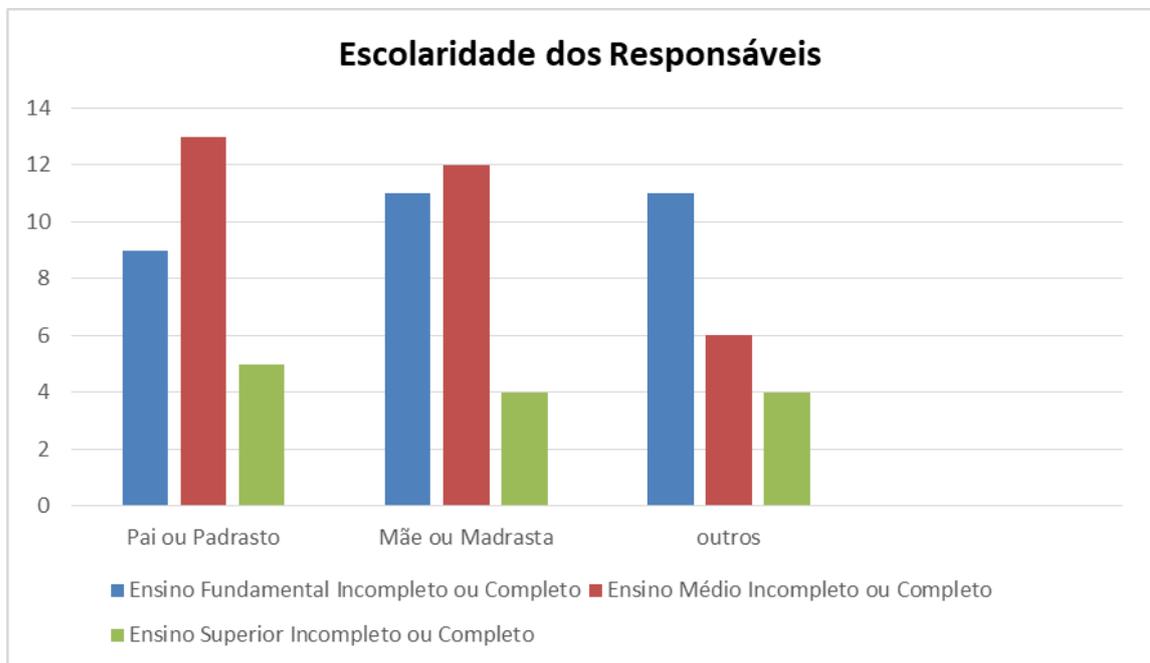


Dados obtidos através do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A pergunta sobre com quem moravam continha seis opções, como pode ser visto no gráfico acima, sendo elas: Pai e Mãe, obteve 17 assinaladas; Mãe, com 4 assinaladas; Pai, não houve nenhuma assinalada; Mãe e Padrasto, com 2 assinaladas; Pai e Madrasta, com 1 assinalada e outros (podendo serem tios, avôs, irmãs, etc.), com 3 assinaladas. Obtivemos através do que questionário informações sobre a escolaridade dos pais e/ou responsáveis dos estudantes.

Gráfico 9 – Sobre a escolaridade dos pais e/ou responsáveis dos discentes temos os seguintes números no gráfico abaixo.



Dados obtidos através do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

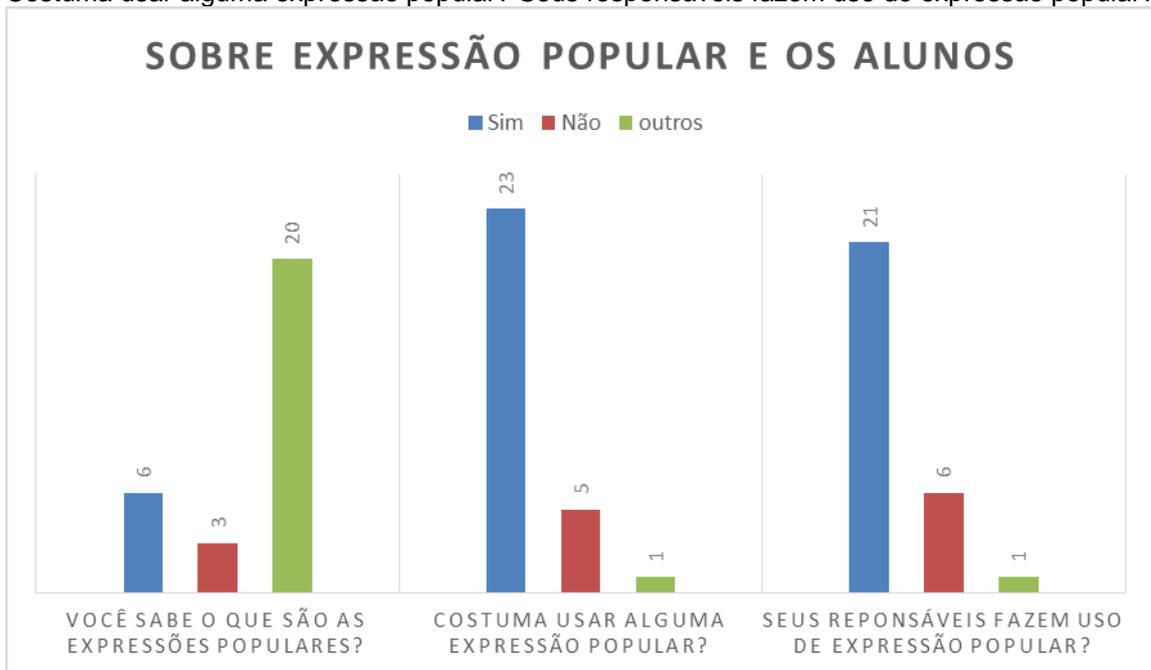
Essa pergunta possuía seis opções de respostas sendo elas: Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Incompleto, Ensino Médio Completo, Ensino Superior Incompleto e Ensino Superior Completo.

O conhecimento prévio sobre quem e o que contorna os estudantes é primordial para darmos caminhadas diante do objeto de pesquisa. E assim conseguirmos apresentar êxito no que foi programado para a construção desta dissertação.

A segunda parte de perguntas do questionário buscava adquirir subsídios para minha pesquisa, às perguntas eram relacionadas à comunicação verbal e como

as expressões populares estavam sendo colocadas no cotidiano. Além de buscar entender quais conceitos tinham sobre as expressões populares, mesmo depois da roda de conversa realizada em sala de aula. O gráfico abaixo mostra como eles se relacionam com as expressões populares, essas informações se darão em números.

Gráfico 10 – Respostas dadas pelos estudantes sobre: Você sabe o que são expressões populares? Costuma usar alguma expressão popular? Seus responsáveis fazem uso de expressão popular?



Informações coletadas do questionário aplicado em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Nesta etapa de pesquisa estabelecida por mim pude observa que o questionário possibilitou pensar os alunos individualmente, e a partir dele analisei as particularidades de cada estudante, visando suas peculiaridades ou suas relações a tudo que era proposto em sala de aula.

O terceiro passo foi introduzir pesquisas sobre expressões populares, estas deveriam estar relacionadas aos conteúdos substantivos ministrados por mim em sala de aula, na disciplina de História e também de Estudos Amazônicos⁸² já que fui professor de ambas os componentes curriculares nesta turma, foi possível também abrir o leque para que pesquisassem as expressões populares locais e seu significado histórico, como dito anteriormente procurei entender as mesmas, para

⁸² Incluí o componente curricular Estudos Amazônicos ao texto, porque em muitos momentos tive que tirar duvidas dos estudantes dentro do tempo de aula deste componente.

assim, por em prática o que David Ausubel chama de aprendizagem significativa. A ideia é cientificar as expressões populares a partir da historicidade delas e assim ajudar a compreender os conteúdos dados em sala de aula.

Estas pesquisas inicialmente iriam ser expostas na Feira Científica e Cultural da escola que seria realizada no final do mês de novembro de 2019. Contudo, devido à escassez de recursos, principalmente financeiro, do apertado calendário escolar, além da proximidade das avaliações finais foi decidido em reunião com a gestão, corpo técnico pedagógico e corpo docente que não iria mais ser realizado o evento.

O cancelamento da Feira Científica e Cultural me frustrou, pois neste momento dependia dela para levar adiante minhas pesquisas e a construção da dissertação. Contudo, há males que vem para o bem, pois o cancelamento me proporcionou pensar em várias maneiras de consolidar o trabalho de pesquisa dos alunos.

As maneiras que busquei para materializar as pesquisas realizadas pelos alunos e dar andamento a minha dissertação de mestrado teria que estar de acordo com o que a escola já vivia, então, pensei em expor os trabalhos sobre expressões populares no pátio central da escola, haja vista que muitos trabalhos escolares mediados por outros professores tiveram sua culminância nesta área da escola, ou seja, era algo que a escola já estava acostumada.

A outra forma pensada para desenvolver o trabalho foi expô-lo dentro da sala de aula da turma, usaria os meus horários e se possível pediria mais um tempo de aula de outro professor⁸³, tendo a seguinte dinâmica convidaríamos as outras turmas, uma por uma ou duas turmas de uma só vez, para irem apreciar o que os discentes produziram.

Ambas as ideias foram logo descartadas, pois precisaria parar as atividades por alguns momentos e isso atrapalharia alguns colegas professores que estavam terminando seus conteúdos e organizando atividades avaliativas em sala de aula, já que estávamos próximos das provas finais.

⁸³ No 7º ano a disciplina de história tem dois tempos de aulas por semana, cada um com 50 minutos somando 100 minutos de aula neste caso de exposição, logo pedi mais um tempo para outro professor proporcionaria pelo menos 150 minutos de exposição.

Para motivá-los a continuar a pesquisa e ao mesmo tempo dar continuidade aos meus trabalhos acadêmicos, optei por produzir, em conjunto com os estudantes, os podcasts com a pesquisa realizada pelos docentes, conversei com a turma sobre o podcast, explicando o que era um e qual o propósito do podcast. A turma sem entender muito de podcast embarcou junto e assim pudemos começar a planejar a construção desta mídia. A expectativa na criação dos podcasts tinha como razão a divulgação do conhecimento produzido por eles, pois, os podcasts seriam disponibilizados em diversas plataformas.

A produção deste trabalho, sendo ele: a pesquisa, a escrita e pôr fim a captação dos áudios dos alunos para a produção dos podcasts teve a pontuação que seria destinada à Feira Científica e Cultural que consistia em 4,0 pontos. Mesmo tendo essa pontuação percebi que alguns alunos se recusaram a fazer os trabalhos de pesquisas, assim como a captação dos áudios para o podcast, mesmo informando a todos que as tarefas por eles produzidas integrariam a avaliação.

Foram sete alunos que declinaram em relação à pesquisa que eu objetivava. Dentre os que não se preocuparam com a iniciativa da pesquisa e/ou não se importaram em somar pontos para a 4ª (quarta) avaliação, notei os (as) estudantes: Eliana de 12 anos, Lívia de 12 anos, Fernando de 16 anos, Marcos de 13 anos, Paulo de 12 anos, Raquel de 14 anos e Marcelo de 13 anos⁸⁴.

As explicações desses discentes supracitados para não realizarem as tarefas propostas por mim foram as mais diversas. Sendo elas: As alunas Eliana e Lívia, conversaram comigo e disseram que não iriam fazer porque já estavam “passadas”⁸⁵, ou seja, já tinham alcançado as notas mínimas para estarem aprovadas no meu componente curricular, assim queriam se dedicar aos componentes curriculares nos quais estavam com baixo desempenho.

Os alunos Fernando, Marcos, Paulo e a aluna Raquel não quiseram fazer a pesquisa, conversei em particular com cada um deles e obtive as seguintes repostas: Fernando disse-me que não tinha tempo, porém conversando com a mãe dele neste mesmo período, ela atentou-me para falta de interesse dele afirmando que não fazia nada a não ser estudar; Marcos mostrou-se descontente com o ano letivo dizendo que já estava reprovado e que não iria fazer; Paulo, de acordo com o

⁸⁴ Lembrando que todos os nomes dos alunos usados nessa dissertação são fictícios.

⁸⁵ Expressão popular usada por alunos já aprovados em determinado componente curricular.

diário de classe não frequentava, não havia frequência dele nas minhas aulas. O discente passou a não frequentar mais minhas aulas, depois das explicações que dei sobre como seriam realizados os trabalhos de pesquisa e produção do podcast, todas as vezes que eu o encontrava nos corredores da escola eu conversava com ele, e ele sempre me dizia que não tinha mais chance de ser aprovado por isso não iria fazer as tarefas. Raquel frequentava minhas aulas regularmente e sempre me dizia que iria realizar a pesquisa e participar da produção, porém não o fez, mesmo com a persistência de minha parte a discente não realizou as tarefas, contudo, ainda assim, Raquel conseguiu a sua aprovação. Marcelo não apareceu mais na escola por motivos que não consegui apurar e teve sua reprovação concretizada, por falta de notas.

Mesmo sem a participação desses alunos, que não concluíram as atividades, obtive sucesso e conseguimos finalizar os trabalhos proporcionando assim a escrita desta dissertação.

2.2.1 As rodas de conversa

Houve momentos de extrema sensibilidade entre os estudantes quando algumas expressões populares de cunho racista eram expostas. As explicações que eles faziam sobre estas expressões populares despiu o racismo explícito da sociedade colonial, os discentes ficavam horrorizados, com as explicações dadas, sobre como os escravos eram tratados. Vale lembrar que esses eventos foram percebidos nas rodas de conversas realizadas em sala de aula

As rodas de conversas se fizeram importantes dentro do processo de entendimento sobre os conteúdos substantivos expostos e explicados em sala de aula, os conteúdos aplicados através das expressões populares foram explanados pelos discentes havendo participação direta e indireta dos outros estudantes que estavam incluídos dentro do círculo. Muitos estudantes conseguiram mostrar desenvoltura ao falar em público, mesmo sendo os colegas de turma e convivendo no dia-a-dia, é costumeiro e até normal que os alunos se sintam envergonhados na hora de falar, já que são adolescentes e normalmente não gostam de serem colocados em situação de confronto.

Nas rodas de conversa, foi possível analisar que uma quebra com a organização tradicional da sala de aula, que é as cadeiras enfileiradas, cria mudanças no comportamento dos discentes. A organização em círculos sugerida por mim enquanto docente, revelou-me experiências diferentes, pois, nas rodas de conversas, percebemos que os estudantes conseguem se contemplar, pois ficam de frente ou quase de frente um para outro.

O simples fato de se olharem, nas rodas de conversa modifica o comportamento deles, é perceptível que a organização da sala de aula em roda de conversa passa um pouco mais de ansiedade aos educandos, já que quando estiverem falando a turma toda observará, não diretamente de frente, mas em uma posição que julgo ser de igualdade. Na lenda do Rei Arthur existia um salão com uma mesa redonda o fato de ela ser redonda nos impulsiona a entender que não há um líder, alguém que comandará e sim que todos têm a mesmo poder da palavra⁸⁶.

Nas apresentações de suas pesquisas, mais uma vez tentamos romper com o modelo pré-estabelecido de apresentação, ou seja, os estudantes não foram para frente da turma, expor suas pesquisas e sim ficaram em seus lugares sentados, isso só foi possível porque as pesquisas foram feitas, em sua grande maioria, de forma individual e também por permanecermos em um círculo, roda de conversa, onde todos poderiam se ver.

As falas dos estudantes a cada roda de conversa tornaram-se mais fortes e mais empoderadas, a partir do momento em que eles expõem suas pesquisas e ouvem as pesquisas dos colegas de classe. As pesquisas feitas pelos discentes são sobre as expressões populares relacionadas ao período Colonial do Brasil (1530 – 1822) e expressões populares locais.

Muitas expressões populares pesquisadas e discutidas nas rodas de conversas fazem referência direta à escravidão no Brasil Colonial, como: “não sou tuas negas”, “meia tigela” “encher o bucho”, entre outras. Logo, as explicações

⁸⁶ No filme Rei Arthur. Direção Antoine Fuqua. EUA: Buena Vista International, 2004. (126 min.). Com a chegada do Clero a Bretanha, estes indagam ao rei Arthur, que por hierarquia devem se sentar na cabeceira da mesa e Arthur responde que ele pode sentar onde quiser, pois a mesa é redonda, não colocando ninguém em posição hierárquica. Embora, a posição do Rei Arthur, seja assegurada por uma cadeira diferenciada, como mostra Howard Pyle no livro “Rei Arthur e os cavaleiros da tábola redonda”, onde “Merlin mostrou ao Rei as várias maravilhas da Tábola Redonda. Primeiro apontou para um assento elevado, ricamente trabalhado em madeiras de lei e enfeitado de um modo lindo, e disse: Veja senhor Rei, aquele lugar é chamado o “Assento Real”, e ele é seu”. (PYLE. 2013. p. 118).

dadas pelos discentes sobre essas expressões populares faz com que se despontem nos educandos sentimentos diversos.

As intervenções dos discentes normalmente são de reprovação ao modo como os negros eram tratados no Brasil no período abordado. Alguns em suas reflexões dizem que “era um período muito ruim para quem é negro”. Outros comentam que “o negro sofre até os dias de hoje”. Ao ouvir essas frases compreendo o Peter Lee que em seu artigo “Literacia histórica e história transformativa”, descreve:

“A progressão da história, então, pode ser pensada como o desenvolvimento de um aparato conceitual de segunda ordem que permita a história prosseguir, ao invés de forçá-la a uma parada, fazendo mudanças na visão cotidiana da natureza e do estado do conhecimento do passado histórico. A História é, portanto, uma parte cognitivamente transformadora da educação: ela só é bem-sucedida se permitir as crianças verem o mundo historicamente”. (LEE, 2016, p. 120)

Observar o mundo historicamente agita com o emocional dos alunos que de acordo com Tabile e Jacometo⁸⁷, em seu artigo “Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso”, afirmam que:

“As estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento. A representação agora permite à criança uma abstração total, não se limitando mais à representação imediata e nem às relações previamente existentes. Agora, a criança é capaz de pensar logicamente, formular hipóteses e buscar soluções, sem depender mais só da observação da realidade”. (TABILE e JACOMETO, 2017).

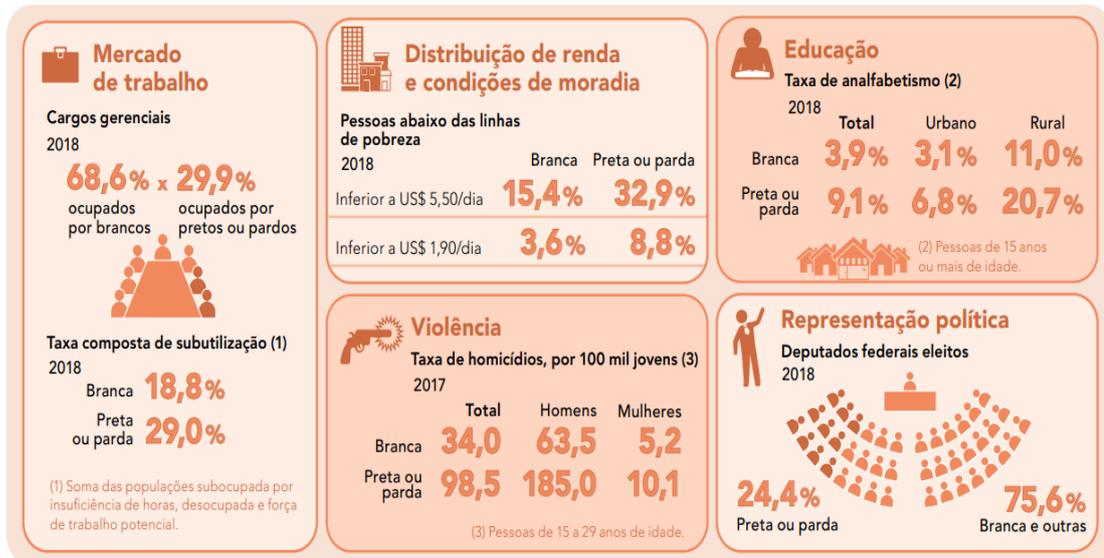
Logo, é possível afirmar que ainda estão em desenvolvimento. As sensibilidades por parte dos estudantes, em relação às condições que o negro escravizado vivenciava mostradas em sala de aula, através das expressões populares, são motivadas por vários aspectos, entre eles podemos destacar o que nos diz o IBGE (Instituto brasileiro de geografia e estatística, 2018)⁸⁸ que mesmo a população negra estando em maioria, pois, o negro corresponde a cerca de 60% da

⁸⁷ Ariete Fröhlich Tabile é Psicopedagoga. Professora do Colégio La Salle, Lucas do Rio Verde, MT, Brasil; Marisa Claudia Durante Jacometo é Doutora em Educação. Professora orientadora do artigo, Lucas do Rio Verde, MT, Brasil. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 de nov. 2021.

⁸⁸ IBGE. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. Nº 41.

população brasileira, sempre estão em desvantagens quando falamos de Mercado de trabalho, distribuição de renda e condições de moradia, educação, violência e representação política. Observe a imagem abaixo:

Figura 6 – O negro em algumas análises proposta pelo IBGE.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coodenação de População e Indicadores Sociais.

Alguns estudantes também perceberam esses preconceitos quando davam suas explicações a respeito de suas pesquisas, estas eram sobre as expressões populares, muito deste preconceito observado nas rodas de conversas se dava, ajuízo, devido a sua cor. Reflito que, eles não sabem definir sua cor dentro de uma sociedade como a de hoje, pois, o preconceito racial ainda é algo visível aos olhos e sinestésico dentro de algumas situações, logo, aparenta que, quem não é “branco” acaba sofrendo algum tipo de preconceito racial.

A explicação sobre a expressão popular “não sou tuas negras”, da aluna Elen, de 13 anos, mostrou nas “brincadeiras”⁸⁹ o preconceito racial por parte de alguns

⁸⁹ As brincadeiras com conteúdos racistas, ou de preconceito racial são de acordo com o site da Avisala (formação continuada de educadores) tóxicas e estruturais na história do Brasil, podendo ser encontradas em “livros, versos de brincadeiras tradicionais infantis e nas expressões populares”. O Instituto Avisa Lá é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos. Desde 1986 vem contribuindo para qualificar a prática educativa nos centros de Educação Infantil, creches e pré-escolas públicas. Junto às redes de Ensino Fundamental desenvolve ações de formação para profissionais de educação visando à competência da leitura, escrita e matemática dos alunos nos anos iniciais. Disponível em <https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/o-preconceito-nas-entrelinhas/>. Acesso em 22 de out. 2021.

colegas de turma, já que a mesma tendo cabelo cacheado passou a ser alvo dos companheiros que diziam “tu é minha nega”. Intervi para que eles parassem de falar aquilo, e ressaltai que esta expressão popular, outrora explicada pela aluna, trazia uma carga de preconceito racial e as negras escravizadas não tinham a escolha de refutar tal comentário.

Enfim, a aluna Elen também não se mostrou feliz com essas atitudes dos colegas discentes. Evidenciei para que vejam como em pequenas brincadeiras, aparentemente inocente por quem faz, jorra uma gama de preconceito racial, levando as pessoas que sofrem sentirem-se coagidas, fracas e inertes.

Já a aluna Eliana, de 12 anos, que pesquisou sobre a expressão popular “a dar com o pau”, disse em sua explanação sobre sua pesquisa que:

“Os escravos se recusavam a comer dentro dos túmbeiros e para conseguir alimenta-los os traficantes de escravos abriam a boca dos infelizes com um pedaço de pau. ”

Eliana e os outros estudantes afirmaram que não conheciam essa expressão popular, e é comprovado com a ausência dela no questionário⁹⁰, esta expressão popular serviu como ponte para dinamizar o conteúdo ministrado em sala de aula. A citação feita pela aluna mexeu com a sensibilidade dos alunos que se mostraram indignados com o tráfico de escravos e a travessia do atlântico em navios negreiros.

No entanto, as “brincadeiras” continuavam, percebi que alguns alunos tentavam enfiar o lápis na boca uns dos outros, sugerindo o mesmo o que a expressão popular explicada pela discente, Eliana, dizia. Porém, desta vez não chamei a atenção deles, apenas fiquei parado olhando, até que eles perceberam meu olhar de desaprovação e assim parassem.

As “brincadeiras” foram perdendo força a cada explanação sobre as expressões populares, julgo que isso se deu devido, também a proximidade deles terem que expor suas pesquisas, pois, quanto mais perto de apresentarem mais nervosos ficavam e tentavam se controlar nas brincadeiras, e depois de falarem estes ficavam mais quietos e receptivos a ouvir o que os outros diziam.

⁹⁰ Há uma tabela no capítulo 1. Informando quais expressões populares eram de conhecimento dos discentes. E a expressão popular “dar com o pau” realmente não aparece. Mesmo com a ausência dela no questionário resolvi coloca-la como objeto de pesquisa para os estudantes, pois, esta se correlaciona com os conteúdos substantivos explorados dentro de sala de aula.

Neste capítulo, que discorre sobre o lócus da pesquisa partindo do que eu considero como macro, levando em consideração o município de Santo Antônio do Tauá, caminhando para o micro, que alinho como as “rodas de conversas” perpassando por uma análise sobre a escola e sobre a sala de aula. Percebe-se que o espaço/local de pesquisa é fundamental para a análise da problematização levantada e debatida no capítulo 1⁹¹.

Pode-se também, a partir do esmiuçado no capítulo 2, entender como desenvolver trabalhos com uma turma de adolescentes que tem suas idades variando dos 12 anos aos 16 anos, com mentalidades e núcleos familiares distintos mostrando-se desta forma totalmente plural. As diversidades percebidas fizeram com que particularizássemos os modos de por em prática as pesquisas e norteou o andamento das atividades que estarão explicadas a partir do capítulo 3.

Já no capítulo 3 teremos o detalhamento, partindo das particularidades expostas no capítulo 2, dos produtos produzidos pelos discentes, sendo eles os podcasts. Explicitara todos os passos da construção dos podcasts. Serão apontados todos os obstáculos para a produção de podcasts no ambiente escolar.

⁹¹ Analisado no capítulo tem como um dos estudiosos desta questão, de Certeau (1982, p. 66-67).

CAPÍTULO 3: PESQUISAS, PRODUÇÕES E AUDIÇÕES... O PODCAST.

Neste capítulo ponderarei sobre os passos que levaram a construção dos podcasts. Debaterei a importância dos conteúdos aplicados em sala de aula, seus desdobramentos e como eles proporcionam discussões, levando em consideração a realidade vivida dos estudantes. Além de promover essas discussões em sala de aula, nas rodas de conversas, relacionarei a relevância de divulgar conhecimento através dos podcasts, sendo os alunos os principais personagens desta produção e divulgação.

Os caminhos percorridos até a produção e divulgação dos podcasts, foram preenchidos de conversas e debates, aonde os discentes explanavam sobre pesquisas relacionadas às expressões populares e viam nestas expressões populares relação com contextos do cotidiano e que poderiam ser discutidos na sala de aula, com uma perspectiva histórica⁹².

As falas em alguns casos são desconexas, momento em que os alunos não percebiam a temporalidade, pois as discussões levantadas pelos discentes que era normalmente voltado para o tempo presente era associada a expressões populares do Período Colonial do Brasil, eles diziam que, era do tempo de seus avós. Foi comum às expressões populares virem acompanhadas de brincadeiras, em muitos casos tangenciava o preconceito racial⁹³.

Contudo, pode-se afirmar que a curiosidade relacionada às expressões populares, usuais por eles ou por seus responsáveis e amigos, fez com que concentrassem nas explicações dadas e sobre tudo opinassem sobre ela, além de propor vielas ao comentarem acontecimentos que estavam circunvizinhando-os.

⁹² Estive como mediador destes debates e mesmo que eu os deixasse à vontade, em vários momentos foi necessário intervir para que eles entendessem que o que falavam pode ser debatido a partir do componente curricular história, desta forma busquei quebrar com o que muitos estudantes pensavam em relação à História de que é uma ciência que só estuda o passado.

⁹³ Foi feita uma análise no capítulo 2 sobre essas questões.

3.1 Caracterizando as pesquisas

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto, localizada no município de Santo Antônio do Tauá⁹⁴, de acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico),

“(…) atende do 6º ao 9º Anos do Ensino Fundamental, e da 1ª à 4ª etapas da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), sendo que, o primeiro nível citado é atendido nos turnos da manhã e da tarde, e o segundo nível citado é atendido nos turnos tarde e noite, sendo que esta modalidade foi implantada no ano de 2005 nesta escola, sob a finalidade de atender os alunos advindos de localidades distantes, especialmente jovens em distorção idade-série, adultos trabalhadores rurais, trabalhadores da construção civil, do comércio local e demais pessoas que não estudaram ou não concluíram o Ensino Fundamental na idade ideal estabelecida pela legislação educacional brasileira”. (PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019).

A organização dos estudantes em suas séries ou etapas dá-se

“Pela legislação que organiza a oferta de ensino no país (Lei 9.394/1996), a criança deve ingressar aos 6 anos no 1º ano do ensino fundamental e concluir a etapa aos 14. Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, o jovem deve estar matriculado no ensino médio. O valor da distorção é calculado em anos e representa a defasagem entre a idade do aluno e a idade recomendada para a série que ele está cursando. O aluno é considerado em situação de distorção ou defasagem idade-série quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais”. (Texto digital disponível em: <https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>).

A sala de aula foi imprescindível, pois a partir dela percebeu-se a importância para a organização das pesquisas e escrita da dissertação, e dentro da sala de aula é que foram realizados os primeiros diálogos sobre como as pesquisas poderiam ser feitas e também foi aí que pude lapidar as pesquisas que os discentes realizaram com o propósito de expandir a própria visão histórica e contribuir com o processo de

⁹⁴ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Cornélio Peixoto localiza-se na Tv. Major Cornélio Peixoto, nº 440, Bairro: Centro, Município de Santo Antônio do Tauá, PPP – Projeto Político Pedagógico (2019). Já o Município do Tauá está distante 56 km da capital paraense, situado na PA 140, entre os municípios de Santa Isabel do Pará e Vigia de Nazaré o município pertence à mesorregião metropolitana de Belém e da microrregião de Castanhal. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santo-antonio-do-taua/panorama>. Último acesso em 03 de ago. 2020.

ensino aprendizagem. Rüsen (2007), afirma que “o processo de formação histórica é constituído também dentro da sala de aula”.

3.1.1 “Os conteúdos históricos ou conceitos substantivos”

A busca por melhorar o ensino de história, aproximando a realidade dos discentes com os “conteúdos históricos”, denominados por Lee (2016, pág. 121) também como “conteúdos substantivos”, fez com que eu buscasse meios, alternativas e até mesmo novas metodologias para alcançar tal proeza. Trazer estas discussões, do que os estudantes já conhecem para dentro da sala de aula, é importante para o processo de ensino- aprendizagem. Autores, como: Rüsen (2007), Certeau (1982) e Cerri (2011) discutem essa proposta e a denominam de “cultura histórica”. Bittencourt diz que:

“No que se refere ao conhecimento histórico, essa posição torna-se ainda mais relevante, levando em conta as experiências históricas vividas pelos alunos e as apreensões da história apresentada pela mídia – cinema e televisão, em particular – por parte das crianças e dos jovens, em seu cotidiano. A história escolar não pode ignorar os conceitos espontâneos formados por intermédio de tais experiências”. (BITTENCOURT, 2009, pág. 189.)

Assim podemos evidenciar que através destas pesquisas, sobre o cotidiano do aluno e sua inclusão nas discussões realizadas na sala de aula, melhoraram o entendimento sobre os conteúdos de história propostos, a busca era aperfeiçoar o processo de ensino de história, pois para Bittencourt (2009, pág. 50) “O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber apreendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento”.

Sobre o os conteúdos substantivos, Peter Lee traz a seguinte informação:

“(…) conhecimento *substantivo* coerente (às vezes chamado de conteúdo histórico), organizado sob a forma de um passado histórico utilizável, em diferentes escalas. Isso significa ajudar os estudantes a abandonar a visão do presente como algo separado do passado por uma espécie de apartheid temporal, permitindo-lhes, em vez disto, localizarem-se no tempo e verem o passado simultaneamente como repressor e como responsável por possibilidades para o futuro”. (LEE, 2016, pág. 121)

Peter Lee (2016) vem debatendo a importância dos conteúdos substantivos e da própria história dentro de sala de aula analisando as perspectivas dos educandos sobre a história, e assim se percebe que muitos dos discentes a tratam como mero reprodutor do passado, sem nenhuma ligação com o presente, sem explicação com a realidade deles, a partir desta observação Lee vê-se motivado a transformar a história numa ferramenta para o entendimento do presente.

Lautier (2011) nos mostra a importância dos conteúdos dentro da sala de aula, nesse sentido ela afirma que:

“A sala de aula é o lugar legítimo para elaborar conhecimentos mais formalizados, para escolher, classificar, reorganizar as informações propostas por todos os canais de vulgarização. No âmbito de uma aula de história, cabe aos professores suscitar as condições para passar da simples narrativa a narrativa histórica, ou pelo menos a uma forma aligeirada da narrativa histórica”. (LAUTIER, 2011, pág. 50)

Schmidt e Cainelli (2010) afirmam a importância da sala de aula e seus mais diversos embates, buscando fazer com que a história seja construtiva, logo:

“A sala de aula não é apenas o espaço onde se transmitem informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões, no qual se torna inseparável o significado da relação entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa. Na sala de aula, evidenciam-se, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica”. (SCHMIDT E CAINELLI, 2010, pág. 35)
“Muitos dados comprovam que a aprendizagem melhora quando os professores dão atenção ao conhecimento e às crenças trazidas pelos alunos para a sala de aula”. (SCHMIDT E CAINELLI, 2010, pág. 66 apud. BRANSFORD, BROWN E COCKING, 2007, pág. 29.)

As pesquisas sobre expressões populares foram direcionadas por mim enquanto professor titular da turma, sendo que deveriam estar relacionadas aos conteúdos substantivos, como aborda Peter Lee (2016), esta preocupação com os conteúdos substantivos deve-se ao fato de que eu, assim como docentes de outros componentes curriculares, temos responsabilidades também conteudistas com nossas turmas, ou seja, discutir conteúdos substantivos em sala de aula.

Os conteúdos a serem expostos e explanados aos estudantes são planejados no início do ano letivo pela equipe de professores do componente curricular História,

pois a partir dos conteúdos organizados pelos docentes da área, podem-se trabalhar o definido no Documento Curricular de Santo Antônio do Tauá (2020) que tem como proposta uma organização em: Eixo, sendo eles: Eixo 1 “O Espaço/Tempo e suas Transformações”; Eixo 2 “Linguagens e suas Formas Comunicativas”; Eixo 3 “Valores à Vida Social” e Eixo 4 “Cultura e Identidade”.

Nos eixos encontra-se uma subdivisão em subeixos, sendo que cada eixo supracitado tem sua subdivisão. O Eixo 1 subdivide-se em: “Tempo, trabalho, tecnologias e a transformação do Espaço”; “A paisagem amazônica como produto da relação homem/natureza”; “Campo, o espaço ribeirinho e a cidade como formações socioespaciais” e “Produção da vida material e o uso sustentável dos recursos naturais da Amazônia”. O Eixo 2 subdivide-se em: “A linguagem como produção humana em diferentes tempos e espaços”; “A linguagem cartográfica do lugar”. O Eixo 3 tem o seguinte subeixo: “Participação social como garantia de direitos”. O Eixo 4 subdivide-se em: “Identidade, espaço e cultura” e “A identidade cultural dos grupos sociais amazônicos”.

Os Eixos e Subeixos procuram estimular o processo de ensino aprendizagem, buscando fazer com que os estudantes tenham objetivos de aprendizagem, vale ressaltar que são várias propostas no Documento Curricular de Santo Antônio do Tauá, e que procuram manifestar/ampliar determinadas habilidades, que ainda de acordo com o Documento Curricular de Santo Antônio do Tauá, são: 36 habilidades⁹⁵.

Relacionar estes conteúdos substantivos com as expressões populares é de suma importância, já que as expressões populares são objetos de pesquisa dentro desta dissertação e os conteúdos precisam ser aplicados aos estudantes. Ao relacionar os conteúdos substantivos com a proposta de pesquisa, foram delimitados os passos para a exposição das pesquisas na Feira Científica e Cultural, as pesquisas eram sobre as expressões populares e sua importância no componente curricular história, estas seriam parte deste projeto escolar, que no MCP é comum acontecer no último bimestre. Porém, este evento foi cancelado⁹⁶.

⁹⁵ Ver também Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

⁹⁶ O porquê da Feira Científica e Cultural ter sido cancelada está anotado no capítulo 2, subitem “sala de aula”.

Com o cancelamento da Feira Científica e Cultural tive que rever minhas possibilidades com relação à realização, exposição e socialização dos trabalhos organizados pelos discentes, ainda no ano de 2019.

Dentro de minhas aulas, tomando um tempo que normalmente duravam 20 minutos, pude conversar com os alunos, os sujeitos históricos desta empreitada, e a partir destes diálogos reorganizamos os prazos de entrega das pesquisas e definimos que produziríamos, em forma de dimensão propositiva, podcasts. Dentro desta nova realidade organizei o cronograma de atividades para que os discentes fizessem as gravações dos áudios, para assim editar os podcasts.

Através dos diálogos em sala de aula, definimos em conjunto, professor-alunos, a pontuação que teria a pesquisa e a produção do podcast, sendo que foram atribuídos “quatro” pontos para estas tarefas. A prova final teria uma pontuação de “cinco”, somando assim nove pontos. O ponto restante, que fecharia a avaliação em dez, seria dado a quem tivesse realizado as tarefas em sala de aula e participado de forma ativa nas aulas, lembrando que estas pontuações e atividades fazem referência à 4ª avaliação.

As pesquisas realizadas pelos alunos tinham como objetivo aprimorar o processo de ensino aprendizagem, norteados através do que falam e do que ouvem, particularizando as expressões populares, além de levar conhecimento para outras pessoas via mídia podcast. Foram dezesseis expressões populares selecionadas previamente para a pesquisa, e eu como o professor da turma tinha que ter certeza que estavam relacionadas com os conteúdos ministrados em sala de aula⁹⁷.

As expressões populares serviram como elo entre estudantes/conteúdos substantivos e estudantes/dimensão propositiva⁹⁸. Como já foi informado, foram dezesseis expressões populares colocadas em foco de pesquisa para os alunos, sendo que há três expressões populares usadas exclusivamente por alunos e/ou comunidade tauaense, com sentido esclarecido somente para os moradores do Tauá, como: “bora lá na rua”, “merma merda” e “é verdade Noronha”. Assim motivá-los-ia a entender historicamente aquilo que é expresso verbalmente, fazendo com

⁹⁷ Como já explicado os conteúdos são normalmente organizados no início do ano, em reuniões do colegiado, com o objetivo de planejar as atividades do ano letivo.

⁹⁸ Conhecido também como produto, sendo ele o podcast.

que analisem suas formas de usar as expressões populares, inclusive aquelas ditas somente pelos munícipes do Tauá.

As pesquisas foram feitas pelos alunos e entregues a mim para uma breve apreciação. Em seguida fizemos na sala de aula, rodas de conversas para expor as expressões populares e suas historicidades, além de buscar compreender seus significados nos dias de hoje, procurei assim ver se o discente conseguiu fazer uma relação histórica das expressões populares comumente pronunciadas com a história, busquei analisar o quão conseguem relacionar com os conteúdos substantivos.

Dentro deste processo de explanação do pesquisador e debate da turma, pude comentá-las, partindo dos conteúdos ministrados em sala de aula, inclusive as expressões populares que identifiquei como locais. Pois, segundo a historiadora Marta Brodbeck:

“As situações de debate e a troca de opiniões através da leitura de textos produzidos pelos alunos são sugeridas em várias atividades como uma possibilidade de socialização e melhoria do aprendizado. Através dos debates e das apresentações orais podem ser trabalhadas as capacidades de falar, ouvir e argumentar. Sugerimos, contudo, que a prática seja sempre planejada pelo professor e as regras definidas e explicadas claramente, para que todos possam participar e para que a atividade seja produtiva, considerando o tempo disponível, o respeito às diversas opiniões e os objetivos propostos para a dinâmica de trabalho”. (BRODBECK, 2012, pág. 49).

As rodas de conversas e suas desenvolvimentos, só foram possíveis graças aos textos produzidos pelos alunos. Estes foram desenvolvidos com base nas pesquisas, ou seja, os estudantes nos apresentaram várias perspectivas de aprendizado, partindo das análises feitas por eles mesmos. Foi possível, a partir das falas dos alunos, ampliar o entendimento sobre o que são as expressões populares, principalmente as que têm ligação direta com o município de Santo Antônio do Tauá.

As expressões populares que identifiquei como locais ficaram sobre a responsabilidade de pesquisa dos discentes: Emanuel que pesquisou sobre a expressão popular local “merma merda”, a aluna Luana responsável por pesquisar a expressão local “É verdade Noronha” e a aluna Teresa que analisou a expressão popular local “bora lá na rua”. Sendo seus significados:

3.1.2 Sobre a Expressão Popular “Merma Merda”⁹⁹

“O significado de merma merda é tipo você estar conversando com seu colega e ele diz: lá na padaria perto de casa vende um pão tão ruim e você diz merma merda que na padaria perto de casa”. (EMANOEL, 7º ano, turma 2019).

O aluno Emanuel de 13 anos pesquisou junto a seus colegas de turma a expressão popular “merma merda”, e em sua apreciação manifestou o significado desta expressão popular comumente pronunciada dentro do município de Santo Antônio do Tauá. Para o estudante Emanuel a expressão popular “merma merda” tem como princípio sugerir “uma comparação entre duas ou mais coisas”, podendo ser também “comparação entre pessoas”, normalmente trata-se de uma expressão popular que deprecia a fala de um dos interlocutores.

Entre os alunos da escola MCP a pronuncia desta expressão mostrou-se mais contundente. De acordo com o questionário aplicado em sala de aula e analisado por mim, percebi que a expressão popular de cunho local “merma merda” aparece dez vezes entre as expressões populares comumente pronunciadas pelos alunos, enquanto que entre os responsáveis a referida expressão popular aparece quatro vezes.

O aluno não soube informar, há quanto tempo é usada essa expressão popular e nem qual a relação dela com o ensino de história. Em minhas análises e conversas com os discentes da turma, principalmente com Emanuel, percebi que essa expressão popular para eles não tem muito tempo de uso, na mentalidade dos discentes a mesma faz parte de uma geração específica (a deles), Emanuel afirma que é consequência de “modismo”. Em conversas que tive com os alunos da turma em questão, alguns disseram que falam essa expressão popular porque ouvem de outros colegas dentro da escola, a fala desses outros discentes confirma e justifica o porquê de Emanuel acreditar que a expressão popular “merma merda” também pode ser somente uma tendência.

O interesse demonstrado por Emanuel e outros estudantes pelo entendimento temporal da expressão popular em foco mostra a preocupação deles em relação ao

⁹⁹ Apesar de estar sendo colocada como expressão popular local a mesma pode ser ouvida em outras regiões do Brasil. Pois, de acordo com naturais do Rio de Janeiro esta expressão também é utilizada por eles, inclusive essa questão já foi ressaltada por docentes da UFPA, por exemplo, no percurso dessa pesquisa.

passado-presente. Bittencourt (2009) explica essa preocupação dos discentes dizendo que

“Entre as noções e conceitos fundamentais tanto para a pesquisa quanto para o ensino de História, a noção de tempo histórico e a de espaço são fundamentais. Todo objeto do conhecimento histórico é delimitado em determinado tempo e em determinado espaço”. (BITTENCOURT, 2009, pág. 199).

A temporalidade é uma das implicações diárias do ensino de História. Para os discentes, não conseguir entender se a expressão popular é ou não antiga, é resultado principalmente da falta de vivências, como afirmam Schmidt e Cainelli (2010)

“A reconstrução do passado exige, também, que os historiadores organizem-no por meio de algumas características peculiares ao próprio tempo, ou seja, pelas noções temporais: sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências. O ensino da História prevê que essas noções sejam trabalhadas com os alunos, já que elas não existem *a priori* em seu raciocínio, mas são construídas no decorrer de sua vida e dependem de experiências culturais. Essa construção das noções temporais é uma operação múltipla que ocorre, também, pelo livro didático e pelo processo de escolarização”. (SCHMIDT e CAINELLI, 2010, pág. 99-100).

O desenvolvimento intelectual sobre o passado-presente deve ser acompanhado de perto pelos professores de história. Sobre essa afirmação Bittencourt (2009, pág. 199) diz que “a História é a ciência dos homens no tempo¹⁰⁰” e as autoras Schmidt e Cainelli (2010, pág. 99) afirmam que “o historiador é o especialista do tempo passado (...)”. Para que os estudantes não pensem que tudo que se estuda no passado “deva ser remetido ao presente” (SCHMIDT e CANELLI, 2010, pág. 99) os professores de história devem motivar o interesse dos estudantes sobre civilizações e mostrar que os aspectos grupais e a mentalidade não podem ser adjudicados as nossas.

As falas, nas rodas de conversas, mostram alunos respondendo que a expressão popular “merma merda” é de mil anos atrás, isso é preocupante já que

¹⁰⁰ Marc Bloch no livro “Apologia da História ou o ofício de historiador” discute essa questão no capítulo 1. Especificamente nas páginas 52-56.

eles respondem com pouca ponderação temporal¹⁰¹. Julgo que faltou ou foram precárias as explanações sobre conceito de tempo nas series iniciais. Bittencourt (2009, pág. 212) diz que “(...) tempo cronológico para alunos das séries iniciais, é interessante vinculá-lo à *noção de geração*”, assim é possível dilatar a compreensão sobre a questão temporal desde o fundamental menor.

Logo, se conclui que entender em que período a expressão popular “merma merda” está situada e qual a relação dela com o ensino de história é uma das formas dos estudantes manifestarem e que Martins (2019, p. 58) confirma como a consciência histórica.

A próxima pesquisa realizada, por um estudante, foi sobre mais uma das expressões populares, que julgo como, sendo de cunho local, e utilizada com frequência até mesmo por servidores da educação vinculados a Escola, sendo ela a expressão popular: “É verdade Noronha”.

3.1.3 Sobre a Expressão Popular “É verdade Noronha”

“A pesquisa sobre a expressão “É verdade Noronha” (...) é tipo dizer que a pessoa está mentindo. Ex.: A pessoa está dizendo alguma mentira e a outra fala “é verdade Noronha””. (LUANA, 7º ano, turma 2019).

Raimundo Freire Noronha, conhecido pela população tauaense somente como Noronha, foi prefeito de Santo Antônio do Tauá por dois mandatos consecutivos, entre os anos de 2005 – 2008 e 2009 - 2012, “este político é o personagem principal desta expressão popular”. Pois, de acordo com a estudante Luana de 12 anos, essa expressão popular local é usada quando uma “pessoa está falando alguma mentira”, é muito usada pelos moradores do município, a discente acrescenta que a própria mãe fala com frequência a referida expressão popular.

A entonação sarcástica do emissor ao falar a expressão popular “é verdade Noronha” no meio de uma conversa, nos leva a entender que esta expressão popular, além de ridicularizar o ex-prefeito, tem como objetivo desmentir o receptor.

¹⁰¹ Alguns alunos responderam assim em tom de “zoação”, estes discentes tentam e às vezes conseguem ser o centro das atenções na sala. “Zoação” vem de Zoar, que de acordo com o dicionário online de português, significa: “Falar algo para fazer rir; caçoar de algo ou de alguém: o professor estava zoando os alunos da sala; meu irmão vive me zoando!”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/zoar/>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

Esta expressão popular local aparece duas vezes no questionário, quando indagado qual expressão popular o aluno usa no dia a dia, e quando a pergunta sobre qual expressão popular o responsável costuma pronunciar, ela também aparece duas vezes.

Em meio ao bate-papo com a turma, onde os discentes puderam explicar as suas pesquisas esta expressão popular local foi a que trouxe maior inquietação, foram risos, deboches, sarcasmos, “zocações” como os estudantes costumam denominar um com o outro, a agitação e as várias falas passaram a tomar conta do ambiente, observei que os discentes se familiarizaram com esta expressão popular. E muitos foram categóricos em afirmar que a frase tinha origem com um ex-prefeito da cidade, mostrando desta forma conhecimento do quadro político recente que o município vivenciou, ou seja, tal como afirma Martins (2019, p. 55) “a temporalidade exposta faz com que entendêssemos a consciência histórica”. É importante notar que a aluna Luana responsável pela pesquisa tem 12 anos, portanto nasceu dentro da gestão do ex-prefeito Noronha, sendo ainda bem criança ao término do segundo mandato deste político, já que no último ano de gestão a discente tinha apenas quatro anos.

“É verdade Noronha” foi à expressão popular local com mais ponderações por parte dos estudantes, muitos conseguiram expor a mesma ideia sobre essa expressão popular rotineiramente usada no Tauá, partiram de suas vivências na escola ou fora dela, com outros estudantes, com seus familiares e/ou comunidade tauaense.

A expressão popular comumente verbalizada pelos munícipes do Tauá foi analisada pela discente Luana, junto a sua turma, no momento da conversa estes conseguiram identificar que a expressão popular não “é tão velha”, do que alguns alunos discordaram. Cainelli (2006, pág. 65) diz que: “A questão da temporalidade e da forma como as crianças entendem a passagem do tempo está relacionada com a experiência familiar”, alguns associaram a expressão popular com as falas dos seus pais e que a mesma não pode ser velha porque ainda usam-na com frequência, mostrando entendimento temporal ao conectar a gerações distintas, vinculando-se desta forma a “noção de geração” (BITTENCOURT, 2009, pág. 212).

Conectar a discussão da expressão popular “É verdade Noronha” com a história política local foi importante, já que abriu oportunidades para discutirmos

temas atuais do município como: educação, saúde, segurança, a importância dos igarapés¹⁰², entre outros.

A análise feita pelos discentes permitiu entender o processo histórico abordado dentro dos conteúdos substantivos. Como professor da turma, sinto-me realizado, já que o modo como explanam suas falas, proporciona debates entre eles e que levam a pensar historicamente a própria realidade. Para Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli o professor é

“(...) o responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, levando-o a reconstruir, por adução, o percurso da narrativa histórica. Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar, em cada aula de história temas e problemáticas em narrativas históricas”. (SCHMIDT e CAINELLI, 2010, pág. 34).

3.1.4 Sobre a expressão popular “bora lá na rua”

“Bora lá na rua” é muito usado aqui no Tauá, (...) significa ir na feira ou ao centro da cidade” (TERESA, 7º ano, turma 2019).

Dentre as três expressões populares locais pesquisadas “bora lá na rua” é a expressão popular que se mostrou mais familiar para os estudantes, pois é comum eles falarem ou ouvirem seus familiares proferirem esta expressão popular. De acordo com o bate-papo proporcionado em sala de aula, os discentes concordaram que essa expressão popular é falada diariamente por muitos tauaenses.

A pesquisa feita pela discente Teresa de 13 anos, sobre a expressão popular local “bora lá na rua”, nos traz como definição “ir à feira comprar algo” que a partir do debate percebemos que se alinhou com o que os alunos entendiam sobre ela, mostrando assim que a consciência histórica é proporcionada a partir da memória, sendo ela “individual ou coletiva” (MARTINS, 2019, pág. 55).

Alguns alunos como: Luísa, Luana, Jaime, Alyson, Eliana, Fábio, Júlio, Roberto, Mário em suas falas concordaram que “antes o município era muito pequeno e não tinha muita coisa para se fazer”, falaram sobre a falta de

¹⁰² A cidade de Santo Antônio do Tauá detém o título de cidade dos igarapés. A respeito dessa questão, um professor do Município declarou: “Não sei se há registros. Porém este título foi dado devido à quantidade de igarapés que existem no município... lembro que na época de meus pais... totalizavam 52 igarapés”.

entretenimento dentro da cidade do Tauá, com exceção dos igarapés, e a ausência de feiras em bairros afastados do centro, por isso a expressão “bora lá na rua” significava ir ao centro da cidade ou ir a feira.

Foram discutidos a partir da expressão popular “bora lá na rua” o aumento populacional da cidade de Santo Antônio do Tauá e o surgimento de “ocupações espontâneas”, o termo por mim designado será bairros periféricos. No bate-papo foi possível notar que para alguns discentes o aumento no índice de criminalidade no Tauá é oriundo desta parte da cidade, dos bairros periféricos¹⁰³. É interessante que no questionário 36% dos alunos anotaram que são moradores de bairros periféricos¹⁰⁴.

Por meio do questionário aplicado em sala de aula, detectei as expressões populares rotineiramente usadas por eles ou por seus responsáveis. Schmidt e Cainelli (2010) referem-se a “conhecimento utilizável” mostrando que os conhecimentos prévios dos alunos são importantes para o processo de ensino aprendizagem e estas autoras ainda afirmam que

“Levar em consideração esses conhecimentos prévios é importante porque eles influenciam de maneira significativa o modo como os alunos percebem, interpretam e organizam sua aprendizagem, matizando suas capacidades de aquisição de novos conhecimentos”. (SCHMIDT e CAINELLI, 2010, pág. 66).

Seguindo esse diálogo dos conhecimentos prévios como pontapé inicial, para discussões de conteúdos históricos e aperfeiçoamento do processo de ensino aprendizagem podemos também considerar o que Brodbeck (2012. Pág. 42) ressalta. Para ela, o aprendizado vem “(...) a partir do entorno do aluno, ao que ele percebe”. Possibilitando ao discente um melhor entendimento, Rösen (2009, pág. 111) diz que o processo de aprendizagem histórica se dá “pelo aumento da experiência no quadro de orientação da vida prática”.

A relação objeto de pesquisa, nesta dissertação se têm as expressões populares, com as vivências dos discentes norteou os caminhos a serem percorridos, permitiu que os alunos interpretassem a história a partir de sua

¹⁰³ Ao falarmos o nome de alguns bairros do Tauá que para os estudantes são periféricos, foi possível ouvir de alguns discentes outra expressão popular, porém, julgo mais ofensiva: “me rouba logo”. Insinuando que nesses bairros o índice de criminalidade é maior.

¹⁰⁴ Capítulo 2 trata sobre essa questão.

realidade. De Certeau (1982, pág. 78) diz que a história não teria um começo se não fosse pela “nobre palavra da interpretação”.

3.1.5 Outras expressões populares usadas

Determinadas expressões populares que são comumente faladas pelo Brasil inteiro também se tornaram objetos de minha pesquisa, algumas até aparecem no questionário que foi aplicado aos alunos com o intuito de colher dados para a pesquisa. A seleção dessas expressões populares de repercussão nacional foi feita por mim, vendo a necessidade de introduzir mais objetos de pesquisas, pois a turma possui muitos alunos e eles também deveriam fazer suas pesquisas, produzir textos e participar de outras tarefas, a fim de garantir as pontuações para a quarta avaliação, além de participar na produção dos podcasts.

Tive o cuidado de selecionar expressões populares que estivessem diretamente relacionadas aos conteúdos substantivos aplicados em sala de aula, para assim dinamizar minhas aulas, já que é um dos critérios do Profhistória é estar em sala de aula para realizar a pesquisa e refletir com os estudantes, que o que falam ou escutam, pormenorizando as expressões populares, tem relevância e explicação histórica, busco desta forma conduzir a consciência histórica deles através da análise sobre a comunicação verbal em suas vivências, onde os discentes se relacionam com o tempo, mas não significa “que o tempo é passado” (CERRI, 2011, p. 48).

As expressões populares foram sorteadas em sala de aula, a turma e eu achamos justo esse procedimento, cada aluno ficou responsável por pesquisar o seu sentido histórico e seus usos nos dias de hoje, além de explicar para os demais colegas de turma a relação histórica da expressão popular investigada.

Produziram um texto escrito que os ajudou nos debates e na gravação dos áudios para a produção dos podcasts. Alguns alunos realizaram as tarefas em dupla, mesmo eu insistindo na importância da individualidade que as pesquisas pediam, porém, disseram que dessa forma teriam mais sucesso.

Abaixo nos temos uma tabela que demonstra como ficaram organizadas as pesquisas, depois dos sorteios em sala de aula, a tabela relaciona as expressões populares que foram pesquisadas com seus respectivos indagadores:

Tabela 3 - Organização dos alunos e suas respectivas expressões populares.

1	AMÉLIA	MARIA VAI COM AS OUTRAS
2	BRUNA	FEITO NAS COXAS
3	CARLOS	TEM CAROÇO NESSE ANGU
4	CAROL	MARIA VAI COM AS OUTRAS
5	DANIELE	HORA VAI TOMAR BANHO
6	ELEN	NÃO SOU TUAS NEGAS
7	ELIANA	A DAR COM O PAU
8	EMANOEL	MERMA MERDA
9	FABIO	MEIA TIGELA
10	FERNANDO	NÃO FEZ
11	FRANCISCO	SANTO DO PAU OCO
12	JAIME	DISPUTAR A NEGRA
13	JULIO	TEM CAROÇO NESSE ANGU
14	LIVIA	NÃO FEZ
15	LUANA	É VERDADE NORONHA
16	LUCIANO	NHENHENHÉM
17	LUISA	PODE TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA
18	MARCELO	NÃO FEZ
19	MARCOS	NÃO FEZ
20	MARIA	DAR A MÃO A PALMATÓRIA
21	MARIO	NHENHENHÉM
22	MOISES	SEM EIRA NEM BEIRA
23	PATRICIA	ESPIRITO DE PORCO

24	PAULO	NÃO FEZ
25	PEDRO	ELES QUE SÃO BRANCO QUE SE ENTENDAM
26	RAQUEL	NÃO FEZ
27	RENATO	PÉ RAPADO
28	ROBERTO	SEM EIRA NEM BEIRA
29	ROMARIO	APAGUENTO
30	TERESA	BORA LÁ NA RUA
31	ALUNA TRANFERIDA DEPOIS DO QUESTIONÁRIO	NÃO FEZ

Fonte: elaborado pelo autor.

Os debates sobre algumas expressões populares que se apresentam em todo território nacional, foram rápido e consistente por parte dos seus pesquisadores, a explicação que estes fizeram estavam relacionadas diretamente com os conteúdos vistos em sala de aula e os discentes que participaram do bate-papo conseguiram correlacionar com ensino de história.

Entre as expressões populares pesquisadas e mostradas pelos alunos no bate-papo, selecionei algumas para a discussão nesta dissertação. Optei por somente algumas, pois, foram as que constituíram debates que julgo mais significativos, além de possibilitar um desencadeamento de indagações e ponderações por parte dos discentes. Para que os alunos chegassem a seus objetivos na pesquisa, estes realizaram suas leituras sobre as expressões populares em sites e livros didáticos¹⁰⁵, estas fontes apesar de estar comumente em

¹⁰⁵ Sites

<<https://tokdehistoria.com.br/2013/01/16/ditados-populares-e-seus-significados-segundo-cascudo/>> .
Último acesso em 18 de jul. 2020.

<<https://www.hypeness.com.br/2016/09/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-a-escravidao-e-voce-nem-imaginava/>>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://www.geledes.org.br/em-boca-fechada-nao-entra-racismo-13-expressoes-racistas-que-devem-sair-seu-vocabulario/?gclid=Cj0KCQjwu8r4BRCzARIsAA21i_AxefE623t8nGVexFrdCvThaUgtQPZ-VemCpbYb02B7Uq5EIPJ-rwcaAtwrEALw_wcB>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<<https://lareetc.wordpress.com/2012/08/22/de-onde-vem-maximas-ditados-populares/>>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

discussão, se são válidas ou não, apresentaram-se para os estudantes como forma de chegar ao objetivo de historicizar às expressões populares.

Dentre as expressões populares pesquisadas pelos discentes podemos começar a análise pela expressão popular “Maria vai com as outras”. As estudantes Amélia e Carol, ambas com 12 anos, fizeram em dupla a pesquisa sobre esta expressão popular apresentando duas explicações para a mesma, uma de cunho histórico e outra mostrando como ela é entendida nos dias de hoje. Sobre o entendimento que ela nos proporciona nos dias de hoje temos a seguinte afirmação das discentes “é uma expressão popular usada para se referir a uma pessoa que demonstra não ter opinião própria ou vontade própria, com dificuldade em tomar decisão”. (RETIRADO DO SITE: <<https://www.dicionariopopular.com/>>. Último acesso em: 18 de jul. 2020).

Quando as alunas começam a explicar sobre a historicidade da expressão popular “Maria vai com as outras”, o olhar atento da turma faz com que as perspectivas que eu tinha sobre o trabalho se consolidassem, pois, muitos discentes se espantaram e se deslumbraram com a descoberta do significado histórico da expressão popular em questão.

Saber que o que eles expressam verbalmente tem ligação histórica faz com que o objetivo de aprimorar a consciência histórica seja alcançado. Para Cerri (2011, pág. 28), o componente curricular história não deve ser compreendido como o particularizado na área, “mas como toda produção de conhecimento que envolva indivíduos e coletividades em função do tempo”. Já Martins (2019, pág. 55), reforça o ideal de coletividade proposto por Cerri afirmando que “A consciência histórica precisa da memória – individual e coletiva – como referencia dos conteúdos”. Logo, as estudantes Amélia e Carol ao tratarem a pesquisa dentro de uma perspectiva histórica explicam que

“A expressão surgiu a partir de uma associação com Dona Maria mãe de D. João VI. Enlouquecida e incapaz de governar foi afastada do trono e só era vista quando saía para caminhar a pé juntamente com

<<https://www.opovo.com.br/noticias/curiosidades/2018/07/voce-sabe-como-surgiu-a-expressao-pe-rapado.html>>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<<https://www.dicionariopopular.com/>>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

Livro didático Projeto Araribá: **História / organizadora Editora Moderna; obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna**; editora responsável Maria Raquel Apolinário. – 4. Ed. – São Paulo: Moderna 2014.

as damas de companhia”. (RETIRADO DO SITE: <<https://www.dicionariopopular.com/>>. Último acesso em: 18 de jul. 2020).

Em meio ao bate-papo, proposto para discutir as expressões populares, algumas alunas conseguiram identificar o significado da expressão popular “Maria vai com as outras” muito antes da dupla de estudantes e pesquisadoras Amélia e Carol começar a explicá-la. A intercessão explicativa de algumas discentes antes do esclarecimento das pesquisadoras, sobre a expressão popular, mostra a constituição da consciência histórica em meio há um “ambiente abrangente da cultura histórica” como declara Martins (2019, pág. 55). Ativeram-se ao significado da expressão popular da atualidade, disseram que a usavam com frequência, normalmente para rotular desafetos¹⁰⁶, quando começou a explicação histórica da expressão popular, percebi nos rostos dos alunos e das alunas o espanto e contentamento de saber que a expressão popular que é usada frequentemente por eles tem ligação com o ensino de história.

Apesar de muitos alunos no bate-papo exporem que conheciam a expressão popular abordada, “Maria vai com as outras” e até usarem-na no dia-a-dia, esta não aparece no questionário, como se não fosse usada pelos discentes e seus responsáveis. A ausência desta expressão popular no questionário pode ser entendida pela falha de lembrança na hora do preenchimento do questionário, e é importante ressaltar que ele foi preenchido dentro da minha aula, e os estudantes tiveram um tempo de aula¹⁰⁷ para respondê-lo.

Contudo, a ponte feita entre a expressão popular “Maria vai com as outras” e a História do Brasil foi importante, pois ajudou no entendimento ou pelo menos na aceitação do conteúdo substantivo, que para eles nada tem a ver com o que eles vivenciam. A relação da expressão popular com as vivências dos discentes fez com que o debate enveredasse para os questionamentos da história, possibilitando manifestação da consciência histórica, pois assim foi mostrado que há conhecimento histórico nas expressões populares usadas no cotidiano.

¹⁰⁶ Esta expressão teve uma participação maciça de meninas, que ligaram a desafetos os poucos meninos que se atreveram a falar afirmaram que “Maria vai com as outras” são meninas de mente fraca.

¹⁰⁷ São disponibilizados dois tempos de aulas na semana para o componente curricular história no 7º ano, no município do Tauá, cada tempo de aula corresponde a 50 minutos, totalizando 100 minutos por semana.

Ao analisarmos as expressões populares pesquisadas pelos estudantes percebemos que dentro dos sites examinados pelos alunos há recorte de obras consolidadas no meio acadêmico, como é o caso do site <<https://lareetc.wordpress.com/2012/08/22/de-onde-vem-maximas-ditados-populares/>> que se apropria de fontes para embasar seus esclarecimentos trazendo referências como a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freire, o site também se utiliza de obras de outros autores como o teatrólogo Luís Carlos Martins Pena¹⁰⁸ que trabalha em uma de suas peças de teatro a expressão “rasgar a seda”.

Para entender o uso de algumas fontes podemos destacar a pesquisa da aluna Daniele de 13 anos que pesquisou sobre a expressão popular “hora vai tomar banho”, em sua explicação no bate papo, referenciou sua pesquisa com Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire¹⁰⁹. Na fala da discente, Gilberto Freire faz uma “análise dos hábitos de higiene dos índios versus os dos colonizadores portugueses”. Historicamente a frase, a partir da pesquisa feita pela estudante, tem o significado de discutir os hábitos de higiene de ambos os povos, indígenas e portugueses, nos dizeres de Daniele “os índios quando estavam fartos de receber ordens dos portugueses mandavam que fossem tomar banho”. (RETIRADO DO SITE: <<https://lareetc.wordpress.com/2012/08/22/de-onde-vem-maximas-ditados-populares/>>. Acesso em: 23 de jul. 2020).

A discente ainda fez uma análise nos hábitos de higiene dos europeus, contextualizando desde o período das cruzadas, relacionando o processo de expansão europeia com a difusão de várias doenças, geradas a partir do contato entre cristãos e muçulmanos, perpassou sobre o apoio da igreja católica sobre não tomar banho com frequência e sobre as várias doenças que a falta de higiene pode ocasionar¹¹⁰. Ressaltou os hábitos de limpeza indígena que se banhavam com frequência nos rios. Surgindo daí a expressão popular pesquisada pela aluna Daniele.

¹⁰⁸ “Martins Pena (Luís Carlos Martins Pena), teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de novembro de 1815, e faleceu em Lisboa, Portugal, em 7 de dezembro de 1848. É o patrono da cadeira n. 29, por escolha do fundador Artur Azevedo”. Disponível em <<https://www.academia.org.br/academicos/martins-pena/biografia>>. Acesso em 23 de jul. 2020.

¹⁰⁹ A estudante referencia sua fala na obra de Gilberto Freire “Casa Grande e Senzala”, a mesma leu a sua pesquisa do site <<https://lareetc.wordpress.com/2012/08/22/de-onde-vem-maximas-ditados-populares/>>. Acesso em 23 de jul. 2020.

¹¹⁰ Essas informações dadas pela estudante também podem ser encontradas no site que a mesma pesquisou. Disponível em <<https://lareetc.wordpress.com/2012/08/22/de-onde-vem-maximas-ditados-populares/>>. Último acesso em 24 de jul. 2020.

A discente em sua narrativa diz que a frase atualmente tem seu sentido relacionado a algo que não vale nada, ou seja, assunto sem muita relevância¹¹¹. A narração mostrou-se rica em assuntos de cunho histórico, e determinados estudantes lembraram aquilo que já tinham estudado em outros bimestres como os assuntos sobre Cruzadas e Peste Negra. A expressão popular “hora vai tomar banho” foi citada no questionário somente uma vez sendo usada por responsável.

Outra expressão que despertou entusiasmo nos discentes foi à expressão popular “Disputar a negra” essa foi pesquisada pelo aluno Jaime de 13 anos. A ponte que o estudante Jaime fez com problemas atuais fez com que a turma se movimentasse acalorada. O aluno em questão começa sua explicação dizendo que fez sua pesquisa, através de um site¹¹² em casa usando o celular como ferramenta metodológica. Em sua explicação mostra que a expressão popular está ligada diretamente à ideia de troféu, ou seja, a escrava seria o prêmio de uma disputa ou de “jogos” entre os senhores no período da escravidão.

Não houve por parte do aluno uma explicação sobre qual seria o significado desta expressão popular nos dias de hoje, mesmo o racismo sendo um tema amplamente discutido. No Pará temos como referência dessas discussões, por exemplo, o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA)¹¹³. Mesmo o aluno não exemplificando a expressão popular para os dias de hoje, ele manifestou consciência histórica, segundo Cerri (2011, pág. 59-83) através do “pensar historicamente” o discente temporalizou a expressão popular “disputar a negra” discutida naquele momento, com o futebol e o preconceito racial, usando como

¹¹¹ A discente explicou o significado desta expressão para os dias de hoje com base no site < <https://www.dicionarioinformal.com.br/vai+tomar+banho/>>. Acesso em 20 de jul. 2020.

¹¹² O site usado pelo discente na pesquisa foi < <https://www.hypeness.com.br/2016/09/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-a-escravidao-e-voce-nem-imaginava/>>. Último acesso em 20 de jul. 2020.

¹¹³ “O Cedenpa é uma Entidade sem fins lucrativos, sem vínculos político-partidários, fundada em 10 de agosto de 1980 e legalizado em 27 de abril de 1982, que, a partir do Estado do Pará, vem contribuindo no processo de superação do racismo, preconceito e discriminação, que produzem a desigualdades sócio-raciais, de gênero e outras, prejudicando, sobretudo, a população negra e indígena, em todos os aspectos da sociedade brasileira.

Trata-se de uma associação composta por um bocado de negras e negros, de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, níveis de informação, profissões/ocupações, orientações sexuais, níveis de renda, religiões, estaturas, volume corporal, vícios, e outros aspectos da individualidade . Junto com esse punhado de negras e negros, estão, também, um punhado de pessoas não-negras, as quais, de diferentes maneiras, apoiam esse difícil trabalho de protagonizar ações voltadas a remover obstáculos antigos e novos, impostos pelo segmento racial-racista hegemônico”. Disponível em <<http://www.cedenpa.org.br/>>. Último acesso 24 de jul. 2020.

exemplo o caso do “jogador que foi chamado de macaco e ainda lhe jogaram uma banana em pleno estádio por ele ser negro”. (JAIME, 13 anos, 2019).

O episódio citado acima se refere, de acordo com o próprio discente, ao do jogador da seleção brasileira e jogador do Barcelona (na época), Daniel Alves, que ironizou o lance comendo a banana que lhe foi arremessada em pleno jogo¹¹⁴, isso aconteceu em 27 de abril de 2014. Houve vários episódios de racismo no futebol naquele ano¹¹⁵, porém esse, do jogador da seleção brasileira e do clube Barcelona da Espanha, ficou marcado na memória do discente, pelo fato de Daniel Alves ter comido a banana com o jogo em andamento. Diversas “celebridades” aderiram a uma campanha criada pelo companheiro de seleção e clube Neymar Jr. uma campanha intitulada *#somostodosmacacos* que tinha como pauta a luta contra o racismo.

¹¹⁴Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor>>; <<https://oglobo.globo.com/esportes/daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor-em-jogo-do-barcelona-12314451>>; <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/espanhol/ultimas-noticias/2014/04/27/daniel-alves-come-banana-racista-forca-2-gols-contr-a-e-ajuda-barca-a-virar.htm>>. Acesso: 21 de abril de 2020.

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140310_racismo_futebol_copa_ms>. Acessado em 21 de abril de 2020.

Figura 7 – Daniel Alves come banana arremessada por torcedores do Villarreal.



Fonte: <https://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/04/de-maneira-inusitada-daniel-alves-bresponde-ato-racistab.html>.

Figura 8 – “celebridades” em apoio à campanha #somostodosmacacos.



Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/somos-todos-macacos-dilma-ivete-angelica-e-outros-famosos-apoiam-daniel-alves-contra-racismo/>

A discussão, sobre essa expressão popular e o desenrolar dela caiu no gosto de muito discentes, julgo que isso aconteceu porque envolveu futebol. Pois, para Geno (2010, pág. 2) “o futebol é um dos esportes mais praticados do mundo” no Brasil é tido como uma paixão. Mostrando-se inclinados a participar do bate-papo deixei a discussão sobre racismo dentro do futebol, que teve como ponto de partida a expressão popular “disputar a negra”, correr um pouco mais solta e assim pude observar o quanto é possível eles associarem o conteúdo de história com problemas sociais expostos nos mais diversos veículos de informação. Para Gil e Almeida (2012, pág. 58) “O conteúdo a ser estudado deve partir de um problema situado no tempo presente, buscando no passado respostas para as indagações atuais”. Ao discutirem entre si o episódio de racismo amplamente divulgado naquele ano, tendo como estopim a expressão popular “disputar a negra” não

“Podemos ignorar o fato de que os alunos, ao viverem e experienciarem a História no tempo presente, vivem e participam da construção de um tempo da História carregado de questões, problemas que precisam ser compreendidos, explicados, para que os estudantes se tornem conscientes de sua ação sobre o mundo e possam se engajar na sua transformação”. (BERUTTI e MARQUES, 2009, p. 31).

Deixar os discentes à vontade para descobrir seus próprios limites também foi uma das práticas adotada por Helena Pinto (2017) que levou alunos do 7º e 10º anos de escolas locais ao centro histórico da cidade de Guimarães, no norte de Portugal. A autora observou que os discentes se espalharam pelo centro com um “guião-questionário”, julgo que o questionário tem o propósito de criar um roteiro, porém, para a autora, este roteiro não é fechado. Os estudantes tiveram a liberdade de articular suas pesquisas para aquilo que chamassem a sua atenção e poderiam assim construir um roteiro paralelo, com esse procedimento foram construindo análises que para Helena Pinto, foram muito além do que o próprio questionário pedia. Já que nas respostas dos discentes “surgem indícios de uma consciência histórica explícita” afirma Helena Pinto (2017, p. 215).

A busca por trazer a realidade vivida dos discentes para dentro das salas de aulas através das discussões históricas, motivando assim uma aprendizagem

significativa, são discussões de autores como Bittencourt (2009), Berutti e Marques (2009), Schmidt e Cainelli (2010), Brodbeck (2012), Gil e Almeida (2012).

Ao considerarmos a expressão popular de origem tupi “Nhenhém” que foi pesquisada pelos alunos Luciano e Mario, ambos com 13 anos, entendemos a associação que estes estudantes conseguiram fazer com outra expressão popular comum nos dias de hoje, a expressão “mimimi”. A relação entre estas expressões populares levou a turma a um desânimo, que constatei olhando os semblantes de alguns alunos, isso se deu por que, de acordo com alguns eles já eram familiarizados com aquela expressão, “mimimi”.

Para os estudantes/pesquisadores Luciano e Mario a palavra “nhenhém”, deriva de “nhe’eng” palavra em tupi que significa falar, então “nhe’eng dhe’eng dhe’eng seria falar, falar e falar”¹¹⁶. A pesquisa levantada pelos discentes mostrou uma das primeiras barreiras encontradas no primeiro contato entre índios e portugueses, a comunicação verbal, logo, “quando os portugueses começavam a dar ordens em excesso ou iniciavam “conversas intermináveis” os índios saiam dizendo deixa de “nhenhém””.

Os discentes Luciano e Mario afirmaram, em meio ao bate-papo, que a expressão popular “nhenhém” teria o mesmo sentido “mimimi”¹¹⁷. A percepção que os alunos tiveram ao associar uma expressão popular dos tempos coloniais com outra do século XXI, mostrou-me que a consciência histórica está sendo trabalhada. Lima (2014) analisa como essas citações atuais ajudam a referenciar o passado, o entendimento e a comparação das expressões populares “nhenhém” e “mimimi”, que se mostram tão distantes cronologicamente, facilita o processo de aprendizagem histórica discutida por Rüsen (2007)¹¹⁸. Gil e Almeida (2012, p. 58) afirmam que “o conteúdo deve partir de um problema situado no presente (...) é do presente que sai o chamamento para o passado”. Logo, a expertise dos discentes ao relacionarem uma expressão popular comum aos dias de hoje a outra, que foi cunhada há anos atrás converge ao que Berutti e Marques (2009, p. 29) escreveram “(...) as experiências prévias dos alunos são relevantes na medida em que eles podem relaciona-los aos temas que serão objetos de estudo”.

¹¹⁶ Os alunos Luciano e Mario realizaram sua pesquisa no site < <https://www.significados.com.br/>>.

¹¹⁷ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/mimimi/>> acesso em 21 de abril, 2020

¹¹⁸ Discussão realizada no capítulo I.

3.2 Organizando os textos

Com as pesquisas realizadas, tivemos um momento de conversa, um bate-papo e nesta ocasião tiramos dúvidas uns dos outros e possibilitamos um olhar mais crítico em relação às expressões populares que são usadas no cotidiano por eles, por outras pessoas de seu convívio ou que são ouvidas e/ou lidas nas várias mídias disponíveis, em seguida conversei em particular com cada discente sobre as suas pesquisas e fiz as devidas ponderações sobre o que foi pesquisado. Pois, para Brodbeck (2012, p. 46) “é importante que o professor acompanhe e oriente cada fase da pesquisa”.

Para deixar mais formal o que eles tinham pesquisado, visando também construir fontes documentais para mim, para outros professores ou não e também para os próprios alunos, usarem em eventos, programações na escola ou de outras formas, a pesquisa escrita foi direcionada a ser feita em uma folha específica, produzida por mim, onde esta folha tem um cabeçalho identificando a Universidade Federal do Pará, assim como o curso de pós-graduação no qual faço parte, PROFHISTÓRIA. Esta parte escrita serviu para que discentes colocassem no papel aquilo que fora pesquisado por ele, dando um caráter mais cerimonial.

Alguns alunos mostraram muita dificuldade na escrita e na hora de ler aquilo que escreveram, sejam por erros ortográficos ou pela caligrafia não legível. No momento do bate-papo, era comum perceber que a escrita divergia daquilo que os alunos estavam pensando. Brodbeck (2012, p. 45) diz que “muitas vezes eles apresentam certa compreensão do tema, mas sua elaboração oral e escrita torna-se confusa”, para este autor é responsabilidade do professor acompanhar tais procedimentos norteando os passos dos discentes, tanto na escrita quanto na forma verbal.

Os textos finais, produzidos pelos estudantes, vieram cheios de rasuras e erros ortográficos, mesmo eu insistindo para que os discentes refizessem o texto, quando o aluno se comprometia a refazer o texto ainda voltava com rasuras e erros ortográficos. Duas alunas Eliana e Maria receberam de volta seus trabalhos escritos para refazerem e não me devolveram, mostrando desta forma um desinteresse sobre a nota final, já que as tinha avisado que caso não tivesse a parte escrita iria

3.3 Audições

Com os debates realizados em sala de aula e as ponderações sobre os trabalhos escritos, abrangendo as expressões populares, tivemos um momento para a captação das falas dos discentes objetivando a produção do podcast. Basicamente seria capturar, através de um programa específico¹²⁰, a fala dos alunos. Por meio desse programa, os estudantes explicariam sobre aquilo que pesquisaram. Seria a explanação histórica sobre as expressões populares e seus significados nos dias de hoje.

Capturar os áudios não foi uma tarefa fácil, haja vista que, não tínhamos um espaço adequado para tal procedimento, tentei inicialmente fazer essa captura dos áudios na própria sala de aula, não deu muito certo, pois o barulho que a escola em sua dinâmica tinha atrapalhava a captação das vozes dos alunos, outro motivo que me fez declinar da sala de aula como espaço de captação dos áudios foi que alguns estudantes sentiram se envergonhados com o procedimento na frente de seus colegas de turma.

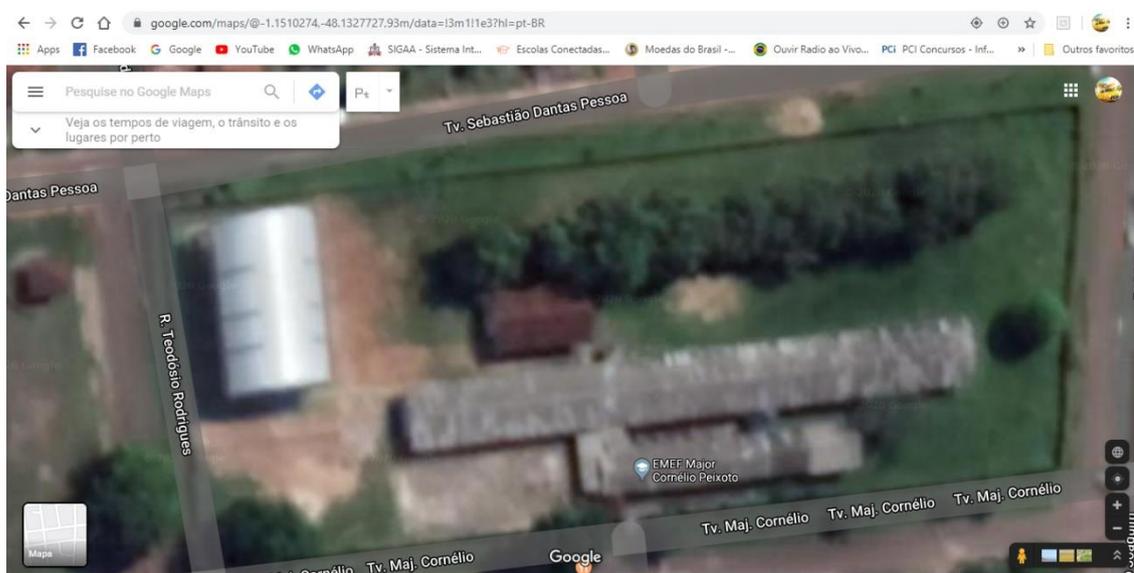
Com essas dificuldades apresentadas dentro da sala de aula, vi-me obrigado a migrar para outra parte da escola, na ocasião escolhi o espaço, que julgava menos movimentado e menos barulhenta da escola a sala da biblioteca, acreditei que seria menos agitado e que teríamos menor interrupção, contudo é importante salientar que a sala da biblioteca fica no bloco da frente da escola, do lado da coordenação e da sala dos professores e muito próximo à rua. Logo, o trânsito na rua de carros, motos e pessoas, além do barulho de alunos e profissionais da educação no corredor, somando com o entre e sai intenso de alunos e professores na biblioteca, fez com que este trabalho de captura de áudios se tornasse mais dificultoso mesmo em um espaço que tem como característica essencial o silêncio. Contudo, consegui realizar grande parte da captura nesta sala, infelizmente em alguns áudios dos estudantes é possível ouvi alguns barulhos, sejam eles da rua, carros e motos ou da própria escola, alunos ou de funcionários falando pelos corredores. Os últimos

nos fundos da casa em um lugar protegido da chuva e do sol. Contudo o convidado só poderia por o animal protegido se o anfitrião percebesse que a visita estava boa podendo assim por o animal protegido da chuva se o anfitrião deixasse. Expressão passou o Significa a desistência de alguma coisa. (Texto corrigido por mim)

¹²⁰ Haverá uma explicação mais detalhada sobre o programa usado na captação dos áudios ainda neste tópico.

alunos fizeram suas audições na sala da informática¹²¹, que também é usado pelos professores como sala de mídia e outras atividades, como ensaio de danças ou apresentações e a partir do segundo semestre do ano de 2019, ganhou mais uma função, passando a ser também a sala de atendimento educacional especializado (AEE). Apesar de todas essas funções para esta sala, consegui captar os últimos áudios sem muitos problemas. É importante frisar que foram gravadas diversas vezes as falas dos alunos, até que alcançasse uma gravação que tivesse a aprovação de ambas as partes, a do educando e minha enquanto professor¹²².

Figura 10 – Escola MCP vista de cima



Fonte Google maps.¹²³

A imagem acima retirada do “Google maps” mostra como a estrutura física da escola distribui-se em seu terreno, sendo este um quarteirão inteiro, a partir da imagem temos a seguinte configuração das ruas que circundam a escola: na frente da escola temos a TV. Major Cornélio, nas laterais as ruas Teodósio Rodrigues e São Joaquim e nos fundos da escola a TV. Sebastião Dantas Pessoa. Observando

¹²¹ Esta sala fica centralizada no terreno da escola e atrás dos blocos das salas de aulas que é o maior bloco.

¹²² Em muitas ocasiões o aluno repetia inúmeras vezes à gravação, até chegarmos a um ponto satisfatório, porém alguns depois de gravarem repetidas vezes desistiam e me pediam para escolher uma das gravações já feitas.

¹²³ <<https://www.google.com/maps/@-1.1511159,-48.1326467,93m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

a figura acima, percebemos que a parte física: salas de aulas, sala dos professores, sala da direção e da coordenação, além da secretária estão próximas do muro da frente da escola. A partir desta informação fica mais fácil entender os problemas encontrados para a captação dos áudios, tanto na sala de aula quanto na sala da biblioteca. A escola está localizada em uma das principais travessas do município, sendo comum passar vários carros, inclusive carros de som anunciando programações na cidade ou simplesmente fazendo comercial.

O programa usado nas gravações para captar as falas dos estudantes foi o Audacity¹²⁴, este programa é comumente encontrado no site Baixaki (<https://www.baixaki.com.br/download/audacity.htm>) podendo ter seu download de forma gratuita. Depois de baixar o programa se fez necessário instalá-lo, esse procedimento foi realizado em meu notebook, que é de uso pessoal, sendo ele da marca Samsung e tem como programa operacional o Windows 8.

3.4 A mídia Podcast

“A produção de podcast no Brasil começou a partir de outubro de 2004”, de acordo com Luiz e Assis (2010). Já Freire (2013. p. 62) diz que “o podcast é um arquivo de mídia audível que nasceu no ano de 1999 nos Estados Unidos da América, atrelada aos blogs”. Tanto para Luiz e Assis (2010) quanto para Freire (2013), o que realmente configura um podcast é “ele estar desenvolvido em um programa conhecido como RSS (*Really Simple Syndication*¹²⁵)”.

Desde a divulgação dos primeiros podcasts no Brasil é possível dizer que “o consumo de podcast em terras brasileiras teve um aumento somente nos últimos cinco anos (entre 2013 e 2018)”, de acordo com dados encontrados no site da ABPod (Associação Brasileira de Podcasters). Para Tracto & Spreaker (2020, p. 56) o aumento do consumo por podcast esta relacionada diretamente a “popularização dos smartphones”, pois estes se mostram “versáteis facilitando o acesso a esta mídia mobile”.

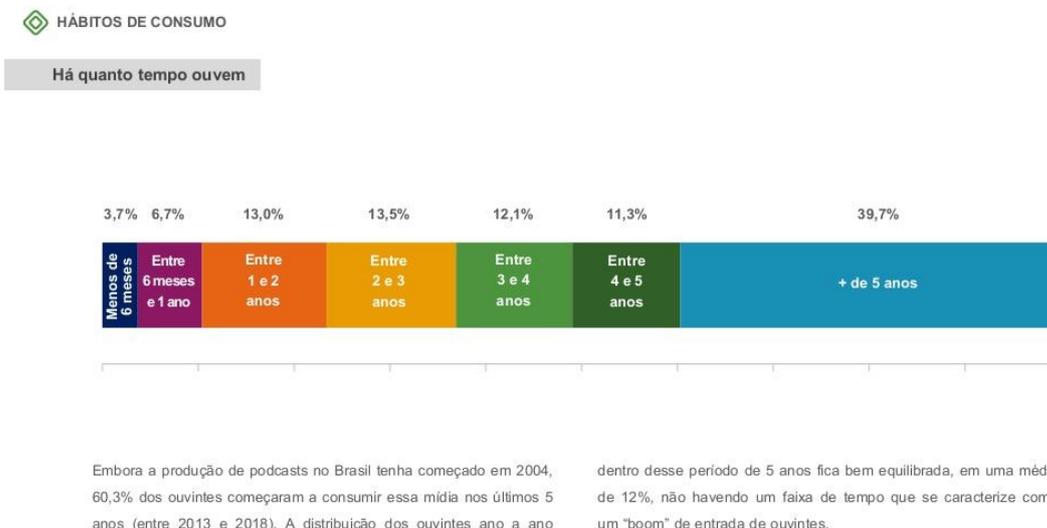
¹²⁴ O Audacity (Áudio (áudio) + Acity (cilindrada)) (<http://audacity.sourceforge.net/>) é uma aplicação de Software Livre para gravação e edição de áudio.

¹²⁵ Organização realmente simples. Traduzido pelo google, disponível em: <https://www.google.com/search?q=really+simple+syndication+tradu%C3%A7%C3%A3o&og=Really+Simple+Syndication+trad&aqs=chrome.3.69i57j0l3.6502j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

No site ABPod há uma Podpesquisa¹²⁶ que é uma averiguação sobre o universo dos Podcasters. Nesta Podpesquisa podemos conferir, por exemplo, os hábitos de consumo e há quanto tempo às pessoas ouvem os Podcasters. Houve até então quatro Podpesquisa, referentes aos anos de: 2008, 2009, 2014 e 2018 e até o presente momento a Podpesquisa referente a 2019 estava em andamento.

A mídia podcast tem ganhado espaço nos últimos anos, dentre os ouvintes de Podcasters podemos observar que “3,7% escutam esta mídia a menos de seis meses, 6,7% dos ouvintes de Podcasters consomem entre seis meses a um ano, 13% ouvem entre um a dois anos, 13,5% dos ouvintes de Podcasters consomem entre dois a três anos, 12,1% dos que ouvem Podcasters ouvem entre três e quatro anos, 11,3% ouvem entre quatro e cinco anos e os que ouvem a mais de cinco anos no Brasil somam 39,7%”. Dados encontrados na Podpesquisa realizada em 2018. Veja a tabela abaixo.

¹²⁶ “A Podpesquisa é um instrumento fundamental para a compreensão do crescimento e penetração da mídia podcast, que tem se revelado ferramenta inigualável de engajamento de ouvintes”. “A Podpesquisa foi criada inicialmente pelos Podcasters Marcelo Oliveira (Projeto Fritzlandia – este foi um blog que se converteu para um canal de podcast e videocast. Disponível em <<http://www.fritzlandia.org/about/>>. Acesso em 11 de ago. 2020) com o apoio de Ronaldo Ferreira (engenheiro de pesquisa e desenvolvimento, desenvolvedor de software. Disponível em <<https://contactout.com/RonaldoRacum-RonaldoRacumFerreira-24674450>>. Acesso em 11 de ago. 2020), em 2008, com a intenção de reconhecer a comunidade e o ouvinte de Podcast no Brasil. Em 2018, a Podpesquisa foi realizada com a parceria da rádio CBN, o que ampliou enormemente seu alcance. A edição de 2018 coletou respostas de 01 de julho a 20 de agosto de 2018. O longo dos 51 dias que o formulário esteve aberto, a Podpesquisa 2018 recebeu mais de 22 mil respostas, sendo até o momento a maior pesquisa sobre o universo de podcasts já realizada no país. O levantamento foi realizado com 3 grupos diferentes: ouvintes de podcast, produtores de podcast e não ouvintes de podcast, com o objetivo de entender as similaridades e diferenças entre eles”. <<https://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 11 de ago. 2020.

Figura 11 – Hábitos de consumo: Há quanto tempo ouvem

Fonte: Abpod¹²⁷.

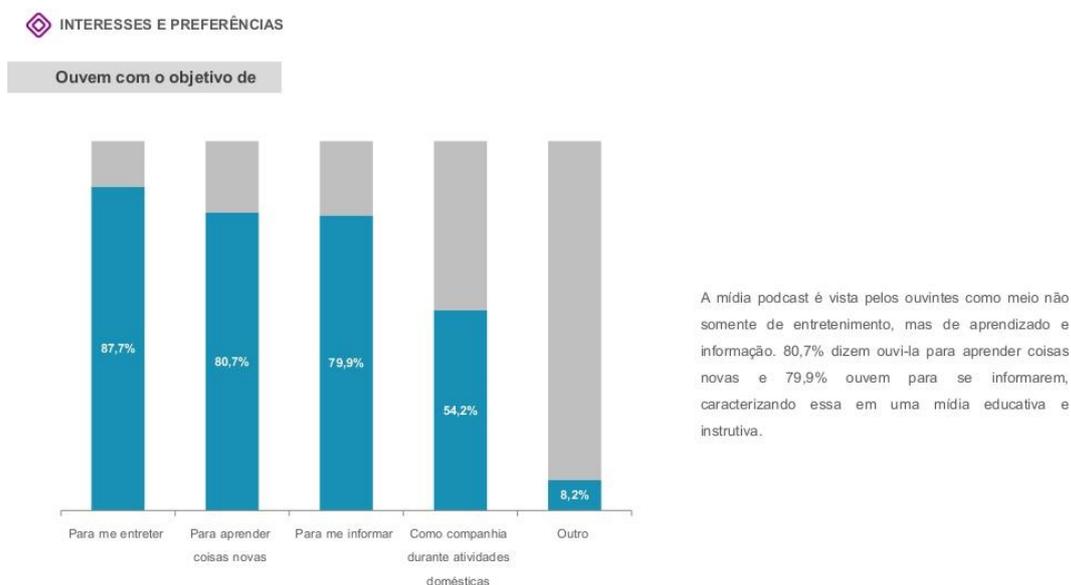
Os motivos pelo qual as pessoas procuram este tipo de mídia também é uma das preocupações da minha pesquisa, já que tenho como produto final de pesquisa de mestrado podcasts. Estes podcasts têm como objetivo historicizar as expressões populares tanto as de cunho local como algumas de repercussão nacional, vale ressaltar que as expressões populares que são conhecidas nacionalmente foram objetos de pesquisas, já que se relacionavam com os conteúdos substantivos já discutidos neste capítulo. A confecção do podcast, como produto, possibilita uma difusão do ensino de história. Busca-se, através desta mídia, contribuir com conhecimento científico para a formação da consciência histórica.

Os estudantes produziram podcasts que explicam historicamente as expressões populares. Estes produtos podem ser classificados nas plataformas como: entretenimento, aprendizagem e informação, caberia também na pasta de outros. De acordo com a Podpesquisa de 2018, as pessoas que começam a escutar Podcasts estão em busca primeiramente de “entretenimento sendo 87,7% dos entrevistados” que se inclina para essa temática, seguido pela busca de “aprendizado com 80,7%”, e de perto com “79,9% os ouvintes de Podcasters buscam informação”, “54,2% escutam esta mídia como companhia durante as

¹²⁷ Disponível em <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

atividades domésticas” e “8,2% buscam outras coisas”. Dados que podem ser observados no gráfico abaixo.

Figura 12 – Interesses e preferências: Ouvem com o objetivo de?



Fonte Abpod¹²⁸.

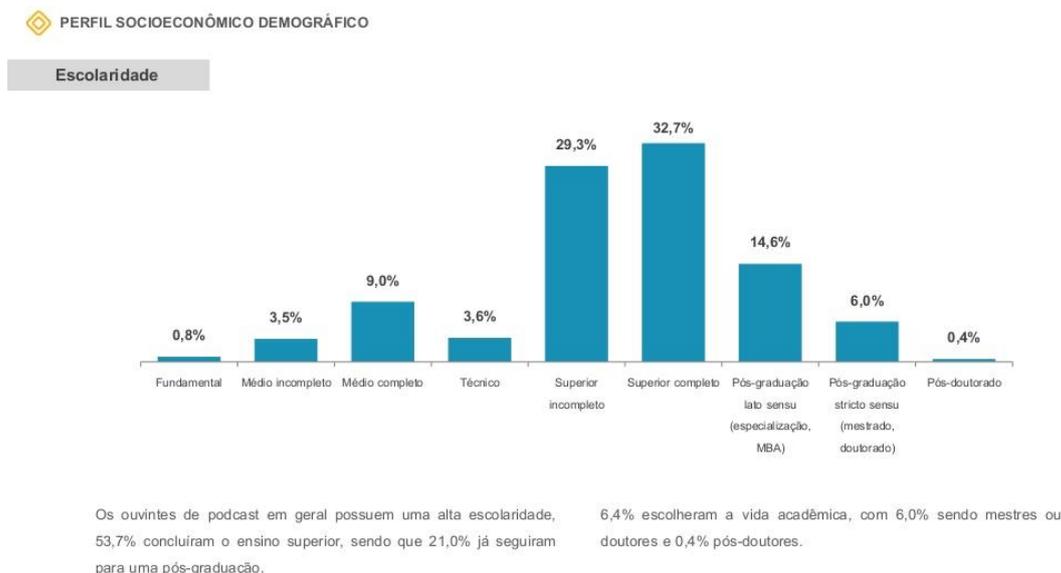
Entender quem são os consumidores deste tipo de mídia é importante também, pois, os estudantes que protagonizaram a confecção dos podcasts, alunos do 7º ano, tem idade oscilando entre 12 e 16 anos e de acordo com os números da Podpesquisa consistir em “0,8% deste público consumidor”, logo as possibilidades de alcançar um público com a mesma faixa etária dos produtores do podcast são mínimas.

Ainda de acordo com a Podpesquisa 2018, o grau de instrução acadêmica dos que ouvem Podcasters é avançado consiste em pessoas que já concluíram uma graduação e/ou pós-graduação, seja *lato sensu* ou *stricto sensu*, portanto os que constituem ensino superior somam um total de “53,7% dos entrevistados”. “Os entrevistados que não concluíram o ensino superior somam 29,3%” e os que terminaram a educação básica ou ainda estão por terminar somam 16,9% dos entrevistados. Pormenorizando os dados dos entrevistados da educação básica observa-se que 16,1% já terminaram ou estão por terminar o ensino médio e os

¹²⁸ Disponível em <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

0,8% dos entrevistados estão no ensino fundamental. Números retirados da Podpesquisa 2018 e que podem ser observadas no gráfico abaixo.

Figura 13 – Perfil socioeconômico demográfico: Escolaridade.



Fonte Abpod¹²⁹.

Disponibilizar as mídias podcasts que foram construídas pelos discentes perpassa por avaliações de algumas plataformas, apesar de ser uma mídia pequena¹³⁰, a burocracia para subir podcast em algumas plataformas existe e é até compreensível, já que as plataformas procuram manter a qualidade das mídias e dos conteúdos que são postados. A Podpesquisa mostra em sua análise realizada em 2018 que as cinco plataformas mais usadas no Brasil, são: “Podcast Addict com 24,5%”, seguido da plataforma “iTunes 20,3%”, em terceiro lugar a “Google Podcasts com 14,5%”, em quarto lugar a plataforma “Pocket Casts com 11,2%” e por último neste ranking temos a plataforma “Spotify com 11,0%”. De acordo com o Ebook da Tracto & Spreaker (2020, pág. 58) a plataforma Spotify tornou-se “o YouTube dos podcasts”, mesmo estando em disputa com outros grandes players, plataformas como a Apple, a Google e a Deezer. Uma das explicações para esse

¹²⁹ Disponível em <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

¹³⁰ O podcast expressões populares locais tem um tamanho de 3,61 MB com 3min. e 22seg. Em termos de comparação, um vídeo de 11 segundos tem um tamanho de 23,17 MB (dados do meu celular – Smartphone Samsung Galaxy J7 Prime). Podendo variar de um modelo para o outro.

protagonismo da plataforma Spotify com os podcasts é que não haveria necessidade de vários aplicativos para consumir estes tipos de mídia e o Spotify “está mais focado em áudio do que qualquer empresa no mundo” Tracto & Spreaker (2020, pág. 59).

Abaixo a figura retirada do site ABPod da Podpesquisa 2018, ilustrando as cinco principais plataformas de áudio e suas respectivas posições, observa-se também os dados com o público consumidor.

Figura 14 – Interesses e preferências: Top 5 agregadores mais usados



Fonte Abpod¹³¹.

Perceber quais tipos de conteúdos são disponibilizados nas plataformas, através dos podcasts, e quais tem mais procura é importante já que busco através desta mídia ampliar o processo de ensino aprendizagem em história. Com a historicidade das expressões populares narradas e investigadas pelos discentes, Silva (2019, pág. 12) diz que a “(...) mídia podcast tem potenciais a serem explorados enquanto objeto de aprendizagem”. É importante salientar que a confecção dos podcasts teve ampla participação dos estudantes. Silva (2019) explica que

¹³¹ Disponível em <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

“Apresentar uma proposta de utilização do podcast enquanto estratégia de aprendizagem, uma vez que apenas expor os estudantes ao conteúdo gerado por terceiros não modifica a realidade passiva de formação, que considera o estudante um sujeito capaz apenas de reproduzir o que lê, vê e escuta”. (SILVA, 2019, pág. 12).

Os alunos, sendo os protagonistas na produção destas mídias, que tem como principal objetivo expandir conhecimento histórico mostra-nos o quanto é interessante para o processo de ensino aprendizagem eles participarem. Observou-se a possibilidade de ampliar o modo como os discentes veem o processo de ensino aprendido no componente curricular História, onde:

“(…) o ensino de História tem como uma de suas finalidades mais significativas a ampliação do horizonte de referencia temporal dos alunos, de suas capacidades de explicação histórica e de suas atitudes de respeito e compreensão à diversidade cultural das sociedades e da sociedade brasileira em particular”. (BERUTTI e MARQUES, 2009, pág. 149.).

A relação que os estudantes mostraram do ensino de história com os podcasts transcorrendo por sua produção, poderá possibilitar torná-los assíduos consumidores de podcasts, fazendo com que produzam mais conteúdos e até aprendam coisas significativas que ajudem na percepção da consciência histórica, o objetivo não é substituir um meio de ensino-aprendizagem já consolidado, mas amplia-lo. Para Demo (2016)

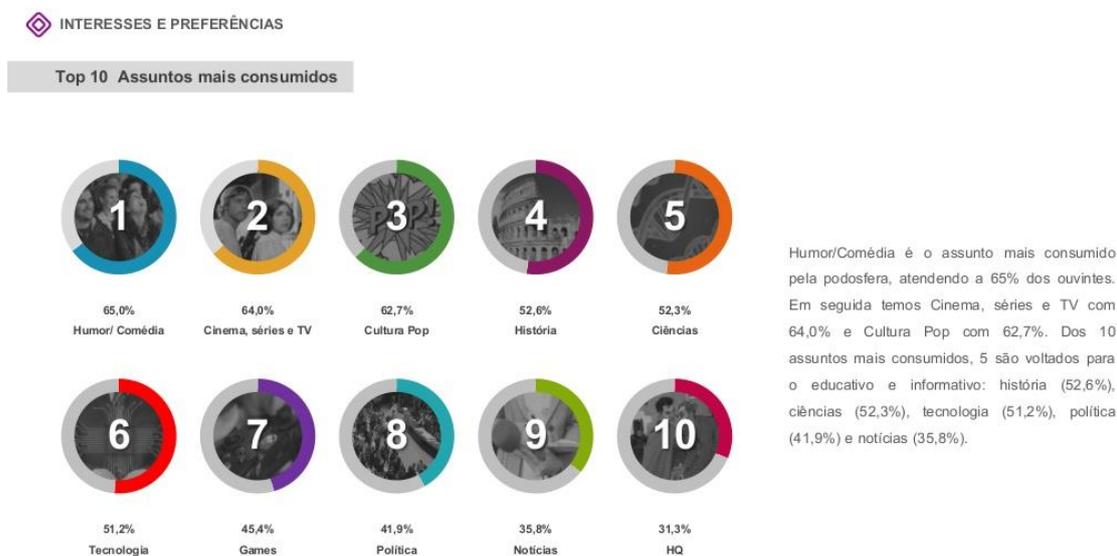
“Nada substitui ler, estudar, pesquisar, elaborar – atividades típicas de dentro para fora, participativas, autopoéticas. O professor é peça chave, sem dúvida, mas faz parte dos fatores externos, até porque pode também atrapalhar. Assim como o pai não pode viver a vida do filho, o professor não pode fazer a aprendizagem do estudante. Pode mediar e aí está seu heroísmo”. (DEMO, 2016, texto digital).

Maurício Severo da Silva, diz que

“(.) estas ações foram importantes para tornar a criação do podcast uma estratégia de aprendizagem potencialmente significativa, uma vez que possibilitou que os estudantes compreendessem como a atividade seria desenvolvida em sala de aula, como deveriam realizar a pesquisa de forma autônoma, (...)”. (SILVA, 2019, p. 90-91)

Na análise da Podpesquisa de 2018, que buscou os assuntos mais consumidos neste período, temos sistematizado 10 categorias da mais consumida para a menos consumida, sendo: em primeiro lugar com “65% humor/comédia”, segundo colocado com “64% temos cinema, séries e Tv”, em terceiro colocado com “62,7% cultura pop”, em quarto lugar com “52,6% temos a busca pela História”, em quinto com “53,3% da preferência temos a busca por assuntos de Ciências”, com “51,2%” do interesse dos ouvintes ocupando o sexto lugar temos a procura por “tecnologia”, com “45,4%” a busca por assuntos “games” ocupa a sétima colocação, a busca por “política” ocupa o oitavo lugar com “4,9%”, em nono lugar com “35,8% o interesse é por notícias” e em ultimo lugar dentro desta pesquisa com “31,3% o consumo é por HQs”. No site da ABPod, na aba da Podpesquisa 2018 encontra a figura abaixo referenciando esta discussão.

Figura 15 – Interesses e preferências: Top 10 assuntos mais consumidos.



Fonte: Abpod¹³².

Nos dias 01 e 02 de novembro de 2019, a plataforma Spotify realizou o primeiro encontro de podcasters e escolheu o Brasil para sediar o evento Spotify for podcasters summit, primeiro evento focado 100% no mercado de podcast (retirado do site Spotify for podcasters summit)¹³³. Segundo o site “Canaltech” o motivo de a

¹³² Disponível em <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

¹³³ Disponível em <<https://spotifyforpodcasterssummit.com.br/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

plataforma Spotify ter escolhido terras brasileiras é que o “Brasil é o segundo país que mais consome podcast, (...) perdendo apenas para os Estados Unidos”¹³⁴. No site “Propmark” é defendido que o consumo de podcast no Brasil “cresceu 39% do segundo trimestre para o terceiro trimestre” de 2018, e a “plataforma Spotify agregam 500 mil podcasts”¹³⁵. Em ambos os sites citados, e que fazem referência ao primeiro encontro de podcasts, é possível ver que a ordem dos assuntos mais consumidos por ouvintes de podcast, sofre alterações em relação aos dados da Podpesquisa 2018, sendo: em primeiro “Sociedade & Cultura”, segundo “Comédia”, terceiro “Educação”, quarto “Tv e Filmes”, quinto “notícias”, sexto “negócios”, sétimo “Música”, oitavo “Religião e Espiritualidade”, nono “Lazer” e em décimo lugar podcasts que focam em “esportes”.

Ao visualizar as duas pesquisas sobre os assuntos mais consumidos, vemos que assuntos relacionados ao ensino estão sempre entre os 10 mais bem colocados. Na Podpesquisa de 2018, temos História e Ciência, nas posições de quarto e quinto colocados respectivamente e os dados obtidos no pós-primeiro encontro de podcasts, mostram que a Educação ocupa o terceiro lugar dos assuntos mais consumidos pelos ouvintes. Compreender quais assuntos são os mais procurados é relevante, pois a possibilidade de ouvirem, o que foi produzido pelos discentes do sétimo ano de uma escola pública do interior do Pará, aumenta criando expectativa no tocante a manifestar a consciência histórica nos ouvintes, já que terão contato com o conhecimento difundido por meio do podcast. A historiadora Flávia Caimi diz que

“Boa parte das aprendizagens que fazemos na nossa vida cotidiana tem caráter espontâneo, incidental, requer pouco empenho consciente, uma vez que ocorre em interação com os objetos e com os outros sujeitos, pela observação, imitação, repetição, enfim, pela experiência direta”. (CAIMI, 2019, p. 209).

Como já supracitado o Brasil, nos dias de hoje, é o segundo país em consumo de podcast. E os números vêm numa crescente acompanhado pelo

¹³⁴ Disponível em <<https://canaltech.com.br/entretenimento/spotify-for-podcasters-summit-traz-dicas-e-novidades-para-brasileiros-154167/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

¹³⁵ Disponível em <<https://propmark.com.br/digital/brasil-sedia-primeiro-evento-100-focado-em-podcasts-do-spotify/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

aumento de programas direcionados a este tipo de mídia. Há uma infinidade de pessoas ou grupos de pessoas produzindo podcast¹³⁶. Entre os podcasts mais ouvidos no Brasil, de acordo com a Podpesquisa 2018, temos: em primeiro lugar o “Nerdcast com 57%”, seguido do “Não Ouvo com 21,2%”, em terceiro lugar temos o podcast “Mamilos com 13,3%” da preferência dos ouvintes, em quarto lugar o “Anticast com 13,1%”, em quinto com “12,9% o Gugacast”, com “11,2% e em sexto lugar o podcast Xadrez Verbal”, “Braincast ocupa o sétimo lugar com 10.4%”, em oitavo lugar com “9,2% o podcast Matando robôs gigantes”, também com “9,2%, em nono lugar o podcast 99 vidas” e em décimo lugar com “9,1% o podcast Café Brasil”. A imagem abaixo, retirado da Podpesquisa 2018, ilustra os dados colocados.

Figura 16 – Interesses e preferências: Top 10 podcasts mais citados.



Fonte Abpod¹³⁷.

3.5 Uma breve experiência

A edição dos podcasts, foi mais difícil do que eu pensava, idealizei fazer todo o trabalho de edição para que outros profissionais da educação vissem que não era algo fora da nossa realidade. Contudo, a falta de habilidade com o programa de

¹³⁶ Disponível em <<https://propmark.com.br/digital/brasil-sedia-primeiro-evento-100-focado-em-podcasts-do-spotify/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

¹³⁷ Disponível em <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

edição escolhido por mim¹³⁸ deixou-me em xeque. Em conversas com outros professores na escola MCP, foi-me revelado que o professor JRC do componente curricular Educação Física tinha facilidade em trabalhar com programas de edição, em conversa particular com o professor, este se comprometeu em me ajudar com a edição dos podcasts.

O programa usado pelo professor JRC para a edição foi o VEGAS 4.0, ele já tinha este programa instalado em seu notebook de uso pessoal, então desconheço como e quais os meios que o professor usou para instalação do programa. Conseguimos organizar os podcasts em uma manhã, foram quatro episódios. Ao terminar a edição dos podcasts, disponibilizei por 72h, ou seja, os podcasts ficaram disponíveis das 21h00minh do dia 15 até as 21h00min do dia 18 do mês de março de 2020.

Através da plataforma Anchor¹³⁹, onde foi criado um perfil de nome Prof. Rogério Almeida, fiz o upload dos episódios de podcasts desta forma consegui hospedar gratuitamente e distribuí-lo pelos mais diversos canais de acesso a podcasts, dentre eles a plataforma Google Cast e a plataforma Spotify¹⁴⁰. Este último, por saber que pode ser baixado gratuitamente nas lojas de App's dos sistemas Android e iOS, passou a ser meu foco de análise nesta experiência. Mesmo sabendo que, alguns alunos não possuem celulares para ouvirem os podcasts e os que possuem celulares costumam não terem frequentemente conexão com a internet. Subi os podcasts para as plataformas, o objetivo neste experimento era saber como esse tipo de conteúdo, voltado para o conhecimento histórico, se comporta na rede de conexões, internet.

¹³⁸ O programa escolhido foi o Audacity.

¹³⁹ <<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=https://anchor.fm/&prev=search>>. Último acesso em 31 de jul. 2020.

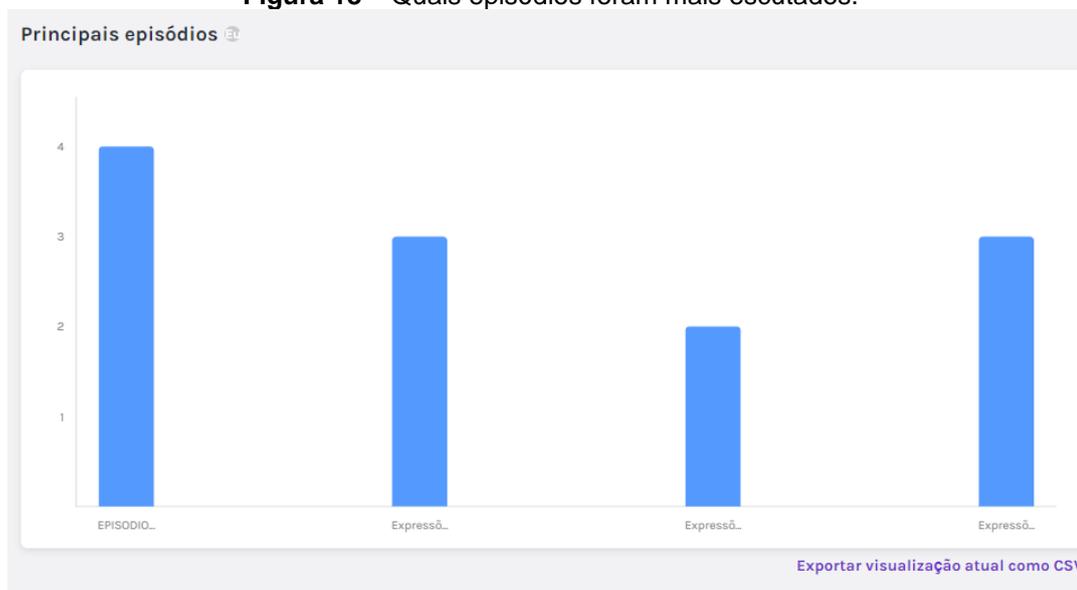
¹⁴⁰ Estas duas plataformas são citadas, devido ao fato de terem sido as únicas em que houveram visitas.

Figura 17 – Capa do perfil criado para a divulgação dos podcasts, em modo de experiência



Fonte: autor.

Os podcasts foram divididos em quatro episódios, que denominei da seguinte forma: Episódio Zero, com 2min., tem como intuito fazer uma introdução sobre o que será abordado nos podcasts, além de explicar sobre o porquê de adentrar nesse universo dos podcasts. O Episódio I, com 3min. 17seg., tem como denominação Expressão Popular Local, que trabalha com expressões populares de conhecimento exclusivo dos municípios do Tauá. O Episódio II, com 6min. 17seg., foi denominado de Expressões Populares Relacionadas à Escravidão do Negro no Brasil, este episódio faz abordagens diretas a expressões populares nascidas dentro do período de escravidão negra no Brasil. E o Episódio III, com 12 min. 26seg., foi denominado de Expressões Populares de Cunho Socioeconômico e Outros, o qual apresenta em seu conteúdo, explicações de expressões populares ainda usadas dos dias de hoje, mas, que nasceram nos tempos do Brasil Colonial.

Figura 18 – Quais episódios foram mais escutados.

Fonte autor.

A figura acima retirada do site anchor, e especificamente do meu perfil neste site, mostra quais episódios tiveram acessos e quantos acessos tiveram cada episódio. O episódio zero teve quatro acessos, o episódio I teve três acessos, o episódio II teve dois acessos e o episódio III teve três acessos. Em três dias pudemos ter estes dados, relacionados aos números de ouvintes por podcasts. Logo, entendo que o número de acessos foi bom, um dos episódios obteve quatro acessos em três dias. Para um perfil recém-criado e colocado sem nenhum tipo de divulgação foi até interessante o número de pessoas que acessaram para ouvir os podcasts. Frisando que os podcasts produzidos pelos discentes não tiveram ainda a apreciação deles¹⁴¹.

Finalmente, observa-se que a análise proporcionada por este capítulo, *a priori*, faz uma discussão sobre como organizei a pesquisa, levando em consideração os sujeitos e o tempo de pesquisa. O tempo para o desenvolvimento da pesquisa esteve enquadrado em minhas aulas com a referida turma, vale ressaltar que o componente curricular História ocupa dois tempos de aula por

¹⁴¹ Em meados de março do ano de 2020, as aulas foram suspensas, o mundo passava (e até o presente momento continua) por um período de reclusão motivado pela pandemia do Corona Vírus, causador da doença COVID-19, conseqüentemente não consegui mais ter contato com os estudantes dificultando assim a devolutiva, momento no qual eu mostraria para os discentes os podcasts produzidos e o alcance que ele teve em pouco tempo disponível nas plataformas direcionadas para essas mídias, essa devolutiva possibilitaria escrever sobre os podcasts e os discentes.

semana, nas turmas do 7º ano na escola MCP e cada tempo de aula tem 50 minutos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São discorridos nestes tópicos, as expressões populares e seus significados, relacionando-os com o ensino de história e almejando desta forma refletir sobre a manifestação da consciência histórica. As expressões populares relatadas e discutidas são de cunho local, sendo que também há expressões populares de âmbito nacional. Os debates feitos em sala de aula nas rodas de conversas, os quais denominei de “bate-papo”, foram importantes, já que os alunos tiveram a oportunidade de externar aquilo que entediam sobre as expressões populares discutidas, mostrando também que os conhecimentos prévios são uma forma de expandir o ensino de história.

As discussões sobre as expressões populares caminharam para a confecção de um produto, que tem como objetivo difundir conhecimento histórico, o produto é uma mídia audível conhecida como podcast. Os podcasts nos últimos anos vêm aumentando seus números tanto em quantidade de programas quanto em quantidade de ouvintes.

Os podcasts produzidos pelos alunos têm como foco possibilitar conhecimento através das historicidades das expressões populares. Há vários programas de podcast no Brasil, como já foi exposto no capítulo 3. E ressaltando que o Brasil é o segundo maior consumidor de podcast do mundo, o mais “famoso” dos podcasts é o “Nerdcast”, que conversa sobre “história, ciência, cinema, quadrinhos, literatura, tecnologia, games, RPG”.

O “Nerdcast” em sua trajetória de quase 20 anos, fez dois episódios discutindo sobre essa temática da historicidade das expressões populares, sendo eles os episódios 720 e 736. O episódio 720 tem 1h e 46 min. e foi ao ar 10 de abril de 2020, tendo como título “Não vale usar Google”¹⁴² e o episódio 736 com 1h e 11min. tendo seu upload no dia 31 de julho de 2020, e como título “Não vale usar

¹⁴² Descrição do episódio: “Neste podcast: Explicando ditos e termos populares sem ajuda da internet! O que pode dar errado? ”. Disponível em <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/nao-vale-usar-google/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

Google 2”¹⁴³. Além do, Nerdcast outros canais de podcasts também abordaram, em algum momento em seus episódios, a temática expressão popular.

O podcast “Coluna de Hercules” também traz essa abordagem, porém, analisando somente as expressões populares oriundas na Antiguidade. O episódio chama-se “Ditados e expressões inspirados na Antiguidade¹⁴⁴” é o de numero 007 deste canal sendo disponibilizado nas plataformas em agosto de 2020 com uma duração de 1h e 10min.

Acredito que devido à pandemia e a necessidade de isolamento, profissionais das mais diversas áreas, e principalmente os da educação, entraram, forçados ou não, no mundo das tecnologias. Logo, em uma análise rápida pelo site de busca Google percebi que há muitos podcasts destinados às explicações históricas. E pormenorizando esta pesquisa vi que os podcasts relacionados à temática da expressão popular, também estão em alta.

Analisei, lembrando que busquei os podcasts que apareceram na primeira página, depois de colocar as palavras chaves¹⁴⁵ na caixa do Google, os canais de podcasts: “Ciência ao Pé do Ouvido” que no episódio 22 trouxe a denominação “expressão popular e ditados populares¹⁴⁶” este episódio tem 19min. e 9seg. e foi subido para as plataformas no dia 24 de agosto de 2021. Além do episódio do “Colégio WRJ”, chamado de “Ditados Populares¹⁴⁷” tendo este 12min. e 6seg.

¹⁴³ Descrição do episódio: “Neste podcast: Tentando não viajar na maionese, os nerds discutem o significado de ditos populares e mais uma vez não podem consultar o Google para descobrir! ”. Disponível em <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/nao-vale-usar-google-2/>>. Acesso em 31 de jul. 2020.

¹⁴⁴ Descrição do episódio: "Agradar gregos e troianos", "dar a César o que é de César", "toque de Midas", "até tu, Brutus, meu filho?", "calcanhar de Aquiles", "cavalo de Troia", entre outras, são algumas expressões que nós usamos no nosso cotidiano que são inspiradas em histórias, lendas e apropriações da Antiguidade. Mas qual a história por trás de cada uma delas? Nesse episódio do Colunas de Hércules deste vamos te contar de onde saiu cada uma delas, seja da história, seja da mitologia, seja da literatura, contando com a participação de Icles Rodrigues, do Leitura Obriga HISTÓRIA e do podcast História FM. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0Vjshyp1VfHN2fLhJIP8F7>. Último acesso em: 31 de out. 2021.

¹⁴⁵ A palavra chave que usei foram podcasts sobre expressões populares.

¹⁴⁶ Descrição do episódio: “Expressões e ditados populares podem provocar muita curiosidade e carregar uma sabedoria que merece atenção. Mas quais seriam as origens dessas falas? O que muda de região pra região? As expressões brasileiras têm paralelo com o que é dito em outros lugares do mundo? ”. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5DcAFQhER3S1xFVsYLfuc9>. Acesso em 31 de out. 2021.

¹⁴⁷ Descrição do episódio: “Toda língua tem expressões, frases, ditos ou dizeres que são chamados de populares, pois são usados com significados próprios, muitas vezes diferentes do sentido literal, sentido que é empregado exatamente como está determinado nos dicionários, formalmente. Algumas vezes, usamos essas expressões e ditos populares, mas não temos ideia do que significam, ou de qual é a sua história. Mas não deixe sua curiosidade acabar em pizza. Descubra agora de onde vem

postado no dia 10 de jun. de 2021. Já o historiador Nilson Ricardo que tem um canal de podcast intitulado “História instantânea” explica em dois episódios, sendo que o primeiro se chama “Expressões populares – parte 1” com 6min. e 8seg. tendo seu upload no dia 28 de janeiro de 2021 e o segundo chamado de “O bizarro mês de maio. O mês das noivas” com 5min. e 43seg. Este episódio foi subido em 05 de fev. de 2021, estes episódios contem explicações sobre expressões populares¹⁴⁸.

Os podcasts produzidos a partir desta dissertação, que também trazem a historicidade das expressões populares, têm como caráter não só levar conhecimento a outros, mas, igualmente mostrar para os estudantes que o conhecimento pode ser produzido pelos mais diversos sujeitos históricos, e que a escola em seu espaço físico, considerando as variadas peculiaridades relatadas no capítulo 3, é um dos espaços importantes para difusão de conhecimento produzido pelos alunos de diversas maneiras entre elas a que foi proposta neste trabalho, os podcasts¹⁴⁹.

Os podcasts produzidos pelos discentes e por mim estão disponíveis nas mais diversas plataformas que abrigam este tipo de mídia¹⁵⁰. Como relatado anteriormente devido à pandemia do covid-19, não foi possível ter uma análise dos estudantes sobre suas pesquisas em formato de podcasts nas plataformas. Contudo, o podcast é um projeto que ainda terá continuação com outras temáticas e dentro do ensino de história, podendo ser nesta escola trabalhada ou em outras que poderei lecionar.

É importante ressaltar que a produção e pesquisa sobre os podcasts dentro da escola fazem com contemplemos de forma educativa e divertida os podcasts, inclusive de outras pessoas, programas ou instituições. Isso proporciona aos estudantes novas experiências de aprendizagem, pois já foi relatado, nesta dissertação, que muitos desconheciam os programas de mídia audível. Logo, esses

algumas expressões populares”. Disponível em: <https://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6Ly9hbmNob3luZm0vcy8xZDVmMWJjYy9wb2RjYXN0L3Jzcw/episode/NTI3MWQwMzgtMTA3MS00OWE1LTJhMjktMmY2Y2I2M2RhYzk4?hl=pt-PT&ved=2ahUKEwjwhYLekPXzAhUsp5UCHVtfBm8QjrkEegQIBRAI&ep=6>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

¹⁴⁸ Descrição do canal: “Podcast com histórias rápidas pra você que não tem muito tempo, mas sempre gosta de saber mais um pouquinho sobre esse mundão curioso da história”. Disponível em: <https://anchor.fm/historiador-nilson-ricardo>. Acesso em 31 de out. 2021.

¹⁴⁹ Quando estivermos ocupando todos os espaços físicos da escola de novo, com a participação integral dos alunos retornaremos a produzir mais podcasts.

¹⁵⁰ Os links podem ser encontrados no Apêndice A.

acontecimentos no chão da escola ajudam-nos a refletir sobre o ensino de história, especificamente conhecimento histórico escolar.

As reflexões sobre conhecimento histórico escolar contribuíram muito, e positivamente para o entendimento sobre a docência a qual desempenho, já que me apresentou: metodologias e ferramentas, ambas de caráter pedagógico, de me apropriar para lecionar com mais competência e nas quais pude usar com o intuito de crescimento profissional, estes mecanismos utilizados serviram para ampliar a percepção histórica dos estudantes, sendo que foi e ainda é de fundamental importância para o ensino de história.

Compreender as amplitudes de se desenvolver alguma coisa pedagógica e de cunho histórico, neste caso os podcasts, com os alunos, e que a participação deles é valiosíssima nesta construção é importante, já que se trabalham as habilidades propostas pela BNCC e pelo Documento Curricular de Santo Antônio de Tauá, além de mostrar-nos como o espaço escolar pode ser aproveitado para a produção de conteúdos.

Esta dissertação contribuiu na construção de podcasts, revelando a possibilidade de criar novas ferramentas de aprendizagem, como já falado e explicado anteriormente, os podcasts fomentam ensino de história, para além dos muros da escola. E tendo como produção a participação dos discentes, julgo que podemos aguardar obras mais bem elaboradas, com uma qualidade não só de som, mas de pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BERUTI, Flávio e MARQUÊS, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Cotidiano e História Local**. In Ensino de História: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

BLOCH, Marc. **“Apologia da história ou o ofício de historiador”**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BRIOSO, Evandro. **História de Santo Antônio do Tauá**. Patrocínio da Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Tauá/PA, 1976.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história: metodologia de ensino da história**. 1ª edição. – Curitiba: Base Editorial, 2012.

BURKE, Peter e PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, Indivíduo e Sociedade**. São Paulo: 1ª reimpressão. Editora UNESP. 1993.

BURKE, Peter e PORTER, Roy (Org.). **Línguas e Jargões contribuições para uma história social da linguagem**. São Paulo: Editora UNESP. 1997.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP. 1995.

BURKE, Peter. **Conceitos centrais**. In: **História e teoria social**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002, p. 67-144.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Coleção Aldus. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2003.

BURKE, Peter. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

CAIMI, Flávia. **Progressão do conhecimento histórico**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História** (Coor.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019, p. 209-213.

CAINELLI, Marlene. **Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental**. Educar, Curitiba, Especial, p. 57-72, 2006. Editora UFPR.

CAPÍTULO 10. **A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel**. Texto digital disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3369246/mod_resource/content/1/Capitulo%2010%20-%20A%20teoria%20da%20aprendizagem%20significativa%20de%20Ausubel%20-%20Teorias%20de%20Aprendizagem%20-%20Moreira%2C%20M.%20A.pdf.

Acesso em 13 de fev. 2021

CARDOSO, Oldimar. **Didática da História**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenação). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

CASCUDO, Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

CASCUDO, Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. In Ministério da Educação e Cultura – Conselho Federal de Cultura. **Revista brasileira de cultura**. Sedação: Palácio da Cultura — 7.º andar Rio de Janeiro — Brasil, 1969.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e Consciência histórica – Implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e Consciência histórica** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica: del saber sabio al saber ensinado**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1997.

COSTA ALMEIDA, LUANA, DALBEN, ADILSON, DE FREITAS, LUIZ CARLOS. **O IDEB: LIMITES E ILUSÕES DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL**. Educação & Sociedade [en línea]. 2013, 34 (125), 1153-1174 [fecha de Consulta 1 de Febrero de 2021]. ISSN: 0101-7330. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87330049008>

DE CERTEAU, Michel. **A operação historiográfica**. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 56-119.

DEMO, Pedro. **APRENDIZAGEM AUTÊNTICA NA ERA DIGITAL: Envolvendo estudantes via pesquisa**. 2016. Disponível em: <https://docs.google.com/document/u/1/d/1ub9Ok98FK-WkK4HUQw7YQ-xU4pq4JImG-CshrH9zVQw/pub>. Acesso em: 05 dez. 2016.

Documento Curricular Municipal de Santo Antônio do Tauá.

EREKSON, K. A. **Putting History Teaching “In Its Place”**. *The Journal of American History*, 97 (4), 2011, p. 1067 – 1078.

Ferracioli, Laércio. **Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 194, p. 5-18, jan./abr. 1999.

FERREIRA, João Carlos Vicente (organizador). **O Pará e seus Municípios. Rede empresa de energia elétrica**. Belém-Pa, edição-2003.

FREIRE, Eugenio Paccelli Aguiar. **Podcast na Educação Brasileira: Natureza, Potencialidades e Implicações de uma tecnologia da comunicação**. Doutorado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra – Coleção Leitura, impresso no Brasil em 2002.

GABALDI, Elza de Fátima. **Léxico e Identidade: as expressões idiomáticas do povo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em língua portuguesa). PUC, São Paulo; 169 f. 2012.

GENO, Francisco Carvalho. **Fenômeno do futebol, o torcer globalmente**. In: Revista Acadêmica COMUNIGRANRIO. Universidade UNIGRANRIO. 2010. v. 2 n. 2 (2010).

GIL, Carmem Zeli de Vargas e ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A docência em História: reflexões e propostas para ações**. 1ª edição, 1ª impressão. Edelbra, 2012.

GONTIJO, Rebeca. **Cultura Histórica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenação). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. Nº 41.

JOYCE, Patrick. **O Inglês do povo: língua e classe na Inglaterra (1840-1920)**. In: BURKE, Peter e PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, Indivíduo e Sociedade**. 1ª reimpressão. Editora UNESP. 1993.

JÚNIOR, Lucio Emílio do Espírito Santo. **O Sebastianismo em Portugal e o messianismo no Brasil**. Boletim do CESP – v. 20, n. 26 – jan./jun. 2000.

KNAUSS, Paulo. **Sobre a norma e o obvio: a sala de aula como lugar de pesquisa**. In: NIKITIUK, Sonia (Org.). **Repensando o Ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996, p. 23 – 46.

LAUTIER, Nicole. **Os saberes históricos em situação escolar: circulação, transformação e adaptação**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-58, jan./abr., 2011.

LEE, Peter. **Literacia histórica e história transformativa**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p.107-146, abr./jun. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo. Cortez 2013.

LIMA, Maria. **Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos**. In: MAGALHÃES, Marcelo [et. al] (Org.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014, p. 51-75.

LUIZ, Lucio; ASSIS Pablo de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Educação**, 9, 2010, Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2010.

MARTINS, Estevão de Rezende. **Consciência Histórica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenação). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel**. In: **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos**. São Paulo, Editora Moraes, Revisada em 1995.

MUNIZ, Mariana Lima [et al]. **Rumos da arte: ensino fundamental: anos finais 7º ano**. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

NETTO, Ernesto Padovani. **Ensino para diferentes sujeitos: O acesso de alunos surdos às aulas de História**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de pós-graduação em Ensino Profissional em Ensino de História, PROFHISTÓRIA. Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua.

NOGUEIRA, Carlos. **A lenda de Pedro Sem: da oralidade ao cordel português e brasileiro e a literatura para crianças e jovens**. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008**. Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação.

OBELKEVICH, James. **Provérbios e História Social**. In: BURKE, Peter e PORTER, Roy. **História Social da Linguagem**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

PINTO, Helena. **A interculturalidade em Educação Patrimonial: desafios e contributos para o ensino de História**. Educar em Revista, Curitiba, n. 63, p. 205-220, jan./mar. 2017.

PPP. **Projeto Político Pedagógico**, da Escola Municipal de Ensino fundamental Major Cornélio Peixoto.

Projeto Araribá: **História / organizadora Editora Moderna**; obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Maria Raquel Apolinário. – 4. Ed. – São Paulo: Moderna 2014.

PYLE, Howard. **Rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda**. Edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR. Versão Ebook. 2013.

Raad ILF. **As ideias de Vigotski e o contexto escolar**. Rev. Psicopedagogia 2016; 33 (100): 98-102.

RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. Tese (Doutorado em estudos linguísticos) – UNESP, São José do Rio Preto; 311 f. 2009.

RÜSEN, Jörn. **Didática – funções do saber histórico**. In: **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007, p. 85-133.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História. Pensamento em ação na sala de aula**. 1ª edição, 1ª impressão. – São Paulo: Editora Scipione, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E OBRAS PÚBLICAS. **Estudo de delimitação da região metropolitana de Belém**. Organizadores: Helena Lúcia Zagury Tourinho; Andréa de Cássia Lopes Pinheiro; Leonardo Augusto Lobato Bello.—Belém: SEDOP, 2018.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009, p. 155.

SILVA, Maurício Severo da. **O uso do podcast como recurso de aprendizagem no ensino superior**. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – programa de pós-graduação em ensino, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado – RS, 2019.

TABILE, Ariete Fröhlich e JACOMETO, Marisa Claudia Durante. **Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso**. Rev. psicopedag. [online]. 2017, vol.34, n.103 [citado 2020-09-09], pp. 75-86 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008&lng=pt&nrm=iso . ISSN 0103-8486.

Tracto & Spreaker. **Como fazer um podcast, do equipamento à monetização: aprenda a criar um podcast do zero**. Ebook publicado em março de 2020, com participação especial da Shure.

URBANO, Hudinilson. **Dicionário Brasileiro de Expressões Idiomáticas e Ditos Populares: desatando nós**. São Paulo: Editora Cortez, 2018.

FONTES ELETRÔNICAS

<http://abpod.com.br/podpesquisa/>. Acesso em 03 de fev. 2020.

<http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/15047903>. Acesso em 01 de fev. 2021.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 de nov. 2021.

<http://veropesodaartedebelem.blogspot.com/2010/03/egua-o-que-significa-esta-expressao.html>. Acesso em: 03 de ago. 2020.

<http://www.cedenpa.org.br/>. Último acesso em: 03 de ago. 2020.

<http://www.fritzlandia.org/about/>. Acesso em 11 de ago. 2020.

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2371-1.pdf> . Acesso em: 11 de out. 2021.

<http://www.medsenior.com.br/artigos/quando-comeca-a-terceira-idade>. Acesso em: 04 de mar. 2022.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/L11274.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

<http://www.sedap.pa.gov.br/par%C3%A1-produtivo>. Acesso em: 12.10.21.

<https://abpod.com.br/podpesquisa/>. Acesso em 11 de ago. 2020.

<https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. Acesso em: 03 de ago. 2020.

<https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/o-preconceito-nas-entrelinhas/>. Acesso em 22.10.21.

<https://canaltech.com.br/entretenimento/spotify-for-podcasters-summit-traz-dicas-e-novidades-para-brasileiros-154167/>. Acesso em 31 de jul. 2020.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santo-antonio-do-taua/panorama>. Acesso em 12.10.21.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santo-antonio-do-taua/panorama>. Último acesso em: 03 de ago. 2020.

<https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>. Acesso em: 18 de out. 2021

<https://contactout.com/RonaldoRacum-RonaldoRacumFerreira-24674450>>. Acesso em 11 de ago. 2020.

<https://curiosidadesinteressantes.com.br/qual-a-origem-da-expressao-pe-rapado/>. Acesso em 17 de jan. 2020.

<https://ff.garena.com/index/pt/> acesso em 11 de out. 2021.

<https://institutoneurosaber.com.br/principais-etapas-do-processo-de-aprendizagem/#>. Acesso em 21.10.21.

<https://lareetc.wordpress.com/2012/08/22/de-onde-vem-maximas-ditados-populares/>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/somos-todos-macacos-dilma-ivete-angelica-e-outros-famosos-apoiam-daniel-alves-contra-racismo>. Acesso em: 21 de abr. 2020.

<https://oglobo.globo.com/esportes/daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor-em-jogo-do-barcelona-12314451>. Acesso: 21 de abril de 2020.

<https://propmark.com.br/digital/brasil-sedia-primeiro-evento-100-focado-em-podcasts-do-spotify/>. Acesso em 31 de jul. 2020.

<https://gedu.org.br/cidade/3408-santo-antonio-do-tauai/ideb>. Acesso em: 12.10.21.
<https://rockcontent.com/br/blog/podcasts/>. Acesso em: 12/01/2020.

<https://spotifyforpodcasterssummit.com.br/>. Acesso em 31 de jul. 2020.

<https://super.abril.com.br/especiais/nao-marque-touca-a-origem-de-35-expressoes-populares/>. Acesso em 17 de jan. 2020.

<https://tecnoblog.net/290028/o-que-e-streaming/>. Acesso em 26 de ago. 2021.
<https://tokdehistoria.com.br/2013/01/16/ditados-populares-e-seus-significados-segundo-cascudo/> . Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=https://anchor.fm/&prev=search>>. Último acesso em 31 de jul. 2020.

<https://veja.abril.com.br/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor>. Acesso: 21 de abril de 2020.

<https://www.academia.org.br/academicos/martins-pena/biografia>>. Acesso em 23 de jul. 2020.

<https://www.baixaki.com.br/download/audacity.htm>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140310_racismo_futebol_copa_m_s. Acesso em: 21 de abr. 2020.

<https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-metropolitana-de-belem.html>. Acesso em: 12.10.21.

<https://www.dicio.com.br/zoar/>. Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

<https://www.dicio.com.br/zoar/>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

<https://www.dicionariopopular.com/>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://www.escavador.com/sobre/6336580/huelinton-cassiano-riva>. Acesso em 11 de out. 2021.

<https://www.geledes.org.br/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-escravidao-e-voce-nem-imaginava/>. Acesso em 17 de jan. 2020.

https://www.geledes.org.br/em-boca-fechada-nao-entra-racismo-13-expressoes-racistas-que-devem-sair-seu-vocabulario/?gclid=Cj0KCQjwu8r4BRCzARIsAA21i_AxefE623t8nGVexFrdCvThaUgtQPZ-VemCpbYb02B7Uq5EIPJ-rwcaAtwrEALwwcB. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://www.google.com/maps/@-1.1511159,-48.1326467,93m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

<https://www.google.com/search?q=really+simple+syndication+tradu%C3%A7%C3%A3o&oq=Really+Simple+Syndication+trad&aqs=chrome.3.69i57j0l3.6502j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 03 de fev. 2020.

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>. Acesso em: 12.10.21.

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>. Acesso em: 01.02.21.

<https://www.hypeness.com.br/2016/09/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-a-escravidao-e-voce-nem-imaginava/>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://www.oliberal.com/belem/dicionario-paraense-viraliza-nas-redes-sociais-com-expressoes-bem-humoradas-1.213039>. Acesso em: 03 de ago. 2020.

<https://www.opovo.com.br/noticias/curiosidades/2018/07/voce-sabe-como-surgiu-a-expressao-pe-rapado.html>. Último acesso em 18 de jul. 2020.

<https://www.qedu.org.br/cidade/3408-santo-antonio-do-taua/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageld=7&year=2017>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021

<https://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=2352>. Acesso 01.02.2021.

<https://www.significados.com.br/mimimi/> acesso em 21 de abri. 2020

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/espanhol/ultimas-noticias/2014/04/27/dani-alves-come-banana-racista-forca-2-gols-contra-e-ajuda-barca-a-virar.htm>. Acesso: 21 de abr. 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=8Yy5AzFWAP8>. Acesso em: 11 de maio 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=GT6N2vM6dO0>. Acesso em: 11 de maio 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=h5FYzXcVFcc>. Acesso em: 11 de maio 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=k7NaKwl-egq&list=OLAK5uy_n15p63owQzRwNx5-6nkDqpAYSBGJx5Cy4&index=4. Acesso em: 11 de maio 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=vBXOCV1jQus>. Acesso em 10 de jul. 2020.

SOARES, J.F. IDEB na Lei? Simon's site, 13 jul. 2011. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/jose-francisco-soares-ideb-na-lei/?lang=pt-br> . Acesso em 01 de fevereiro de 2021.

Rei Arthur. Direção Antoine Fuqua. EUA: Buena Vista International, 2004. (126 min.).

APÊNDICE A - Links para os podcasts na internet

Os podcasts estão disponíveis para serem ouvidos desde os dias 06, 07, 08 e 09 de novembro de 2021. Estes são a dimensão propositiva deste trabalho de mestrado e podem ser ouvidos livremente. Podendo ser ouvidos on-line ou off-line (caso sejam baixados). Abaixo os links para os podcasts em diversas plataformas:

<https://anchor.fm/rogerioalmeida>

<https://open.spotify.com/show/0C3fnc2VLLexD3T72NFI5U>

<https://www.breaker.audio/prof-rogerio-almeida>

<https://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6Ly9hbmNob3luZm0vcy8xNjhhZDk4MC9wb2RjYXN0L3Jzcw>

APÊNDICE B – Modelo do questionário aplicado em sala de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PPGEH
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Prezado (a) Estudante!

Estou realizando uma pesquisa importante para minha dissertação de mestrado, a qual tem como tema: *reflexões sobre expressões populares e ensino de história numa escola pública de ensino fundamental em Santo Antônio do Tauá (PA)*. Seu nome não será divulgado na dissertação ou em outros trabalhos. Quando for necessário, usarei pseudônimos. Suas respostas serão de grande contribuição para o ensino de história. Agradeço desde já sua colaboração.

I. Sobre você

1 – Nome:

2 – Ano/série:

3 – Idade:

4 – Qual (is) disciplina (as) você mais se identifica?

- Português
- Matemática
- Ciências
- Geografia
- História
- Inglês
- Educação física
- Estudos amazônicos
- Artes
- Ensino religioso

5 – Por que você se identifica com essa (as) disciplina (as)?

6 – Local de sua residência:

- Sede
- Fora da sede

7 – Se mora na sede, você considera seu bairro periférico:

- Sim
- Não
- Talvez

8 – Se mora em localidades, vilas, comunidade, distrito, outros..., qual o nome do local?

9 – Mora com quem atualmente?

- Pai e mãe
 - Pai
 - Mãe
 - Pai e madrasta
 - Mãe e padrasto
 - Avós, tios, irmãos, outros qual (is)
-
-

10 – Qual a escolaridade dos responsáveis que moram com você?

Pai ou padrasto:

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo

Mãe ou madrasta:

- Ensino Fundamental incompleto

- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo

Avós, tios, irmãos, outros:

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo

II. Sobre a minha pesquisa

11 – Você sabe o que são as expressões populares (ditados populares)?

- Sim
- Sim, mas não sei explicar
- Não

12 – Costuma usar alguma expressão popular? Qual (is)?

- Sim
- Não

13 – Seus responsáveis usam expressões populares? Qual (is)?

Sim

Não

14 – Qual expressão popular você mais ouve?

15 – Qual expressão popular você mais fala?

16 – Conhece o significado das expressões populares que conhece?

17 – Consegue relacionar as expressões populares com a disciplina história?

Sim

Às vezes

Não

18 – Você acha que os modos de falar têm a ver com os estudos de história? Por quê?
